

na
Pegada *do*
COWBOY

TRILOGIA NA PEGADA - LIVRO 1

AGATHA SANTOS



na
Pegada *do*
COWBOY

TRILOGIA NA PEGADA - LIVRO 1

Ágatha Santos
2021

Copyright © Ágatha Santos

Capa e Diagramação: **Criativa TI**

Revisão: **Bah Pinheiro**

Leitura Final: **Aldria Cristina**

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Sinopse](#)

[Dedicatória](#)

[Nota da Autora](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Lucio](#)

[Capítulo 2](#)

[Babi](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Lucio](#)

[Capítulo 5](#)

[Babi](#)

[Capítulo 6](#)

[Babi](#)

[Capítulo 7](#)

[Lucio](#)

[Capítulo 8](#)

[Babi](#)

[Capítulo 9](#)

[Lucio](#)

[Capítulo 10](#)

[Lucio](#)

[Capítulo 11](#)

[Babi](#)

[Capítulo 12](#)

[Babi](#)

[Capítulo 13](#)

[Lucio](#)

[Capítulo 14](#)

[Babi](#)

[Capítulo 15](#)

[Lucio](#)

[Capítulo 16](#)

[Babi](#)

[Capítulo 17](#)

[Babi](#)

[Capítulo 18](#)

[Babi](#)

[Capítulo 19](#)

[Lucio](#)

[Capítulo 20](#)

[Babi](#)

[Capítulo 21](#)

[Babi](#)

[Capítulo 22](#)

[Lucio](#)

[Capítulo 23](#)

[Babi](#)

[Capítulo 24](#)

[Lucio](#)

[Capítulo 25](#)

[Babi](#)

[Epílogo](#)

[Lucio](#)

[Fim](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

[Outras Obras](#)

Sinopse

Uma decepção amorosa levou o peão de Palomino, Lucio, para caminhos gloriosos e bem distantes da cidade natal.

Depois de cinco anos como peão de montaria profissional, dois títulos mundiais conquistados, Lucio retorna para o Brasil com a proposta de competir em um novo circuito, na cidade de Santino.

O que ele não esperava era encontrar com a mulher que lhe proporcionou uma noite quente dentro de um carro e a tempestade como testemunha.

Barbara, uma mimada, herdeira de um império do agronegócio, é forçada a retornar da capital para ajudar seu pai a promover o torneio de montaria em que é patrocinador.

Como rainha da competição e Lucio a estrela principal do evento, são obrigados a manter bom convívio perante todos, mas nos bastidores se provocam e engalfinham a cada chance.

O desejo cresce na mesma proporção que a implicância e ambos precisaram entender o que realmente sentem um pelo outro.

Será que a pegada do *cowboy* é capaz de domar a dona onça?

Dedicatória

À Leticia.

Não lhe dei um aviador, mas sim um peão.

Obrigada por me apoiar e ser a melhor assessora em bienais.

Nota da Autora

Olá, Palomina!

Ops... você pode não ser, ainda, uma Palomina raiz, mas isso pode mudar a qualquer momento.

Quando terminei a série Homens de Palomino, a cisma por alguns personagens secundários permeou meus pensamentos e, finalmente, chegou o momento de contar a história de dois deles.

Para quem não leu, saiba que Lucio e Babi só acontecem de fato neste livro, por isso ele é independente e sem vínculo com a série mencionada.

Lúcio é ex de Rita Maria, personagem do primeiro livro da série, Detestável Para Mim, peão na fazenda do homem que conquista o coração da mocinha.

Já Babi, é ex-namorada de Guilherme, protagonista do terceiro livro, Criado Para Mim. Ela chega em Palomino fugida do pai socorrida pelo tatuado fofo.

E foi neste livro que a ideia de saber como seria o envolvimento do peão bronco com a patricinha metida surgiu. A semente criada germinou e começou a espezinhar minha cabeça, até que saiu.

Se trata de um romance regionalista, caracterizando o interior e a vida de um peão de montaria. Uma linguagem informal e peculiar que retrata a ambientação da história, assim como situações e palavreado escrachado.

Espero que aproveitem essa aventura.



Prólogo

*“Meu chapéu é de palha,
Meu chicote de couro,
Minha espora é de prata,
Minha fivela de ouro.
Rodeio que eu mais gosto
É rodeio que tem touro.
Mulher pra ser bonita
Tem que ter cabelo louro.”*
(Anônimo)

Cinco anos atrás...

A estrada por onde a caminhonete percorria era boa, o asfalto bem tratado e a sinalização de segurança nova e visível, mas a chuva repentina resolveu castigar a visibilidade, era tanta água e vento que tornou impossível prosseguir em segurança.

O patrão deu ordens expressas para levar a mulher ao seu lado, que mais parecia uma boneca delicada, segundo seus pensamentos, entregá-la sã e salva no endereço indicado.

O peão não estava feliz com a tarefa, mas sempre foi um ótimo empregado, cumpria suas obrigações e era considerado um dos melhores funcionários da Fazenda Queiroz. Não seria um rabo de saia esnobe que lhe tiraria o juízo.

Ainda estavam longe do destino, voltar não era opção, já que estavam a mais de uma hora de Palomino, por isso decidiu encostar antes que algum acidente fosse causado. Ele se considerava um ótimo piloto, mas não poderia correr um risco desnecessário.

— Por que paramos no meio do nada? — A garota tirou os fones de ouvido, que colocou logo que entrou no carro.

— A moça não viu a tempestade que *tá* caindo? — Sua intenção era ser direto, nunca grosseiro, mas duvidava que as palavras saíram na entonação tranquila que lhe era costumeiro.

— Não sou cega. Claro que vi. Só não achei que isso lhe daria medo.

— Eu não tenho medo.

Lucio virou o rosto, que se mantinha atento ao para-brisa banhado pela torrente do lado de fora, encarou o perfil da mulher arrogante ao seu lado e conteve o impulso de segurar seu braço com força.

Ele nunca agrediu, sequer falou áspero, com uma mulher. Sua mãe sempre lhe ensinou a ser cortês, apesar de não ter uma irmã para exemplo, ela dizia que a forma como tratava as mulheres dizia muito a respeito do seu caráter.

E, se tinha algo importante para esse peão, era sua dignidade. Um homem batalhador, perdeu o pai muito cedo e se tornou esteio e apoio para a mãe, ao terminar os estudos básicos começou a trabalhar na fazenda que permaneceu até hoje.

— Então, siga viagem. Quero chegar à capital o quanto antes.

— Farei isso, assim que a chuva diminuir. — Sua resposta foi baixa, entredentes, na tentativa de conter a raiva que brotava em suas entranhas.

— Mas eu estou mandando...

— *Uai! Tu não manda em nada, não, moça!* — O tom de Lucio subiu consideravelmente.

— Guilherme pode ser seu patrão, no entanto, está prestando um serviço a mim e isso leva a crer que...

— Que, se *tá* apressada, tome o volante — ele a cortou, com grosseria.

Sua paciência, que costumava ser abundante se liquefez com as atitudes autoritárias da moça ao seu lado. Evidente que em algum momento da vida já foi obrigado a lidar com pessoas como ela, esnobes e soberbas, que se julgam superiores a ele, porém, isso nunca o afetou tanto quanto agora.

— Tudo bem — Babi respondeu, com ar pedante, uma de suas sobrancelhas, muito bem-delineadas, arcou levemente, sem conseguir evitar o movimento.

Ambos se encararam sem nada mais dizer, o barulho da chuva batendo contra a lataria era a trilha sonora do embate formado. De um lado

Lucio mantinha o rosto impassível, somente sua respiração acelerada denunciava a alteração raivosa.

Já Babi continuava com o cinismo, sabia que o comentário dele foi uma provocação aleatória, duvidava muito que de fato o peão lhe permitisse dirigir o carro embaixo do temporal.

Ela sabia do risco em prosseguir viagem nessas condições, mas não suportava mais se manter atrelada a qualquer situação que lembrasse seu ex-namorado. Por mais que Babi não o amasse com o fervor descrito por tantas pessoas, em seu íntimo tinha ciência de que ele a salvaria da vida fadada ao tédio que seu pai planejou.

— Não vai sair para eu tomar a direção? — Finalmente o silêncio foi quebrado por ela.

— Eu não vou tomar chuva por um capricho seu. Se quiser, dê a volta no carro — Lucio devolveu, em tom de provocação.

Deduzindo que a mulher jamais tomaria uma chuva daquelas, confiou que sua proposta seria recusada e ela não teria uma alternativa, a não ser, aceitar a condição de ficarem ali até ser seguro prosseguir.

— Tenho uma ideia melhor. — Lucio observou a mulher se mexer no banco e suas sobancelhas se apertam, confusas.

Babi passou a perna esquerda para o lado dele, apoiou a mão no encosto do banco e moveu o corpo para cima do seu. Lucio, apavorado, afundou no banco, soltando alguns palavrões no processo.

— Passe para o outro lado, peão — ela decretou, enquanto ele estava imóvel.

— Sai de cima de mim, moça — Lucio bradou.

— Não estou em cima de você.

Os olhos de Lucio pairaram em sua anca, que tinha um contorno lindo naquela saia jeans que usava. Não reparou antes, mas as curvas da moça eram avantajadas e provocativas, tudo que um homem com sangue nas veias gostaria de ver em cima de si.

— Volta *pro* seu lugar! — Sua voz elevou, o tom mais rouco que o normal.

— Não! Saia você daqui e me deixe dirigir — rebateu, na mesma altura.

— *Tem base* um negócio desses?^[1]

Na tentativa de acabar com a situação ridícula, Lucio segurou seus quadris com firmeza e a empurrou para o lado. A manobra poderia ser bem-sucedida se Babi não estivesse tão determinada a vencer aquele embate.

Para provar seu ponto, a loira atrevidamente soltou o corpo e caiu sentada no colo do peão. A cena seria constrangedora em qualquer cenário, por sorte, estavam a salvo no meio do nada e a tempestade servia de cortina para qualquer veículo que passasse por ali.

Lucio sentiu uma físgada nas partes baixas, foi instantâneo, a irritação se transformando em excitação, seu membro cresceu exponencialmente, o que tornou impossível Babi não perceber.

— Você... — Ela girou o tronco para trás.

Uma escolha errada, se não queria aguçar ainda mais a libido do peão, já que agora seus seios estavam muito próximos do rosto de Lucio, a respiração quente que exalou da sua boca aberta atingiu a fina camada de tecido que separava seus bicos do contato direto.

Os olhos de Lucio cresceram à medida que a blusa denunciava o sinal entumecido da pele arrepiada de Babi. Ambos encararam a protuberância se formar e quando seus olhos se conectaram, a explosão aconteceu.

Uma noite que nenhum dos dois gostariam de lembrar, mas foi inevitável não deixar acontecer.



Capítulo 1

*“Na segunda eu bebo em casa,
Na terça eu vou pra gandaia,
Na quarta vou pra fazenda
Levando meu chapéu de paia,
Na sexta eu volto e
Caço uns rabos de saia!”
(Anônimo)*

Lucio

Tum-dum.

Tum-dum.

Tum-dum.

O animal abaixo de mim se rebela, ainda no brete^[2], faz várias tentativas de salto, meu corpo sacoleja batendo nas grades de contenção das laterais. Meu amigo, Maldonado, segura meu colete com firmeza, na tentativa das pancadas não me prejudicarem.

Quando o animal se acalma, fecho os olhos por alguns segundos, o momento de me conectar com aquele ponto específico, onde nada mais importa, paro de escutar a multidão ovacionar, a voz do locutor desaparece, a equipe de apoio em volta deixa de existir e meu foco se torna o movimento das minhas pernas na barriga do boi, sentindo sua respiração.

Tum-dum.

Tum-dum.

Tum-dum.

A partir daqui entro em um mundo paralelo, não existe dor, medo, expectativa, nada mais importa, o embate será entre mim e o touro, quem consegue vencer os oito segundos de disputa.

Eu, lutando para permanecer em cima, e ele fazendo tudo que pode para me derrubar no chão. Uma tonelada contra oitenta quilos, soa injusto, ao menos não sou eu que tenho uma corda apertando minha virilha.

Tum-dum.

Tum-dum.

Tum-dum.

Coloco o protetor bucal que me é ofertado, optei por não usar o capacete, quero uma final bonita, entrar na arena como um verdadeiro *cowboy*, uso meu chapéu creme, aliso a corda americana com a luva, sentindo a aderência aumentar, dou uma volta em torno da alça, encaro o juiz acima de mim, pronto para soltar o cronômetro, e aceno.

Um pequeno filme passa em minha mente, sempre que faço o movimento para liberar a prova. O garoto montado em bezerros, fingindo domá-los e sonhando um dia ser o herói que enfrenta o touro feroz e temido. Todo peão tem um pouco do sonho de ser herói. O invencível, imbatível, o super-homem que enfrenta o perigo com um sorriso nos lábios.

Tum-dum.

Tum-dum.

Tum-dum.

Tudo a partir daqui sempre acontece em câmera lenta, a porteira é aberta, minha mão solta da grade, o aperto da luva é intensificado, o animal dá seu primeiro salto para o lado, nos colocando juntos dentro da arena.

A mão de equilíbrio esticada para cima, longe do contato com o boi ou comigo mesmo, mais um salto para o lado oposto, meu corpo retorce, mas consigo manter o embalo.

Meus dedos queimam dentro da luva, o braço que mantém o agarre está totalmente tensionado, rijo, a manga dobrada até o cotovelo deixa as veias sobressalentes à vista.

Tum-dum.

Tum-dum.

Tum-dum.

Outro salto alto joga meu corpo para frente, preciso lutar contra o impacto, forçando meu tronco a voltar ao eixo quando o bicho vira para o outro lado e muda completamente meu ponto de equilíbrio.

Sinto o quadril cair mais para a direita quando aterrizo no lombo do touro, pressiono as pernas em torno da anca, firmo a mão na corda e busco trazer o tronco para o lado contrário.

Tum-dum.

Tum-dum.

Tum-dum.

Por vontade de Deus, ou de Nossa Senhora, minha protetora de todas as horas, o salto seguinte do boi me faz voltar na posição perfeita, meu alinhamento se restabelece e com mais dois saltos no mesmo sentido escuto o sinal.

Engraçado como meus tímpanos se tapam para todo o furdunço à minha volta quando me sento no animal, ainda no brete, porém, quando o sinal que acusa o tempo em cima do animal é dado, sinto como se despertasse de um transe.

O touro ainda pula, enquanto levo minha mão de equilíbrio para soltar a corda em torno da luva, assim que consigo me desvencilhar salto do animal enfurecido, caio no chão de lado e rolo algumas vezes.

Consigo ver as duas patas traseiras dele passar por cima de mim e, ainda acreditando em milagres, cravam no chão com uma distância segura do meu corpo.

Consigo me levantar com rapidez, tiro o chapéu, jogando-o para cima, e ergo os dois braços, comemorando. Consegui fazer o suficiente para permanecer em cima do animal pelo tempo necessário, olho para o grande telão no meio da arena, ansioso com a nota.

Preciso de noventa e dois pontos para levar a fivela de ouro e tornar mais um brasileiro campeão da PBR^[3]. Nós somos uma lenda por aqui, odiados e amados na mesma proporção, onde tem peão brasileiro, é certeza que daremos trabalho para os outros competidores.

Limpo o suor que escorre da testa, tiro o protetor bucal e aceito meu chapéu que um dos salva-vidas recolheu para mim. A adrenalina mantém meu corpo em alerta, ansiando tanto quanto qualquer outro nesta arena pelo resultado.

Coloco o chapéu na cabeça, baixo os olhos e chuto um pouco de areia com a bota, volto a encarar o telão e, por um segundo, um mísero milésimo de tempo, meu coração falha uma batida.

Caio de joelhos com os indicadores apontando para o céu, faço uma prece, agradeço a providência divina que me permitiu estar vivo para sentir a glória sobre meus ombros.

Sou campeão da PBR com noventa e dois pontos e meio, a maior nota da temporada anual, um novato na competição, criticado pela idade já avançada, mas consegui provar que vim para vencer.



Ocupo a cadeira ao lado do meu amigo de longa data, Maldonado, um peão desajeitado que conheci quando cheguei aos Estados Unidos há cinco anos. Na ocasião, me apresentei ao grupo como o dono da fivela de ouro naquele ano e todos gargalharam, pudera, eu era considerado velho quando comecei a montar profissionalmente, minha primeira vez em um evento fora, nunca dariam crédito para o que falei.

Maldonado chegou a dar alguns tapas amistosos no meu ombro e jurar que se eu fosse o ganhador naquele ano, ele seria meu fiel escudeiro a partir disso.

Ele perdeu a aposta.

Cinco anos se passaram e eu vivo com intensidade aquilo que almejei por tanto tempo e nem ao menos me dava conta. Estar entre os melhores peões do mundo, no maior evento, por cinco anos consecutivos sendo bicampeão do torneio, fez eu me tornar uma lenda.

Já houve outros peões que fizeram mais do que eu, ganharam três vezes o prêmio máximo, antes de se tornar popular, os pioneiros enfrentaram o preconceito e as dificuldades para abrir o caminho para nós, de fato, qualquer um que pisou nesta terra merece seu crédito e esforço.

O dilema está no tempo que cada um começou, quando eu montei profissionalmente pela primeira vez, já era considerado fora de padrão. A carreira em montaria não é longínqua, além do risco de vida cada vez que se monta, existem as lesões e o corpo pede por uma trégua.

Em cinco anos, consegui consolidar minha carreira igual a qualquer veterano aqui. Conquistei vários títulos em circuitos pequenos, ganhei espaço e finalmente cheguei ao maior evento no Brasil.

Barretos.

Meu coração batia tão forte durante os dias de competição, que cheguei a procurar um médico no local para confirmar que não estava prestes a ter um *troço*^[4].

Levei o título, o peão de Barretos, o vencedor do ano, fiz as malas no mesmo mês e vim para os Estados Unidos, convidado por um peão mais experiente e já vencedor de uma fivela, fiquei hospedado em sua casa até me estabelecer.

Foi quando conheci todos os brasileiros que buscavam o mesmo que eu, engraçado como somos unidos, mesmo que competindo entre si pelo

prêmio máximo.

Fato é que nossa luta não está na queda do outro, mas em se manter sentado no animal endemoniado embaixo de si.

— *Tá* ouvindo isso, Lucio? Tem base?

Desperto dos pensamentos quando Maldonado cutuca meu braço com o cotovelo e quase faz com que eu vire o copo de cerveja que seguro na mão.

— *Diacho*^[5], Maldonado! — esbravejo, ao curvar o tronco para frente tirando o copo mirado na calça.

— *Tu* não ouviu o homem? — Ele ignora meu protesto e continua o discurso, empolgado. — Vai ter um circuito de montaria no Brasil, o ganhador tem vaga garantida em Barretos!

— E quem disse que eu quero voltar para o Brasil? — retruco, mal-humorado.

— Uai! *Tu* falou isso ontem mesmo. — O encaro, enviesado.

Mantenho o cenho fechado, eu realmente comentei ontem sobre voltar ao Brasil, ele não mentiu, já faz cinco anos que só coloco meus pés na terra natal para competir em Barretos, visitar minha mãe por dois dias e zarpo de volta para cá.

— Eu sei o que falei.

Meu tom sai mais cortante do que pretendia. Não tenho motivos para tamanha irritação, nem ao menos sei por que estou tão fora do meu normal. Atribuo isso ao cansaço, sinto que meu tempo aqui está no final, quem sabe retornando ao Brasil eu reencontre a motivação que tem se esvaído a cada dia.

— *Tá* precisando de uma *potranca*^[6] pra esse mau humor.

— Tem toda razão e eu vou providenciar isso agora mesmo. — Levanto-me em um rompante, deixo o copo de cerveja sobre a mesa e caminho para o meio do salão.

Por todo esse tempo morando aqui, não consegui aprender tão bem o idioma, mas sei o suficiente para me virar e, principalmente, conquistar uma mulher para aplacar a noite solitária de um peão.

Ter amigos com quem contar é muito bom, mas nada é capaz de tirar a solidão quando o homem descansa a cabeça no travesseiro, pensa nos

familiares que estão distantes e no coração que nunca mais bateu mais forte por ninguém.

Eu sei o que é amar, a esperança permeando, rondando a todo momento, um beijo roubado garantia a semana feliz, só imaginando quando teria outra oportunidade de estar com o calmante para a chama que queima dentro do peito.

Por anos, vivi à margem da esperança, até ser jogado para fora da arena e perder todas as chances, quando aqueles lindos olhos claros se encantaram pelo meu patrão.

Não fui traído, não tínhamos nada, quando ela o conheceu, havia um bom tempo que não nos víamos mais, mesmo assim, não consegui deixar de sentir meu peito dilacerar com a perda.

Avisto uma morena linda, curvas marcadas no jeans cintura alta, uma blusinha fina, que eu facilmente rasgaria do seu corpo, sem qualquer dificuldade, gira o corpo acompanhando os passos da dança, seus cabelos lisos e compridos, embaixo de um chapéu preto.

Ela é bonita e serve perfeitamente para o que pretendo fazer esta noite. Montar no boi aciona minha adrenalina, com certeza, mexe com todo o sistema de um peão, faz o coração quase explodir no peito, mas montar uma morena...

— Ah! É *bão* demais — verbalizo os pensamentos que começam a salpicar na mente.

Sinalizo com o queixo em sua direção, ela já estava me encarando enquanto caminhava até próximo do grupo, sabe que tenho interesse em dançar com ela, um momento a sós, ela só não sabe o quão prazeroso será estender pela noite inteira.



Visto a cueca jogada ao lado da cama, pego a calça e enfio uma perna, acabo me atrapalhando para enfiar a outra e quase caio de *fuça*^[2] no chão. Consigo me reerguer, encaro a cama de soslaio e vejo a cabeleira preta espalhada no travesseiro.

Um sorriso travesso desponta nos meus lábios ao me lembrar da aventura na madrugada. Adoro uma mulher fogosa, sem medo ou pudor, se entrega com vontade, cavalga como se estivesse sobre um animal feroz, permite que eu a monte como se domasse uma égua arisca.

— *Diacho!* — Ajeito o pau sob a calça que desperta com as lembranças.

Saio do quarto com cuidado, fecho a porta devagar para não acordar a garota, tenho certeza de que exigi demais dela ontem, apesar de não entender metade do que gritava, meu pau conseguiu interpretar bem os apertos que recebeu dela.

Meu telefone começa a tocar sobre a bancada que divide a sala da cozinha, corro até ele e encaro o número piscando na tela.

Brasil.

Atendo de imediato, preocupado com minha mãe, penso que pode ser alguém telefonando a seu intermédio. Não mantive qualquer amizade de lá, para que alguém possuísse meu contato nos Estados Unidos.

— Oi.

— *Lucio Alves?*

— Sim. Quem fala?

— *Que bom que te encontrei. Tenho um convite a lhe fazer...*



Capítulo 2

*“Eu nunca vi mudo falar,
surdo escutar,
cego enxergar
Mas já vi muita mulher baixinha
fazer homem grande chorar”
— Marco Brasil*

Babi

Não há nada mais prazeroso na vida do que entrar nas lojas exclusivas e comprar a nova coleção, antes mesmo de ser disponibilizado para o público. Isso é para poucos e eu faço parte do grupo seleta.

Cecília, uma amiga que cresceu comigo na fazenda, está me visitando na capital, aproveita as férias do curso que faz e fica comigo aqui.

— Você já não deveria ter terminado essas aulas? — Gesticulo para o ar, quando não lembro por qual profissão optou.

— *Tô* acabando já. Último ano.

— Sei. — Torço os lábios, pouco interessada.

Passo alguns cabides pendurados em uma arara à minha frente, peças tediosas, quase iguais as que já tenho em algum lugar do meu closet. Varro os olhos pela loja, na tentativa de encontrar algo que desperte meu bom humor, mas só encontro os sorrisos engessados das atendedoras.

— Encontrou algo que lhe agrade?

— Só esta blusa, mas eu achei meio cara. — Cecília tem o bom senso de aproximar a boca próximo do meu ouvido, para sussurrar o disparate.

— Deixa eu ver isso. — Tomo a peça das suas mãos e encaro a etiqueta. — São só três dígitos, não é cara. Pode levar.

Deixo minha amiga com os olhos imensos e a boca aberta em choque, entrego a peça para a atendente mais próxima, junto com o meu cartão de crédito ilimitado.

— Ainda acho meio...

— Shiu! — A olho de soslaio — É presente.

A funcionária demora mais do que o habitual para solicitar a senha, tamborilo as unhas, bem-feitas, sobre o balcão e ergo uma sobrancelha, questionando a demora.

— Senhorita Araújo, a compra foi recusada. — Ela estende o cartão de volta para mim.

— Impossível, querida. É ilimitado. Tente outra vez.

— Já testei duas vezes, senhorita.

— Pois, teste mais uma vez — falo baixo, mas a voz sai impositiva.

— Senhorita, a política da empresa pede que...

— Que se dane sua política! — esbravejo.

— Calma, amiga. Não precisa levar a blusa, liga *pra* operadora do cartão e resolve isso. — Cecília toca meu braço.

Respiro fundo, reúno toda a paciência e educação que me foi dada, sorrio complacente, como se não houvesse elevado a voz há menos de um minuto.

— Obrigada. — Pego o cartão e jogo dentro da bolsa.

Ao sair da loja, marcho determinada com o celular em punho e disco o número que evito a todo custo precisar ligar.

— Pai.

— *Filha, querida. Em que posso lhe ser útil?*

— Meu cartão foi negado.

— *Ah, sim. Precisamos conter gastos e, você sabe, os seus são totalmente desnecessários.*

— Dinheiro nunca foi problema para a família, por que agora é?

— *Bom. Claro que os familiares, até mesmo amigos, que estão próximos e, principalmente, colaboram de alguma forma, continuam sendo recompensados da mesma forma.*

— O que quer dizer, Cesar?

— *Que já passou da hora de voltar para a fazenda e cumprir seu papel.*

— De casar com algum velho asqueroso, podre de rico e aliado seu?

— Não consigo conter a ironia em meu tom.

— *Claro que não, querida. Existem erros que servem para aprendizado e eu já aprendi.*

— Então? O que quer de mim?

— *Que volte para Santino e ajude a promover o torneio de montaria Águas Claras.*

— Soube que o ano passado foi um fiasco. Por que tenho que estar aí agora?

— *Não foi um fiasco!* — Percebo seu tom subir uma oitava e um pigarreio o faz abrandar. — *Não estávamos totalmente preparados, mas agora, com o apoio da nova prefeitura e a vinda de peões famosos, será um sucesso.*

— Pai, eu...

— *Ou você vem* — ele me corta, enérgico —, *ou terá que se virar na capital, sozinha. Não ficarei bancando seus luxos para sempre, Barbara, já tem vinte e seis anos, é hora de dar rumo na vida.*

— Eu sou muito nova para pensar em qualquer maluquice que passe na sua cabeça, Cesar.

— *Só quero que participe do torneio e aproveite para aprender mais sobre a fazenda, afinal, esse é seu legado.*

— Isso não me cheira bem.

— *Faça as malas, os convidados irão chegar e quero que você seja a rainha do torneio.*

— Não precisa haver uma competição para decidir esse tipo de coisa?

— *Não quando se é o maior patrocinador.*

Encerro a chamada, irritada, solto um grunhido alto, enquanto bato o pé direito no chão, contendo o ímpeto de arremessar meu celular o mais longe possível.

— *Vai pra fazenda?* — Cecília pergunta, receosa, um pouco distante de mim.

— Sim. O dever me chama.

Não vou negar que já passou da hora de uma mudança de ares, mas nunca imaginei que fosse sentir o aroma de esterco na minha nova aventura. Cogitei a hipótese de ir a Paris, visitar aquele lugar maravilhoso, mais uma vez, o tédio da capital já tomava conta da minha rotina.

Acordar, fazer exercícios, aula de pilates, massagem, drenagem, aplicação na dermato, visitar a nutri para conferir a dieta e terminar os dias na companhia dos herdeiros que habitam a capital.

Outros como eu, que tem a ciência de que são privilegiados e nunca precisarão trabalhar de fato para bancar os luxos desfrutados. Uma vida perfeita, mas que nos últimos dois anos vem me cansando gradativamente.

Depois de fugir de Águas Claras para Palomino, na esperança de reatar com meu ex-namorado e fugir dos intuitos perversos do meu pai, nunca mais retornei à fazenda.

Ele entendeu o recado, sabe que não vou tolerar que manipule minha vida mais uma vez, no começo achei que me arrastaria de volta à fazenda, demorou para que tomasse uma atitude de me trazer para perto.

Sei que seu intuito não é me colocar a par dos negócios, meu pai é machista demais para deixar uma mulher assumir o controle das terras que tanto trabalhou para manter em pé. Seu legado não pode passar para mãos femininas, é quase uma heresia em sua cabeça.

Sinceramente, não o odeio, é meu pai, no fim das contas, mas tenho tanta repulsa por seus pensamentos retrógrados e abomino completamente as abordagens e trejeitos que usa para ter aquilo que almeja.

Ele não é um homem bondoso, não teria conquistado tudo que tem se o fosse, preciso manter os olhos abertos e atentos, ao menor sinal de qualquer artimanha por parte dele, faço as malas e sumo no mundo.



Cinco malas de roupas são encaminhadas para meu quarto, enquanto vou direto para o escritório de Cesar. Marcho, determinada a colocar meus limites em pauta e alertá-lo sobre o perigo de tentar me persuadir para alguma jogada sua.

— Boa tarde.

— Filha. Tenho certeza de que os anos de colégio interno te ensinaram a ser mais educada que isso. — Ele se levanta da cadeira com um sorriso vitorioso na face.

— Só quero deixar claro que não farei parte de qualquer plano seu.

— Mas você já faz, criança. É a rainha da temporada.

— Você entendeu o que eu quis dizer.

— E eu já deixei claro minha intenção. Quero que você acompanhe de perto todos os bastidores do torneio. Aprenda a lidar com a fazenda, afinal, isso tudo será seu um dia.

— Você sempre foi misógino o suficiente para nunca me querer perto da administração das terras.

— Palavras muito duras para dizer ao seu pai, querida.

Ele contorna a mesa e apoia o quadril na beirada, cruza os braços e as pernas, parece relaxado demais, como se tudo que eu digo fosse infundado.

— Quando é o primeiro evento oficial?

— Daqui a duas horas, no salão. Darei um jantar para toda a equipe principal e os participantes do torneio. Estou animado com a repercussão, o prefeito estará aqui e será televisionado no canal do boi.

— Uau. — Ergo as mãos, zombando em comemoração.

— Você poderia encarar isso como uma oportunidade de nos reaproximarmos.

— O tempo de resgatar qualquer coisa já foi, papai. Estarei pronta e pontualmente no jantar.

— Ótimo!

— Com licença. — Aceno e saio do seu escritório.

Bato a porta, caminhando, ainda determinada, rumo ao meu antigo quarto. Aos poucos, a raiva de lidar com Cesar diminui, assim como meus passos, começo a prestar atenção nos quadros na escadaria rumo ao meu destino.

Sorrio fracamente, a decoração permanece a mesma que sempre conheci, as imagens foram escolhidas pela minha mãe, uma amante e apreciadora da arte, casou com meu pai nova e morreu antes de me ensinar tudo que precisava saber.

Não consigo me lembrar de muita coisa antes da sua morte, às vezes tenho flashes, ela corre no campo de flores, eu tento alcançá-la, ela chega a esticar os braços e sorri abertamente, mas eu nunca chego a tocá-la.

No fundo, não sei se isso é uma lembrança, ou uma memória criada, para ter algo particular em que possa me apegar. Nenhuma criança deveria

perder os pais tão nova, uma queda do cavalo, grave o suficiente para levá-la direto à UTI e nunca mais sair.

Abro a porta do meu quarto, o leve ranger mostra que ela pouco é usada, no máximo uma faxina para manter tudo limpo e desempoeirado. Passei tão pouco tempo aqui, que a decoração nunca foi trocada.

Logo após a morte de mamãe, César me enviou para um colégio interno, fui bem-tratada, nada comparado àqueles filmes em que os colégios maltratam e torturam as crianças, longe disso.

A rotina era muito intensa, além da grade escolar normal, tínhamos que aprender um esporte, um instrumento, mais uma língua, além do inglês, e estudar artes gerais.

Era uma bomba de conhecimento, aprendizado e vivência, acho que por isso nunca consegui escolher um curso direcionado para algo específico. Optei por Administração só para tentar agradar meu pai, mas no fundo ele nunca mencionou nada sobre minhas escolhas.

Formada com louvor, educada com esmero, culta e bem engajada na sociedade para só ouvir que precisava de um bom marido, de pulso firme, que administrasse o seu legado.

Meu pai e eu nos tornamos dois estranhos, habitamos a vida um do outro, mas sem de fato participar do que é interessante e, principalmente, relevante. Não existe afinidade em nada, por muitos momentos o acho repugnante e em tantos outros sou julgada como fútil.

Limpo um leve umedecer que surgiu no canto do olho, talvez reflexo do ar gelado do quarto, ligaram o ar-condicionado com muita intensidade, odeio sentir frio.

— Hora de encarnar a madrinha do circo. — Observo uma faixa azul royal, ordenada de um escrito brilhante, bem-chamativo.

“Rainha de Águas Claras”

Giro e marcho direto para o banho, talvez a banheira, um analgésico poderoso e o treinamento de respiração acalmem meu desejo de picar esse objeto horrendo e cafona.

— Babi? Posso entrar?

— Entra! — grito, enquanto giro meu sutiã de renda para trás e encaixo os braços através da alça, ao colocar no lugar certo.

— Já *tá* se aprontando?

— Sim, e você também deveria.

— Eu não fui convidada e...

— Está sendo agora, pela rainha do torneio. — Aponto de mim para a faixa pendurada no cabide.

— Não tenho roupa *pra* isso, não, amiga — Cecília começa a justificar, como sempre faz.

— Nada de desculpas. Temos o mesmo corpo, tenho um vestido salmão que ficará lindo na sua pele.

Cecília é uma morena linda, dos cabelos encaracolados, volumosos, que brilham a quilômetros de distância. As sobrancelhas cheias, desenham um vinco perfeito no alto e completam o olhar gatiado e, diga-se de passagem, natural.

Coloco meu vestido preto de seda, ele forma um triângulo invertido no decote, profundo o suficiente para chegar quase no umbigo e a parte de trás é inexistente.

Prendo o cabelo em um rabo de cavalo alto e esticado, faço uma maquiagem marcante nos olhos e mantenho o nude nos lábios.

Mesmo com todos os protestos, faço minha amiga colocar o vestido salmão gola canoa, a cabeleira solta e encaracolada, uma maquiagem suave, mas não resisto em passar o batom carmesim naqueles lábios cheios.

— Vamos arrasar alguns corações. — Bato na palma dela, que sorri, tímida.

Entramos de braços dados no salão, exatamente às vinte horas, sem atrasos da minha parte, sorrio, satisfeita, passo a cumprimentar alguns rostos conhecidos, sou requisitada para fotos, já que ostento uma faixa de sinalização que me coloca como parte integrante do circo que meu pai armou.

— Eu vou buscar uma água — Ceci sussurra, antes de se afastar.

Concordo com a cabeça, enquanto ouço um grupo de homens discursar sobre a qualidade dos bois presentes no torneio deste ano. Não entendo metade do que dizem, mas aqui só estou para acenar, tirar fotografias e sorrir.

Temo sair com câimbras nas bochechas.

— Filha, minha querida! — Giro quando a voz alterada do meu pai chama a atenção de todos. — Quero lhe apresentar à promessa de vitória e joia rara do torneio, Lucio Alves.

— Você! — eu e o homem à minha frente decretamos, espantados.

Tinha receio de morrer entediada, mas acho que acabei de encontrar uma forma de descontar todas as minhas frustrações, usando o homem desaforado, à minha frente, como alvo.



Capítulo 3

*“A onça vira casaco,
A cana vira bagaço
O boi gordo vira vaca,
O boi magro vira laço
Moça pra virar mulher
É só cair nos meus braços.”*

— *Rimas de Rodeio, Mocóca & Paraíso*

Babi

— Já se conhecem? — Sou despertada pela curiosidade do meu pai entre nós dois.

— Sim. Ele é peão na fazenda do meu ex. — Torço os lábios no final, deixando claro o descontentamento.

— Do Queiroz? Que coincidência. — Cesar bate palmas, dissimulado.

Ele nunca se recuperou completamente do fato de a filha ter perdido, segundo ele, o quase noivo para uma caipira de Palomino. Mal sabe ele que o maior motivo do afastamento entre Gui e eu tenha sido o próprio, com a insistência de um casamento.

Meus olhos não desviam do desafio transparente na íris do peão. Sinto meus lábios repuxarem sutilmente para o lado, quase não contendo o semblante cínico que surge instantaneamente.

— Não trabalho mais na fazenda. Agora sou peão de montaria. — A entonação arrastada, do típico sotaque interiorano.

Sua voz sempre despertou algo incomum dentro de mim, como se o tom grave do seu timbre se conectasse com algo dentro do meu peito e fizesse meu coração bater compassado com seu discurso.

— É mesmo? Que interessante. E veio se aventurar no torneio de Águas Claras? — Puro e simples sarcasmo.

— Não, filha. Lucio é meu convidado a participar. Na verdade, ele é a estrela do torneio, pessoas virão de todos os lugares só para ver o bicampeão da PBR. — Cesar abre um sorriso genuíno, à medida que o meu morre nos lábios, conforme discursa.

— Esse homem é uma linda, moça. — Um homem *traído*^[8], assim como Lucio, aparece ao seu lado, batendo uma mão sobre seu ombro. — Muito prazer, me chamo Maldonado. — Um riso amistoso e a mão estendida em minha direção.

Desvio do embate visual criado com o peão arrogante, encaro sua tentativa de cumprimento e subo os olhos para o sujeito. Cecília retorna e salva o homem de um momento muito constrangedor.

— Toma sua água. Boa noite, sou Cecília. — Ela me entrega o copo e cumprimenta o homem com a outra mão.

— Maldonado. — Ele sorri, contido.

— Então, o peão de Palomino chegou ao topo? — Encaro o homem arrogante à minha frente, com altivez.

— Ele chegou, sim, moça. Se tornou uma lenda no meio do rodeio — o amigo responde em seu lugar.

— Impressionante, para quem só sabia escovar cavalos. — Entorto o rosto para o lado.

— Ah, eu sei fazer bem mais que alisar uma crina, e a moça sabe disso.

Volto meus olhos repentinamente em sua direção, o sarcasmo enfeitando sua face, enquanto a minha só mostra a raiva recém-desperta.

— Filha, Lucio é um homem de muito valor e já adianto, vocês dois terão um papel fundamental juntos durante o torneio.

— Do que você está falando? — Jogo minha raiva para cima de Cesar.

— Amanhã conversaremos melhor sobre isso. Agora, aproveitem a festa e não esqueçam de tirar algumas fotos juntos, para os jornais locais.

Está mais do que claro que o peão e eu não nos damos bem, até Cesar percebeu e desconfio que usou a oportunidade para me torturar um pouco mais.

— Então, Cecília, você mora aqui em Águas Claras? — o amigo do peão puxa assunto, quando o silêncio se torna constrangedor demais.

— Não. Moro na cidade, mas conheço a Babi desde pequena. Minha mãe tem um pequeno comércio no centro de Santino. E você? Também é de Palomino?

— Ah, não. Eu venho de outras bandas, conheci o Lucio nos Estados Unidos.

— Fico me perguntando como alguém feito você chegou tão longe. — O meço dos pés à cabeça e engulo com dificuldade.

Uma péssima jogada fitar o *cowboy* traído à minha frente, que usa botas pretas lustradas, uma calça escura ajustada nas coxas grossas, camisa

de rodeio em azul royal, mesmo tom da minha faixa, com vários emblemas de patrocinadores e um chapéu preto na cabeça.

A camisa é tão apertada em seu corpo que já imaginei um par de vezes os botões voando, enquanto seus músculos rasgam o tecido, aqueles braços atléticos e tão bem-destacados chamariam a atenção até de uma freira.

— *Uai*, essa é fácil. — Ele avança um passo, sutil, mas nos coloca bem próximos. — Treinei bastante nas éguas que peguei. Sabe como é, moça, se o homem consegue pegar uma potranca arisca, o touro é fichinha. — Seus lábios entortam para o lado, na tentativa de conter uma gargalhada.

O *filho da mãe* chega a levar a ponta dos dedos nos lábios, os olhos brilham em divertimento, provavelmente satisfeito com meu rosto contorcido em uma careta de raiva e indignação.

— *Rensga*^[9]! Esse homem *tá abusado*^[10]. — Seu amigo acerta um tapa em suas costas, que o faz arquear de leve.

No entanto, nem mesmo isso o faz parar de me encarar, provavelmente se vangloriando da minha derrota. Se eu, ao menos, pudesse voltar atrás, nunca teria deixado aquele peão colocar as mãos em mim dentro daquele carro.

— Acho melhor você circular, Babi. — Cecília segura meu cotovelo, em um toque sutil.

— Também acho — respondo, ainda olhando para o peão indecente.

— Até mais ver, moças. — Ele toca a aba do chapéu, em cumprimento, assim que saímos dali.

— Ave Maria, Babi. Achei que *tu* ia pular na goela do homem.

— Bom, saiba que eu estava prestes a fazer exatamente isso.

— Misericórdia. Por que o homem te irritou tanto? Ele pareceu um bom rapaz.

— Não defenda aquele *prego*^[11]!

— Não *tô* defendendo, mas *tu* parecia que *tava* diante do capeta.

— Pode-se dizer que sim. Agora vamos arrumar algo mais forte para beber, ainda terei que tirar fotos com o desaforado.

Passei a próxima hora fazendo tudo como meu pai acharia correto, bajulando alguns dos colaboradores, sorrindo e fotografando com todos no

ambiente, atenta à conversa de algumas mulheres, esposas dos homens importantes no recinto e, finalmente, interagindo de forma branda e educada com o peão bronco ao meu lado.

Cesar fez questão de nos levar até um painel dos patrocinadores para que posássemos para as fotografias da forma que lhe conviesse. Senti meu estômago embrulhar por ficar tão próxima dele, queria bater com a palma dos dois lados daquele rosto bem-contornado, ainda entalada com sua declaração.

Entendi perfeitamente sua colocação, as potranças são mulheres que ele já transou e, infelizmente, estou entre elas.

Nem foi tudo isso para ele se achar tanto.

Fecho os olhos por um segundo ou dois, relembrando a brasa ardente que incendiou aquele carro, a chuva caindo torrencial do lado de fora, nossa trilha sonora, enquanto os gemidos acompanhavam os solavancos das estocadas profundas que recebia de bom grado.

Sinto um leve fisgar em uma região não muito apropriada para o momento, abro os olhos com rapidez, firmando os pensamentos no agora.

— *Tava lembrando, né?* — Sua boca abaixa, perigosa, próxima demais do meu ouvido.

Lucio tem uns bons centímetros acima de mim, mesmo de salto alto, sua mão está apoiada na minha cintura, um aperto firme nos une ainda mais, chego a ofegar, incapaz de me conter.

— Lembrando-me de que, peão? — Consigo encontrar a voz de alguma forma e respondo com firmeza, escuto seu riso baixo, ainda próximo do ouvido, o que causa um arrepio que se alastra pelo pescoço.

— A moça vai se fazer de desentendida?

Cometo o erro de girar a cabeça para lhe responder à altura, o fogo vibrando através dos meus olhos e encontro o seu sorridente. Fico muda, nada do que pensei consigo pronunciar e só me permito escanear seu rosto bem-desenhado.

Alguma coisa na forma dele de olhar incomoda, os olhos miúdos, quase fechados, de um tom claro que nunca havia reparado antes, seus traços firmes e evidentes, contornam a mandíbula e evidenciam seu queixo.

— Continuem assim — alguém grita e os flashes disparam.

Recuo um passo, por instinto, pigarreio e torno a olhar em direção às câmeras, observo meu pai ao lado de Cecília, logo atrás dos fotógrafos, seu semblante astuto nos fitando com interesse.

— Se te agrada, às vezes eu também me lembro daquela noite. — Encaro-o de soslaio, ele mantém os olhos fixos nas câmeras e a boca levemente inclinada na minha direção.

— Pois eu nunca mais me lembrei, até ter o desprazer de te ver aqui.

— Assim *tu* fere meus sentimentos, dona onça.

— Seus sentimentos, assim como você, pouco me importam. — Afasto, desvencilhando seu agarre de mim. — Acho que já está bom.

— Agora comigo — meu pai anuncia, ao abrir caminho entre as pessoas.

Praguejo baixo e ajeito o rabo de cavalo, percebo o peão me encarar de esguelha e faço um esforço monumental para ignorá-lo a partir daqui.

Assim que a sessão de tortura acaba, engancho o braço no de Cecília e sumimos para o outro lado do salão. Pego uma cerveja bem gelada e viro praticamente inteira, sendo parada pela minha amiga, que se surpreende com a sede repentina que me tomou.

Quando anunciam o jantar, somos direcionados para a grande mesa montada para cem pessoas, maior que uma passarela, coberta com toalha branca, uma louça simples, porém, bem-colocada, cada um ocupa seu lugar marcado.

— Onde eu me sento? — Cecília encara as placas denominadas.

— Não contava com sua presença, menina, mas pode ficar aqui — meu pai, que ocupa a cabeceira, oferece um lugar ao lado de Maldonado.

— Por que não deixa o peão ao lado do seu amigo, e Ceci ao meu? — sugiro, quase desesperada, quando percebo meu nome ao lado do Lucio.

— Não vai ficar bom nas fotos. — Cesar sinaliza para alguém da comissão organizadora e rapidamente eles providenciam um lugar extra para minha amiga.

— Então, Lucio, pronto para montar no meu touro?

— Soube que ele é *girador*^[12].

— Dos melhores.

— Isso é *bão*. Vamos ver se dou a sorte de tirá-lo no sorteio.

— Tenho certeza de que meu pai conseguirá essa façanha — solto o comentário ardiloso e recebo um olhar repreendedor de Cesar. Tenho uma epifania e finalmente ligo os pontos de toda a palhaçada orquestrada por ele, ao menos, parte dela.

Trazer peões famosos para mostrar seu touro, provavelmente pretende negociar o animal em breve, ou resolveu investir por tempo indeterminado nas montarias e é óbvio que se o touro, até então desconhecido, derrubar um peão com bicampeonato mundial, vai elevar demais a estima do bovino.

— Sou peão e não trapaceiro, moça. Não aceito montar em touro combinado.

— É claro que não! Perdoe minha filha, ela está um pouco ácida hoje. — Meu pai cobre minha mão sobre a mesa e aperta com força meus dedos.

— O senhor está me machucando — sussurro, com um sorriso disfarçado.

— Posso fazer pior. — Então ele solta e volta a sorrir amplamente. — Mas então, Lucio, pretende continuar no Brasil, após essa temporada?

— Ah, não! Eu volto para o Texas, fazer meu último circuito.

— O peão já quer aposentar. Tem base um troço desse? — Maldonado entra no assunto, apontando o amigo do outro lado da mesa.

— Você tem pouco tempo de carreira, cerca de cinco anos? — Cesar questiona, curioso.

— Sim. Desde que parti de Palomino me profissionalizei e comecei a rodar o país.

— Esse homem é uma lenda, Cesar. Um novato, já velho, no PBR, desbancou todos os competidores e ganhou a fivela de ouro.

— Sim, conheço as histórias dele. Mas e você? O que faz?

— Ah, eu monto, mas não com tanta paixão. Prefiro trabalhar nos treinamentos e preparação.

— Maldonado auxilia os brasileiros fora do país. Cuida do nosso desempenho físico.

— E isso não gera conflito de interesses?

— Não. A luta do peão é contra o boi, outro competidor não tem importância nesse duelo. Se eu não venço o animal na arena, sou eu quem perco nota.

— Tem razão, faz sentido.

— E o que te levou a querer montar? — Não pretendia participar da conversa, mas a curiosidade tomou frente nos meus atos.

— Precisava fazer algo só por mim. Passei anos vivendo por viver, fazia uma montaria aqui, outra ali, mas não arriscava.

— E o que te levou a isso?

— Um coração ferido — Maldonado menciona mais alto e ri, debochado.

— Fica quieto, língua solta — Lucio brada com o amigo, mas o tom ameno mostra que não se incomodou de verdade.

— O amor é capaz de mudar as pessoas, de fato — declaro e encaro meu pai.

Ele tem a decência de pigarrear, incomodado, leva um pedaço de carne gorda à boca e se ocupa de mastigar.

— Já feriu seu coração, moça? — Lucio chama minha atenção.

Reflico por um tempo, procurando algum momento em que tenha me sentido ferida por um antigo amor, no fim, chego a mesma conclusão de tantas outras ruminações da minha mente.

— Não.

Baseado em meu último relacionamento, Guilherme Queiroz foi um homem educado, quente e honesto, que manteve um enlace mais de amizade com benefícios do que qualquer outra coisa.

Ele conseguiu encontrar aquela fagulha, a pequena chama que aciona seu lado mais primal e faz a pessoa cometer as maiores loucuras por conta de alguém.

Eu não sei o que é isso, nunca me permiti chegar tão longe assim. Às vezes, acredito que ninguém será capaz de me tirar do eixo.

Lucio e eu nos encaramos por um momento maior que o confortável, aquele olhar afiado, parece penetrar todas as minhas reservas e desvendar tudo que não quero que os outros saibam.

Ele enfraquece minhas defesas e isso incomoda demais.



Capítulo 4

*“Foi no abrir da porteira que o boi eu esporiei
Foi com um piscar de olhos de uma loira casada
Que eu me apaixonei
Mas também foi nessa paixão proibida
Que eu me amarrei”
— Ednaldo Terra.*

Lucio

Encaro o teto por um longo tempo, confiro as horas no celular e já passam das três da manhã, mas o sono teima em não dar as caras. Não preciso de muitas horas de descanso para repor as energias, no entanto, levantar às cinco será uma tarefa complicada, se eu continuar acordado.

Logo após o jantar ofertado pelo anfitrião e patrocinador, viemos direto ao alojamento, que fica próximo da arena de treino e os animais. Quando Cesar me ligou e fez o convite, cogitei recusar, apesar de cansado, minha carreira fora é estabilizada, mas algo me despertou.

Talvez pela novidade, um novo circuito, na terra natal, ainda que longe suficiente de Palomino, me proporciona o acolhimento de estar entre meu povo, meu lar.

Desembarquei uns dias antes, fui direto para Palomino, junto com Maldonado, visitei minha mãe, passei uns dias sendo paparicado por ela e os vizinhos que conheço desde *pivete*^[13].

Cheguei a visitar dona Lélia, só depois de me certificar que nenhuma das garotas, agora casadas, estavam por lá. Apesar de hoje não sentir mais nada por Rita Maria, ainda prefiro evitar qualquer cena constrangedora.

Talvez seja eu sentindo piedade de mim mesmo, por conta do ocorrido, prefiro evitar a ter que encarar esse desconforto.

Fecho os olhos e solto o ar com pesar, escuto Maldonado resmungar algo dormindo, bufo com desdém, esse homem não consegue ficar de boca fechada nem dormindo.

A expressão no rosto da loira arisca, quando soube o motivo de sair do país, não sai da minha cabeça, sobretudo com sua resposta à pergunta que fiz. O quão rasa ela consegue ser, ao ponto de nunca ter sofrido por um coração partido?

Aquela onça deve ferrar com o coração alheio. Isso, sim.

— Dorme, homem — dou voz à minha preocupação e giro na cama.

Esmurro o travesseiro algumas vezes, a cama parece ter prego, não consigo me aquietar.

“Uso as duas mãos para baixar sua blusa fina e quase transparente, só para constatar o que já era visível, seus bicos arrepiados. Pontiagudos, miram no meio da minha fuça e não resisto em apertá-los com a ponta dos dedos.

Um gemido quente escapa daquela boca afiada, encaro sua expressão de puro contentamento, o que me incentiva a continuar. Avanço para um deles, dando uma lambida seguida de um chupão forte, afasto para observar o desenho formado pela sucção.

— Diacho!

Volto a chupar, com mais determinação, sinto suas mãos circularem minha nuca ao puxar mais para si, sua anca começa a rebolar e minha pica implora por sentir sua pele quente e úmida em torno dela.”

— Acorda, caboco^[14]!

Salto da cama em um pulo, o peito arfando, o suor descendo pelas têmporas e costas, encaro Maldonado, que mantém um passo atrás, na defensiva.

— O que foi? — questiono, em tom afoito, para logo em seguida domar a respiração e o acelero no coração.

— *Uai! Tu tava aí gemendo, parecia agoniado.*

— *Diacho!* Eu *tava* é dormindo. — Esfrego as duas pálpebras com brusquidão.

— E sonhando com coisa boa. Mira essa coisa *pra* lá. — Maldonado recua mais um passo, apontando para o meu calção.

Olho espantado para baixo, cobrindo a virilha com ambas as mãos, um tanto atordoadado.

— É mijo. — Caminho direto para fora, em direção ao banheiro.

— Sei. Esse mijo é loiro e tesudo — ele grita, antes que eu bata a porta com força.

— *Diacho!*



Entro no estábulo ao lado do meu amigo, folgado, que não deu sossego, falando para todo mundo no alojamento que acordei com a arma em punho.

Um completo idiota.

O café da manhã foi servido no refeitório anexo ao alojamento, a estrutura criada para nos acomodar teve grande investimento por parte de Cesar, o que faz mais sentido seu empenho em me trazer para competir.

O homem vai precisar de toda visibilidade possível para reverter todo esse gasto em lucro. A cara dele quando sua filha mencionou sobre manipular o sorteio com os animais e peões não me agradou em nada, por isso já me decidi em ter uma conversa franca com o homem, deixando claro meus limites.

— *Eita!* Olha essa crina. Coisa mais linda. — Maldonado se aproxima da baia de um dos cavalos, um mangalarga alazão.

Lindo e imponente, o animal estira o fuço para cima, recuando dois passos, ao estranhar a aproximação de Maldonado. De um tom escuro, pelagem, crina e cauda, uniforme, sem qualquer mancha ou variação de tonalidade.

— *Bichão* lindo — comento, ao deixar meu beijo inferior curvado para frente.

— E arisco. — Maldonado e eu nos viramos para ver Cesar se aproximar.

Apesar do sorriso amistoso e o semblante ameno, esse homem ouriça uma inquietação dentro de mim. Nem o conheço, não posso falar da sua moral ou caráter, mas algo nele não me cheira bem.

— *Dá pra* notar. — Maldonado retorna até próximo de nós e estende a mão, cumprimentando o mais velho.

— Foi bom te ver aqui, Cesar. Preciso trocar um assunto contigo. — Lembro-me da questão que vem me incomodando um bocado.

— Pois, diga. Estou aqui para tornar sua vida fácil, meu rapaz. — Ele abre um sorriso largo e satisfeito ao apoiar uma palma no meu ombro.

— Só quero deixar claro que monto no boi que me for sorteado. De forma honesta. Quero conhecer a comissão avaliativa do torneio, saber a procedência da equipe.

— Claro. Claro. — Ele tira a mão que apoiava em meu ombro, o que me deixa feliz, já que havia me incomodado profundamente com o contato. — Pode ficar sossegado, hoje teremos a apresentação da comissão organizadora junto aos competidores e posso te apresentar todos. Acredito que conheça alguns, vieram direto de Barretos.

— Pode ser. Participo do evento todo ano, conheço todos por lá.

— Que ótimo. Fique tranquilo, eu terei imensa satisfação de ver meu touro na arena contigo, mas isso vai depender do sorteio e não há qualquer possibilidade de intervir.

— *Tá certo. Só queria deixar as coisa clara.*

— Límpido e transparente. Fiquem à vontade, o pessoal vai levar os peões para a área de treinamento, caso queiram ir. — Ele sinaliza de mim para Maldonado e aponta o lado de fora do estábulo.

— *Simbora.* — Meu amigo bate no meu ombro e lidera o caminho.

O resto do dia passa feito um borrão, fomos encaminhados para uma academia improvisada, peão é atleta, necessitamos de treinamento e acompanhamento médico diário. A montaria é um esporte agressivo, além de perigoso, lutar contra um oponente com mais de uma tonelada não é fácil.

Por sorte, meu amigo é preparador físico, quando chegou aos Estados Unidos, com o intuito de competir, logo descobriu a habilidade de trabalhar com os brasileiros lá fora, foi quando largou a arena e se dedicou definitivamente à sua formação educacional.

Cinco anos de montaria, me considero sortudo por não ter sofrido nenhuma lesão grave até hoje. Conheço homens que já passaram por mais cirurgias do que eu tenho de tempo montado, além de lidarem com o tempo afastado se recuperando, enfrentam a insegurança de subir no lombo do bicho mais uma vez.

Por isso, muitos deles, levam quase uma temporada toda só para testar a confiança, com isso comprometem o ano de torneio.

— Olha lá quem vem na nossa direção. — Maldonado cutuca minha lateral com o cotovelo e sinaliza com o queixo para a entrada do refeitório.

Depois da tarde de apresentações e instruções sobre o uso do espaço de treino e acompanhamento físico, fomos encaminhados para o refeitório e aguardamos a comitiva técnica e organizacional que nos será apresentado.

— O que tem? — Dou de ombros e fecho a cara.

— Uai! *Tu* que *tava* animadinho com...

— Fica quieto, homem! — brado e ele gargalha.

— *Eita!* A morena *tá* junto. Vou investir nela.

— Se aquiete. As meninas são problema.

— E por quê? Tem alguma regra que me impeça de jogar meu charme?

— Ter, não tem. Mas o bom senso é *bão* nessas horas.

— Não *tô* prometendo casamento *pra* ninguém. — Ele ergue as duas mãos em sinal de rendição.

Balanço a cabeça em sinal de negativa, acompanho com os olhos o caminhar das duas. A morena segue normal, ela não tem o mesmo ar impositivo da amiga, aquela, sim, se comporta como se tivesse o rei na barriga.

Mulherzinha arrogante, sempre com aquele olhar desafiador, a pose de grã-fina, se acha superior a qualquer um só pelo dinheiro que possui.

Bom, hoje sou rico também e não mudei meu jeito por conta dos bolsos cheios.

Dinheiro não define o caráter, mas ajuda a estragar, com certeza. Essa daí provavelmente nunca teve base na vida. Fico me perguntando o que a mãe acha do comportamento desrespeitoso da filha.

— Para de encarar. Vai dar na cara — Maldonado sussurra próximo ao meu ouvido, o que me desperta dos pensamentos.

— *Tava* com a cabeça longe.

— Qual cabeça?

Olho de esguelha para o homem que explode em outra gargalhada, ainda mais alta que a anterior, o que chama a atenção de um grande número de pessoas, incluindo as duas.

— Às vezes eu queria enfiar meu punho no meio do seu rostinho bonito, sabia?

— Sabia, mas você não pode correr o risco de perder o melhor preparador físico que já teve.

— Você foi o único.

— Mais uma prova do quanto sou bom.

Antes que eu possa retrucar, um grupo de homens entra no ambiente, reconheço alguns rostos, homens honestos e organizadores de eventos muito maiores que este, isso ameniza parte das minhas desconfianças, entretanto, não impede que eu levante e marche direto até eles, a fim de conferir de perto como as coisas realmente serão avaliadas.

Maldonado, como sempre é um carrapato no meu pé, segue em meu encalço, quando estou próximo do grupo, que ainda se cumprimenta, a loira desafortada ergue uma das sobrancelhas em minha direção.

— Pode se sentar, peão. Eles vão conversar com todos juntos. — Para enfatizar sua superioridade, ela cruza os braços em frente ao corpo.

Uma péssima jogada, sua blusa caída nos ombros, de um pano leve e esvoaçante, acentua os peitos que empinam ainda mais e paio os olhos ali, antes de voltar a encará-la.

— Lucio Alves, meu peão favorito. É um prazer tê-lo no Brasil. — Um dos organizadores atravessa a roda para me cumprimentar.

Ergo os lábios só de um lado, inclino a cabeça levemente, ainda a fitando antes de me voltar para o homem que conheço desde que pisei na arena pela primeira vez.

Passamos a próxima meia hora entre cumprimentos, citações sobre meus feitos na arena, alguns gloriosos, outros nem tanto, mas o importante é que cada homem naquele círculo tinha algo para falar a meu respeito ou para mim.

Normalmente não gosto de receber toda essa atenção diferenciada, mas o gostinho de observar pelo canto dos olhos, a loira metida torcer a boca a cada menção do meu nome, me deixou muito satisfeito e aproveitei para alongar o máximo possível o momento.

Cesar chama a atenção do pequeno grupo para começar as apresentações, tento voltar ao meu lugar, mas o homem me coloca sentado ao lado da onça.

Tinha que ser.

— Pelo jeito, você é bem popular.

— Achei que isso já tinha ficado claro ontem, depois de saber que ganhei duas vezes o PBR.

Trocamos sussurros discretos, enquanto um dos homens discursa sobre o júri escolhido para avaliar todas as montarias.

— Você é muito convencido, peão.

— E você é metida demais.

— Sua opinião não me faz a menor diferença.

— Digo o mesmo.

Ela troca o cruzar de pernas, usa uma calça jeans clara, tão justa no corpo que consigo medir cada contorno das suas coxas e panturrilhas. Sinto a saliva crescer na boca, pareço um esfomeado, doido pelo filé à minha frente.

Lembrança é uma *disgraça* na cabeça. Quanto mais eu tento esquecer o seu corpo pelado rebolando em cima de mim, mais eu vejo e ouço os gemidos que ela emitia cada vez que fincava com firmeza dentro dela.

— *Diacho!*

— Disse alguma coisa? — Ela entorta o pescoço na minha direção

— Não — respondo baixo e engulo com dificuldade.

Preciso lembrar a cada dois segundos o conselho que ofertei ao meu amigo, se a amiga dessa *disgramada* é encrenca, essa daqui é a confusão certa.

Vim para o Brasil em busca de sossego, reconectar com minhas origens e decidir o que farei a partir disso. Não preciso arrumar problema, principalmente com a filha do homem que me convidou para competir aqui.

Tenho que arrumar um rabo de saia quente nesta cidade. O mais rápido possível.



Capítulo 5

*“Quem não gosta de viola brasileiro bom não é
Pra ser bom catireiro tem que ser ligeiro no pé
A coisa que o cowboy adora é o tal bicho muié”*
— **Ednaldo Terra.**

Babi

Agradeço internamente quando a tal reunião termina e posso tirar aquela faixa horrorosa de rainha do torneio. Não havia a menor necessidade de estar na reunião, mas Cesar não me daria um minuto de trégua.

Caminho em direção à Cecília que me aguarda próxima à saída, só quero me enfurnar no quarto, comer uma barra inteira de chocolate e conversar com as garotas da capital.

— Adivinha? — Ela bate palminhas antes mesmo que eu a alcance.

— Não faço a menor ideia de por onde começar, Ceci.

— O Maldonado nos convidou para ir ao bar da cidade.

— Mesmo? — Ergo uma sobrancelha, petulante. — E você não espera que eu vá, certo?

Vejo a alegria murchar em seu semblante, a boca forma uma linha fina em total descontentamento, prevejo as lamúrias antes mesmo que ela comece.

— Mas...

— Eu não vou me enfiar em uma espelunca de Santino, Ceci.

— Ei! Não é espelunca, Babi. Faz muito tempo que *tu* não vem *pra* essas bandas, o bar foi reformado e agora tem noite sertaneja.

— Isso não me anima em nada. De verdade.

— Lembra que a gente sempre treinava os passos das comitivas? *Tu* pesquisava na internet e passávamos a tarde das suas férias ensaiando para dançar nas festas.

— Não é a parte mais orgulhosa do meu passado.

— A gente podia dar uma chegada lá, só olhar e vir embora. O que acha?

— Não quero me misturar com essa gente mais do que o necessário — solto, enquanto passo as mãos pelo cabelo, ajeitando alguns fios.

Olho em volta, alguns grupos ainda conversam, mais adiante, mas não longe o suficiente, vejo o peão convencido me encarando, retorno em direção à minha amiga.

— Eu sou essa gente, Babi — pronuncia, ao afastar um braço. — É um povo simples, mas ninguém é sujo ou tem uma doença contagiosa.

— Mas não foi isso que eu disse. — Fico chocada com seu comentário.

— Entendi perfeitamente o que quis dizer. *Tu* não gosta de se misturar com pobre, mas eu sou uma.

— Você é diferente.

— E você também. Pena que *pra* pior.

Abro a boca para argumentar, mas sou impedida pelo homem alto e forte que se aproxima, pouco se importando em interromper nossa conversa.

— Podemos ir? — Ele esfrega as palmas, animado. — Hoje é dia de gastar a sola da bota.

— *Vamo*, sim. *Tô* animada *pra* dançar um bocado. — Ceci desvia os olhos para o amigo do peão, vejo sua íris brilhar além do normal e isso me preocupa.

— A rainha também vai? — Ele me encara com um semblante divertido.

Desconfio que esse homem nunca tem um momento de humor afetado, sempre sorri, faz piada, mesmo que a situação não seja propícia. Das duas uma: ou ele é um completo idiota, ou finge demência para o limite alheio.

— Ela não...

— Vou. — Sorrio apertado e encaro Ceci, que sinaliza com a cabeça ao aprovar.

Eu não uma pessoa fácil, confesso que muitas vezes nem me dou conta da soberba que sobressai das minhas palavras. É tão fácil ignorar esse lado do meu mundo quando estou na capital, Ceci não faz parte desse círculo e, por vezes, acabo tropeçando em comentários que a machucam.

— *Simbora*, Maldonado! — Lucio chama ao passar por nós, descortês, sem nos encarar.

— As moças também vão, amigo.

— Carro *tá* cheio — ele responde, a contragosto.

— Isso não é problema, vou com o meu carro — retruco mais alto, meu tom de voz soa firme e autoritário, da forma que eu gostaria.

O peão esguelha os olhos na minha direção, resmunga algo inaudível e marcha para fora do recinto.

— Ranzinza ele, *né?* — Aponto com o dedo por onde o homem saiu e encaro seu amigo.

— Isso é medo. — Ele bate as palmas. — *Irra!* — Assusto com o grito seguido de uma gargalhada.

Olho para Ceci, que sorri, divertida, tomada pelos trejeitos do rapaz, preciso alertá-la em algum momento, é arriscado uma paixonite por alguém que não ficará em sua vida por mais de três meses.

Minha amiga e eu seguimos sozinhas na caminhonete. Para irritar Cesar, peguei um de seus carros, já que o meu ficou na capital, escolhi o maior modelo, nunca chegaria por baixo perto do peão metido.

Estaciono ao lado da sua picape vermelha, menor que a minha caminhonete, um tom vermelho que chama a atenção, não é a mais nova do mercado, com certeza, mas até que dá para o gasto.

— Até que a fachada é bonita. — Seguro o volante e inclino o tronco para frente.

A construção toda em madeira, lembra um celeiro antigo, salvo o letreiro em neon luminoso que pisca o nome do lugar. Estreito os olhos, relendo a placa algumas vezes, só para confirmar que não estou enganada.

— Eu sei, o nome não é nada atrativo, mas juro que dentro é bom.

— Não tenho dúvida — comento, com sarcasmo, e abro a porta para descer.

Contornamos o carro e paramos ao lado do grupo de peões que nos aguardavam.

— Não sei o que é pior. Só *tu pra* me arrastar para os lugares com os nomes mais estranhos. — Lucio tem as duas mãos apoiadas no cóis da calça, enquanto encara o letreiro.

— E eu lá tenho culpa de só ter um bar no meio daquele matagal, chamado Cacete Armado? — Maldonado questiona, indignado. — Este aqui, pelo menos, é Pau Dentro.

Cecília gargalha ao meu lado, consigo disfarçar o riso e vejo Lucio balançar a cabeça em negativa.

Os homens tomam o caminho para dentro, deixo que caminhem e seguro o braço da minha amiga para esperar junto a mim.

— O que foi?

— Cuidado, amiga. Esse Maldonado não vai durar na cidade e *tu* sabe disso, *né*?

— Uai! Claro que sei. Só *tô* me divertindo.

— Tudo bem — ergo as mãos, rendida —, não *tá* mais aqui quem falou.

— Ei! As moças vão ficar aí? — O próprio, para mais adiante e torce o tronco em nossa direção. — *Bora* bater coxa!

Cecilia volta a sorrir, encantada, para o rapaz e caminhamos juntas em sua direção. O grupo maior já entrou, a parte boa é que o peão metido está mantendo uma distância segura de mim e isso é, no mínimo, satisfatório.

Quando adentro o lugar, sinto que fui tragada para alguma cena de filme americano, todo o salão é construído como um ambiente de velho oeste, só falta os homens com calça de montaria, cheio de franjas e colete de couro.

Um balcão de madeira atravessa todo o salão do outro lado, com três atendentes servindo copos, no canto algumas mesas, mas ninguém sentado, o lugar está relativamente cheio e todos parecem animados demais para encorujar em uma cadeira.

— Legal aqui, *né*, amiga?

— Peculiar, eu diria.

— Deixa disso e se enturma. — Ela puxa meu braço pela rampa de acesso ao salão.

Caminho, vagarosa, ainda surpresa com a caracterização do lugar, o ambiente é parco, algumas luzes concentradas em um pequeno palco, onde alguns instrumentos e microfones descansam.

O grupo se ajeita em um canto no balcão, distante do *fervo*^[15]. dançante no centro do ambiente, eles pedem algumas cervejas, eu me limito a água com gás e foco meus olhos no aglomerado sertanejo à nossa frente.

— Vai dizer que não dá vontade de dançar? — Ceci se aproxima da minha orelha e fala alto.

Dou de ombros, mas percebo que meu joelho direito dobra ritmado à batida da música, arrisco um olhar para baixo e paro o movimento, em seguida ouço a risada aberta de Ceci e franzo os lábios, incomodada.

— Vem comigo, morena. — Não é um pedido, já que o tal Maldonado puxa Ceci pelo braço, enquanto caminha em direção ao *fervo*.

Ela só tem tempo de me entregar seu copo de bebida que, por sinal, quase vira sobre mim, e seguir alegre e saltitante para a pista, acompanhada do homem.

Não vou negar, eles formam um casal interessante, minha amiga é linda, uma morena de parar qualquer ambiente e o homem que dança com ela agora tem um corpo muito bem-esculpido, tão alto quanto o peão metido, pele queimada de sol, cabelos curtos e bem escuros.

Enquanto o outro tem um sorriso debochado, que poucas vezes é exposto, esse que dança mostra os dentes sempre que lhe é oportuno. Tom de voz alto e aberto, se faz ouvir em qualquer lugar, mesmo aqui, consigo escutar suas interjeições animadas.

— A moça não dança? — Olho surpresa para o meu lado esquerdo, não tinha me dado conta da sua presença.

— E, por acaso, isso é um convite?

— Eu não arriscaria perder os dedos do pé, moça.

— Não julgue antes de saber.

— Só tem um jeito de tirar à prova, então. — Ele vira o corpo na minha direção e, finalmente, crio coragem de desviar os olhos do salão para fitá-lo.

— Eu...

— A moça aceita dançar?

Ambos viramos para a frente, um *cowboy* alto, forte e grande está diante de nós, ele tem a mão estendida em minha direção, em outro momento teria recusado, nunca o vi na vida, no entanto, aceitar será uma desfeita bem-vinda para o peão metido.

— Claro. — Abro um sorriso e viro para Lucio, lhe entregando os dois copos. — Cuida *pra* mim. — Pisco um olho e aceito a mão do rapaz

que me puxa para a pista.

Não tenho tempo de avaliar sua feição, quando dou por mim já estou com a perna do *cowboy* no vão das minhas, sua mão espalmada no meio da minha espinha e a outra segura meu punho próximo ao seu coração.

Fico um pouco incomodada com tanta aproximação, mas é difícil dançar esse ritmo com uma distância confortável. E preciso lembrar a mim que sou a única responsável por estar nesta situação embaraçosa.

Sinto o homem fungar próximo à minha orelha, o que me faz jogar o pescoço mais para o lado, na tentativa de afastar o bafo quente e nada atrativo que exala da sua boca.

Ceci rodopia próximo de mim junto a Maldonado, ela faz um sinal de positivo quando me vê, por sua vez, forço um sorriso em resposta. Passo a contar os segundos, talvez assim a música interminável chegue ao fim.

Quase tenho um treco quando sua mão escorrega do meio das costas para minha lombar, quase encostando na bunda. Levo a mão que apoiava em seu braço para trás e subo seu antebraço, com pressa.

Dois giros depois e o *cowboy* insistente faz o mesmo movimento, seus dedos escorregam, agora mais ousados, pousam no alto da curvatura do meu traseiro.

Paro de dançar e tento me desvencilhar, mas seu agarre se torna mais firme e isso me deixa apreensiva.

— Ae, *caboco*. Acabou a dança. — Escuto uma voz reivindicar atrás de nós.

O homem finalmente me solta e vira para Lucio, que está parado a menos de meio metro de distância, com os punhos fechados e o olhar nada amistoso.

— Acho que isso não é da sua conta, amigo. — O *cowboy* cruza os braços em volta do peito.

— A moça *tá* comigo. Então é da minha conta, sim.

— Eu acho que não precisamos decidir quem manda e quem obedece — intervenho, ao infiltrar entre os dois. — *Cowboy*, você dança bem e tudo mais, porém, é um pouco abusado para meu gosto. Agradeço a dança, mas vou trocar de parceiro. — Dou um tapinha amistoso no seu peito.

— *Tu* que *tá* perdendo, moça. — O homem meneia a cabeça e caminha para longe.

— Graças a Deus — sussurro.

— Você está bem? — Lucio toca meu braço.

Encaro-o por um tempo, vejo um misto de divertimento e preocupação dançar em seus olhos, indeciso sobre qual irá sobressair.

— Sim. Obrigada por isso, eu acho. — Dou de ombros e aponto com o polegar na direção do rapaz.

— Não por isso. Nunca fui a favor de homem que se aproveita da ocasião.

— É bem... educado da sua parte... — respondo, um tanto desconfortável.

— Então, eu posso ser o parceiro substituto? — Enrugo as sobrancelhas por um momento, sem entender aonde quer chegar.

Recordo-me do fora dado no *cowboy* e sorrio, ligando os pontos. Dou de ombros, indiferente, não acho que caberia uma resposta, até porque não saberia qual dar.

A música acaba, Lucio estende a palma em minha direção e quando a aceito, seu puxão me traz para perto rápido demais e faz com que nossos corpos se choquem. Sua mão livre espalma próximo da lombar, meu nariz encaixa perfeitamente próximo ao seu pescoço, fecho os olhos por um momento ao inspirar seu cheiro.

Tô ferrada...



Capítulo 6

*“Boi arisco eu pego na corda até derrubá,
tatu seguro no rabo não deixa ele cavá,
porco pego na orelha e piso no calcanhar,
morena eu beijo na boca,
e loira onde ela deixar!”*

— *SIDONIO*

Babi

Quando a letra começa, lamento profundamente por dentro, um ritmo lento o suficiente para nós mal nos mexermos na pista. Observo em volta e noto que alguns casais desistiram de dançar, já que o ritmo é parado demais.

♪ “Chuva no telhado / Vento no portão / E eu aqui nesta solidão...”^[16] ♪

Fecho os olhos e cometo o segundo erro nesta dança, já que o primeiro foi aceitar o convite, seu cheiro invade meu sistema, busco na memória qualquer fragrância que se assemelhe, no entanto, nada se compara. É um cheiro particular, exclusivo, que me arremete direto há cinco anos.

Meus seios estão grudados em seu tórax firme, a mão que apoia em sua palma queima com a quentura que emana dela e estou em um esforço incomum para ignorar a comichão que sinto no contato próximo à lombar.

♪ “Doido pra sentir seu cheiro / Doido pra sentir seu gosto / Louco pra beijar seu beijo...” ♪

— *Matar a saudade e esse meu desejo...* — Abro os olhos, alarmada, com o sussurro próximo ao ouvido.

O coração dispara quando seu timbre penetra meus tímpanos, as palavras causam a dúvida do que realmente pretende. Pode ser só um cantarolar inocente, ou a lembrança do que ronda meus pensamentos.

Cometo meu terceiro erro, afasto o rosto do seu ombro e giro a cabeça, sutil, analisando seu perfil. O peão parecia esperar pela atitude, já que seu rosto está perigosamente próximo e inclinado, um encaixe perfeito para nossos lábios, sua respiração se mistura à minha, por reflexo, umedeço os lábios e acabo por cometer meu último e fatal erro.

Sua boca desce sobre a minha tão rápido quanto pode, a língua ganha passassem sem qualquer impedimento, enquanto as pálpebras se fecham, intensificando o rompante. Sinto seu gosto inundar meu palato, um misto de menta com algo particular, só dele, mas que em minha memória permanecia guardado.

Suas mãos descem para meu quadril, enquanto as minhas sobem para sua nuca, paramos os pés, curtindo o duelo que se passa acima, consumindo pouco a pouco ambos e nos jogando em um espiral lascivo.

Ele suga meu lábio inferior e com um puxão doloroso finda o beijo. Mais dois puxões são ofertados antes que eu me dê conta do que acabei de fazer e afaste com um pulo, de modo que tivesse tomado um choque ao recuperar a razão.

— Sabia que *tu* sentia falta também. — Seu riso presunçoso me faz fechar o cenho.

— Falta de que, peão? Você me atacou.

— *Tá* doida? — Sua voz sobe, indignado. — Eu nunca passo do limite com uma mulher. Jamais. Você quis esse beijo tanto quanto eu.

— Fui pega de surpresa.

— E bem que aproveitou.

— Cala a boca.

Contorno seu corpo e marcho direto para o balcão, onde alguns dos peões me encaram com espanto. Pudera, dei de bandeja motivo para todos eles falarem e pensarem o que quiserem sobre a “rainha” do circuito.

Peço uma água com gás, tamborilo os dedos na madeira, impaciente. Vou esperar Ceci voltar da pista e inventar uma desculpa para irmos embora.

— Uma cerveja. — O desafeto para ao meu lado. — Preciso lavar a boca, pelo jeito.

Fermo um “o” com a boca, em total choque com a sugestão de desinfetar a língua. Bufo, preferindo calar a remedar esse desaforo.

Corro os olhos pela pista de dança, nem sinal de Ceci, o que é estranho, já que dançávamos próximas, antes do ataque do xucro ao meu lado. Cogito a hipótese de ter ido ao banheiro, mas o Maldonado também sumiu, então me leva a criar outras hipóteses na cabeça.

— Sua amiga saiu com Maldonado.

Giro a cabeça na direção do homem ao meu lado, seus cotovelos apoiados no balcão, a atenção voltada na multidão e um entortar, sutil, de lábios enfeita seu rosto.

— E quando foi isso?

— Logo que começamos a dançar. Ele está com a picape.
— *Tá* de sacanagem? — falo, mais para mim do que para ele.
— E preciso de carona, caso vá embora.
— Pois, peça a um dos seus amigos. No meu carro, você não entra
— decreto.

— *Tá* com medo de que, moça? — Sua cabeça pende para o meu lado e o sorriso cresce à medida que meus olhos se estreitam.

— Eu não tenho medo de nada, peão.

Viro o corpo em sua direção, cruzo os braços sobre os seios, isso os faz saltarem e os olhos do infeliz pairam ali. Desfaço o gesto e pigarreio, a fim de chamar sua atenção.

— Então, prova. — Seu corpo vira, deixando só um cotovelo apoiado na madeira. — Me leva *contigo* — A ponta da língua desliza pelo lábio inferior em provocação.

Engulo com dificuldade, desvio os olhos do seu rosto e miro na multidão, voltando ao foco do embate.

— Não sou sua motorista. Tenho certeza de que você se arranja.

Dirijo-me para a saída, sem lhe dar a chance de responder, porém, quase com o pé fora daquele lugar escuto sua voz zombeteira e alta o suficiente me chamando de covarde.

Continuo meu caminho, não teria como rebater sua acusação, posso negar na sua frente, mas a realidade é que me apavorou a possibilidade de estar dentro de um carro mais uma vez ao seu lado.

Não passei cinco anos da minha vida sonhando com aquele momento tórrido e completamente errado, mas bastou colocar meus olhos sobre os seus e todas as lembranças retornaram vívidas, quase reais, recordando seu toque quente e firme em mim.



Levantei mais tarde que o normal, mesmo com uma vida noturna agitada na capital, sempre tive o costume de acordar cedo. No internato

fomos disciplinadas a cumprir horários rigorosos, logo isso se tornou parte da minha rotina e nunca mais perdi o costume.

Enrolo o penhoar em torno do meu corpo, faz par com o conjunto de baby-doll creme que uso, em seda, suave e macio, desliza pela pele e mantém o frescor.

Depois que cheguei daquele programa catastrófico, fui direto para o chuveiro, quando bati a porta do carro e dei partida, só conseguia sentir o cheiro daquele bronco na minha pele, mergulhei de cabeça na ducha e lavei até os cabelos.

Como resultado, a preguiça de secar me fez dormir com ele molhado e hoje estão indomáveis. Desço as escadas para tomar café, estaco os passos quando vejo Cecília à mesa, se deliciando das iguarias dispostas.

— Bom dia, flor do dia. — Ela abre um sorriso genuíno.

— Bom dia, amiga. *Tu* não vai acreditar no que aconteceu ontem.

— Poupe-me dos detalhes com o peão fortão. Já sei que vocês saíram de lá, juntos.

— Quem te falou?

— Lucio, aquele arrogante. Obrigada por não enviar uma mísera mensagem me notificando dos seus planos.

Ocupo a cadeira à sua frente, sirvo uma xícara de café com leite, coloco suco no copo vazio e pego a colher que descansava ao lado do meio mamão que vou devorar.

— Ai, Babi, não fica brava. Eu nem me dei conta do que *tava* acontecendo até entrar no quarto dele, no alojamento.

— Pelo visto, a coisa foi boa, ao menos.

— Por demais. — Ela esconde o riso atrás do pão salgado que devora.

— Fico feliz por você, eu acho. — Dou de ombros.

Isso soa meio antipático da minha parte, mas a verdade é que não quero alimentar falsas esperanças em Ceci. Seu comportamento sempre foi de menina boba e apaixonada, inocente demais para entender que a maioria dos homens que se aproximam dela é para tirar uma lasquinha da beleza que ela ostenta e nem ao menos se dá conta.

Por mais que eu não tenha pedido um resumo ou, sequer, incentivado seu relato, a garota destrambelhou a falar sobre a pegada do homem. Não entrou em muitos detalhes, mas pelo que entendi, o documento é visivelmente vantajado e ele sabe usar com maestria.

— Bom dia, meninas. — Cesar entra na sala, todo animado.

Respondemos um bom dia tímido, Ceci por estar falando de um assunto muito particular quando ele entrou e eu por simplesmente não querer sua companhia na primeira refeição do dia.

Nunca termina bem quando passamos mais de quinze minutos no mesmo ambiente. Ele tende a puxar assuntos ou fazer colocações que me levam a rebater e, quando nos damos conta, a discussão está rolando solta.

— Querida, passa o jornal. — Ele estende a mão e olho para o lado, vendo o item próximo a mim.

Entrego sem ao menos lhe direcionar o olhar, contando mentalmente quantos pedaços de mamão ainda faltam para eu comer. Cecília cutuca minha perna por baixo da mesa, levanto o olhar e noto sua expressão de tédio.

Sufoco um riso assim como ela, volto a fuçar meu café da manhã quando uma gargalhada forte explode do meu pai que se mantinha atento ao jornal.

— Estou na primeira página. — Ele vira o objeto na minha direção.
— Uma matéria inteira falando sobre a fazenda.

— Que bom para o senhor.

— E para você também, já que tudo isso será seu um dia.

— Claro.

— Então, se divertiram muito ontem, no bar dançante? — Ele dobra o jornal, colocando-o de lado.

Seus olhos percorrem de mim para Cecília, que se limita a baixar a cabeça, sem mencionar um respiro que fosse mais alto.

— Sim. Só me pergunto como soube disso.

— Estou sempre informado de tudo que me interessa.

— E...

— “E”, nada. Fiquei satisfeito em saber que você e Lucio têm um entrosamento tão... — ele gira uma das mãos no ar ao buscar por uma palavra que adeque —... pessoal.

O beijo.

— Não temos nada pessoal, além do fato de nos odiarmos, ao menos da minha parte, é verdade.

— Ninguém dança com quem detesta, minha filha.

— Aonde quer chegar com tudo isso?

— Por enquanto, em lugar algum. Só mantenha as coisas assim, amáveis. Esse peão é a chave para que o torneio seja um sucesso e nós precisamos que ele seja.

— O senhor está sugerindo que eu dê em cima do peão?

Cecília chuta minha canela por baixo da mesa, protesto pela dor e a encaro com raiva. Seus olhos estão completamente saltados, desacreditada do meu questionamento mais do que sincero.

— Não. Acho que isso é desnecessário, visto tudo que aconteceu ontem.

— Pai, o q...

— Sugiro — ele fala mais alto, ao se levantar da mesa —, que você vá até a arena de treino e acompanhe a rotina, afinal, é a rainha de tudo isso.

Com um sorriso malicioso, ele nos deixa sozinhas, mas tenho certeza de que escuta meu punho bater fechado sobre a mesa e estremecer a porcelana em volta.

— Do que ele *tá* falando, Babi? — Cecília questiona, esticando o pescoço por onde ele acabou de sair.

— Não ficou claro? Ele quer que eu me envolva com o peão, só não faço ideia do porquê.

— Vai ver, ele acha o Lucio um bom partido *pra tu*.

— Não me faça rir, Cecília. Meu pai nunca permitiria de bom grado que eu namorasse um peão de montaria.

— Mas ele é rico, uai. Não importa o que faz da vida, dinheiro ele tem aos montes.

Como se uma luz se acendesse na minha cabeça, passo a confabular algumas teorias na cabeça.

Jogar sua filha para o peão não é algo pensado agora, talvez seja uma visibilidade maior para o evento, nos tornar um casal propaganda, mas o fato do indivíduo ter dinheiro agrava suas intenções.

— De quanto dinheiro estamos falando, Ceci? — Estico o pescoço para frente, interessada.

— Muito. Só em cada título da PBR ele ganhou mais de um milhão de dólares, fora outras competições.

— Ele é bicampeão — dou voz à minha constatação.

— Sim. Foi campeão no primeiro ano que competiu e, recentemente, antes de voltar para o Brasil, ganhou mais uma vez.

— Isso é intrigante...

— Ele ganhar? Por quê?

Sacudo a cabeça, retornando à realidade, Cecília me encara, curiosa, aguardando que eu explique algo.

— Tenho que entrar no escritório do meu pai quando ele não estiver lá — falo baixo, para que ninguém possa ouvir.

— *Tu* já vai arrumar encrenca, Babi — ela ralha, a feição muda de curiosa para completamente assustada.

— Vamos nos arrumar, temos um treino para visitar.

Levanto, determinada, e caminho para meu quarto com Cecília a meu encalço, questionando, protestando e soltando lamentos desesperados.

Algo muito sério esconde o verdadeiro motivo de Cesar orquestrar todo este circo e insistir para que eu participasse. Sabia que suas intenções nunca foram me inteirar da administração da fazenda, de alguma forma, ele pretende me usar em seus planos e, cedo ou tarde, vou descobrir o que é e desmascará-lo.



Capítulo 7

"Papagaio come periquito,

periquito come a lacraia.

O bicho que o homem mais gosta

a mulher esconde embaixo da saia.

O bicho tem barba que nem bode,

ferrão que nem arraia

e tem um buraco no meio

onde a madeira trabalha"

— *Sidonio.*

Lucio

Em passadas ritmadas, corro pelo percurso levemente íngreme, os músculos da coxa e panturrilha protestam, suor exala por todo o corpo, no entanto, insisto no percurso de cinco quilômetros.

Fiquei alguns dias sem *cardio*, um erro completo, a falta do hábito estava prejudicando e agora meu desempenho caiu o suficiente para Maldonado querer me esgoelar quando retornar à academia.

Pesco a pequena toalha presa no cós da calça de moletom cinza que uso, levo até minha testa, tiro parcialmente o boné e limpo a sudorese formada. Solto o ar pesado pela boca, controlo a respiração e continuo correndo.

A camisa já foi abandonada há muito tempo, apesar do clima mais frio da manhã na fazenda, meu corpo aquece com facilidade e já estava todo molhado com os fluidos, então, optei por tirar e enrolá-la na cintura.

Avisto as construções e sorrio, finalmente, ao longe posso ver Maldonado parado com uma mão na cintura, enquanto a outra segura em punho o cronômetro.

O disgramado vai arrancar meu couro.

Do lado oposto, observo duas figuras caminhando por uma trilha que leva até os estábulos, a cabeleira loira esvoaçando contra o vento, uma calça preta de ginástica, acredito eu, ajustada, e uma camisa leve branca.

Potranca boa!

Sinto minha região baixa despertar, mudo o rumo e acelero a corrida. Vejo, ainda longe, Maldonado abrir os braços em claro protesto e opto por ignorar.

Quando estou próximo o suficiente, ambas param de caminhar e se viram, a dona onça permanece em silêncio, seus olhos descem pelo meu corpo, sorrateira, medindo meu tronco.

Paro de correr e passo a caminhar, já que estou próximo.

Sua amiga tem um sorriso discreto nos lábios, chega a falar algo para a loira, que a encara com espanto, antes de se voltar até mim, agora com o semblante mais fechado.

— Dia. As moças vão cavalgar? — Apoio as mãos na cintura.

— Bom dia. Vamos ver o treino de vocês um pouco — a morena responde.

— Espero que tenha arrumado carona ontem. — A loira cruza os braços.

— Claro que arrumei. Sempre tem uma *chaiene*^[17] disposta e educada.

Ela mostra espanto, mas vejo o brilho da raiva despontar no olhar. É tão prazeroso conseguir mexer com o sossego dela, sinto como se uma carga de adrenalina atingisse meu corpo, toda *maldita* vez.

— Você faz mesmo o tipo que usa as mulheres. — Seus lábios retorcem em uma careta de desdém.

— Na realidade, moça — aproximo alguns passos ao fechar a distância —, são elas que me usam. — Deslizo a mão pela barriga em falsa displicência.

Deixo meus lábios curvarem para cima quando seu rosto assume um tom avermelhado, os olhos faíscam e contorno seu corpo, sendo o vencedor, mais uma vez, do pequeno embate que sempre travamos.

— Vem, Babi. — Ouço sua amiga a chamando.

Provavelmente está parada no mesmo lugar, com a cara mais feia que o próprio *coisa ruim*^[18], não consigo evitar a risada alta e seu grunhido em resposta estimula ainda mais minha alegria.

Chegamos os três próximos da entrada do galpão de treinamento, Maldonado, ainda empunhado do cronômetro, o ergue mais e aperta o botão do aparelho com as duas sobranceiras erguidas para mim.

— Você vai ser o último colocado no torneio, se não mexer esse saco de batatas que chama de corpo.

— Não viu que eu parei para acompanhar as moças? — Aponto para as duas que vinham a um passo atrás de mim.

— Mantenha o foco. — Maldonado se aproxima com a entonação baixa, porém, firme. — Você deixou a principal regra de lado.

— *Tá certo!* Vou para os aparelhos.

— Antes *tu* vai dispensar a garota do nosso quarto. Entrei *pra* trocar de roupa e tomei um baita susto.

Já tinha avançado para a entrada do treino, paro por um segundo, fecho os olhos ao jurar que ainda vou acertar um soco no nariz bem-alinhado dele.

— Ela sabe o caminho da saída — decreto, ainda de costas e continuo o caminho.

Pela próxima hora, levanto pesos, exercito os músculos do braço e abdômen e encaro a loira. Aonde ela vai, meus olhos acompanham, atento a qualquer traço da sua feição, que se tornou uma pedra de gelo.

Maldonado se esqueceu de mim desde que sua morena entrou no recinto, está junto delas, ensinando e explicando cada parafuso que compõe o ambiente, nem se deu conta da merda que fez.

Termino a última sequência de abdominal, pego a garrafa no chão ao meu lado e viro um gole generoso na boca. Ao me levantar da esteira, vejo em minha visão periférica ela me encarar, sorrio de lado e faço um gracejo.

Viro o bico da garrafa sobre a cabeça, só o suficiente para escorrer um filete de água pelo pescoço e seguir o caminho da felicidade. Olho para baixo, acompanho o caminho e ergo os olhos na sua direção.

Babi tem os braços cruzados, a boca parcialmente aberta, o olhar fixo no cós do moletom, por onde a água se aloja agora, umedecendo a ponta. Quando, por fim, sai do seu transe, ergue os olhos, dando de frente com os meus.

Pisco um olho, enquanto o canto da boca repuxa de um lado para cima, não consigo evitar o ar provocador quando a tenho assim, contraposta em ações.

Rumo para o alojamento, rezo internamente para a mulher que me acompanhou ontem estar fora de lá. Depois que a Babi me largou na mão, ontem, arrumei uma potranca no bar e não levei mais de cinco minutos para convencê-la a conhecer o alojamento.

Abro a porta devagar e solto o ar com pesar, ao ver seu corpo jogado na pequena cama, os cabelos pretos espalhados, cogito a possibilidade de voltar, mas ela abre as pálpebras e fixa em mim.

— Bom dia, peão.

— Dia.

Fecho a porta atrás de mim e vou até a mala no canto, pescando uma muda de roupa, vejo sua sombra se aproximar e logo suas mãos deslizam pelas minhas costas, estou com o tronco curvado e volto a ficar de pé.

— Você dormiu bem?

Giro na sua direção e suas mãos se engancham no meu ombro, nossos corpos se chocam, apoio as minhas na sua cintura, afasto um passo, sútil.

— Só fiquei triste de acordar sem você.

— Precisei treinar. Agora vou para o banho, tô todo suado. — Consigo contornar seu corpo.

— Quer companhia?

— *Num dá, moça. Preciso pegar no batente*^[19].

— Ok, garanhão. Já entendi o recado. — Ela afasta alguns passos, ainda nua, escaneio seu corpo exposto. — Se quiser repetir a dose, me liga.

Aceno com a cabeça e rumo para fora do quarto. Não costumo repetir nenhuma dose, principalmente quando estou em viagens temporárias. Correr o risco de criar um vínculo desnecessário é burrice, no fim das contas, será cada um para seu lado mesmo.



Calçado, vestido e com meu chapéu na cabeça, rumo para a segunda parte do treino. Quando retornei do banho, não encontrei a mulher mais no quarto, o que foi um alívio, não tenho humor para lidar com gente insistente.

Ao chegar à arena de treino, fico espantado com a cena à minha frente.

Apoio a ponta da bota na cerca e os braços descansam no cano de metal, fico desacreditado com a loira sentada sobre o tambor e Maldonado em torno dela, a segurando.

Foram colocados três touros de tambor, eles não representam fielmente uma montaria de verdade, mas ajudam a treinar equilíbrio e lembrar a cabeça dos movimentos sobre um boi.

A base é feita com um tipo de mola resistente para que dê a mobilidade em todos os lados, o corpo é um tambor de latão grande, uma corda amarrada com alça, imita a corda americana da montaria e um cano ou pedaço de pau atrás, onde um condutor maneja os movimentos.

Chega a ser divertido, sempre um *fio duma égua*^[20] que tem *bicho carpinteiro*^[21] no corpo, sacaneio o montador, manuseando de forma descompassada a base, só para vê-lo se estabacar^[22] no chão.

E, neste momento, estou sendo agraciado com a visão da loira metida à besta, montada em um desses tambores e lutar, desajeitadamente, para manter o mínimo de equilíbrio.

Mesmo com as duas mãos na corda, o que é errado de todas as formas possíveis, ela ainda tem dificuldade em se manter sentada. A amiga que conduz o movimento do tambor e noto o empenho tolerante em prol ao companheirismo.

Como eu não sou nem um pouco amigo dela, sinto-me na obrigação de ajudá-la a compreender como de fato as coisas acontecem na arena.

Devagar, me aproximo, ouço seus gritos cada vez mais estridentes, Maldonado mantém as mãos espalmadas na sua lombar e barriga, para auxiliar no equilíbrio e prevenir uma queda.

Como se meio metro do chão fosse causar um grande estrago.

Ela não pode me ver, mas os dois em volta, sim, faço sinal para que não denunciem minha aproximação, aponto para o cabo que a morena segura e tomo a função de guiar a escandalosa sobre o boi.

— Ai! Eu vou CAIR. — Todos encolhemos com o agudo da voz.

— Tô segurando, moça. Pode confiar. Deixa o tronco solto e firma as pernas. — Maldonado instrui, mas ela parece não ouvir.

Movo o cano em um círculo que a faz dançar com os quadris sobre o tambor, continuo jogando para cima e para baixo, seu corpo ondula em resposta e sua bunda arrebita ainda mais.

E a brincadeira se vira, maldosamente, contra mim. Observar suas costas arcando, a bunda cresce e encolhe na conturbação das ações, praguejo baixo, mas não o suficiente para que ela não ouça.

Ela solta a corda e vira o tronco para trás, seu olhar alarmado, diria que até afiado, mirando minha imagem. Se olhares pudessem fritar algo ou

alguém, eu estaria correndo morro abaixo em chamas, com certeza.

— Ninguém te convidou, peão. Se afasta do meu boi.

— Bom, você está usando um aparelho de treino, com o meu preparador, isso me leva a crer que *tu*, moça, *tá* atrapalhando.

— Eu sou a dona disso tudo, sabia? — Ela passa a perna esquerda por cima do tambor e salta de pé.

— Não teria como esquecer, mas se fosse um *tiquim*^[23] mais inteligente — faço sinal com os dedos próximos só para vê-la bufar — ia perceber que atrapalhar os peões não vai ser bom para a competição de amanhã.

— O aparelho é todo seu. — Ela sinaliza com as duas palmas para cima. — Faça bom proveito.

Quando ela tenta sair, marchando para longe e eu muito satisfeito por ter tirado sua paz, ouvimos alguém gritar e giramos em atenção.

— Foi ótimo encontrar os dois juntos. — Cesar se aproxima com uma faixa na mão e acompanhado de um rapaz com uma máquina fotográfica pendurada no pescoço. — Preciso de uma foto de bastidores, vocês dois no touro mecânico ficará perfeito.

— O quê? — Nós nos encaramos ao questionar juntos.

— Filha, você monta e o Lucio se senta atrás. Vai ficar maravilhoso no jornal. — O homem ignora a insatisfação de ambos e continua ostentando aquele sorriso forçado.

— Pai, eu...

— Anda, Babi. É coisa rápida. — Suas mãos abanam na direção do aparelho.

A loira, pela primeira vez, demonstra cansaço, sua aura ativa se desmancha, por um segundo, até ela endireitar a postura e marchar em direção à tarefa.

Maldonado a ajuda subir, ela segura a corda com as duas mãos, olha sobre o ombro, com um ar desafiador, movo os lábios, contendo um sorriso e caminho até ela.

Passo as pernas entre o tambor, estrategicamente me sento com força quase na ponta, isso faz o latão empinar de repente, seu corpo é

jogado de encontro ao meu, a anca desliza para trás e eu movo o quadril para frente, cavando no seu traseiro.

Meu rosto se encaixa no seu ombro, onde descanso o queixo, e sua cabeça projetada para meu lado, nos coloca em uma posição difícil de resistir, ainda sim encontro forças para brincar.

— Assim eu não me aguento, loira.

— Cala a boca. Eu sei que fez de propósito.

— *Tá* perfeito. Lucio, apoia a mão na cintura dela.

Levo uma mão à cintura e a outra, do lado que o queixo apoiava, espalmo na sua coxa, seu grunhido em resposta me faz sorrir abertamente.

— Levanta a mão de lá, Babi. — Ela faz como é pedido. — Perfeito.

O fotógrafo se aproxima e, uns dez disparos depois, estamos liberados. Retiro meu peso da ponta do tambor e ele volta ao normal, a loira aproveita para saltar e se afasta de mim.

— Viu? Nem doeu.

— Você não me incomoda, peão. O desconforto — ela sinaliza para minhas calças — é todo seu.

Encaro minha virilha marcada, praguejo baixo ao girar no lugar e tentar ajeitar o pacote. Ouço Maldonado e a morena rindo, faço uma careta para ambos e sigo meu rumo.

Desta vez, a *disgramada* levou a melhor.



Capítulo 8

*“Espírito do cão,
alma do satanás,
setenta capetas juntos,
não faz o que a loira faz.”*
— *Sidonio*

Babi

Circulamos entre as pessoas no camarote, Ceci e eu ocupamos a área dos patrocinadores, ajeito a coroa ridícula que meu pai me forçou a usar, estou de calça montaria, bota cano alto e um camisão vermelho.

Fui obrigada a cumprir o ritual de entrar na arena montada no meu cavalo, acho que faz uns dois anos que não tinha a oportunidade, já que evitava ao máximo colocar os pés em Águas Claras.

Depois do cortejo, fomos encaminhadas para cá, onde tenho que sorrir e fingir adorar todas as competições que são anunciadas. Ainda não tive oportunidade de fuçar o escritório de Cesar, mas assim que for permitido, saio daqui e corro para a fazenda.

Fiz questão de vir em carro separado, assim não dependo da boa vontade de ninguém para ir e vir.

Estamos na cidade vizinha, onde ocorre os dois primeiros dias de competição, todas as provas serão pontuadas e a somatória geral compõe a classificatória de quem fica e quem sai. Isso, depois das duas cidades que ainda irão percorrer e eu terei que acompanhar.

— Por que *tá* bufando? — Ceci toma um gole da garrafa de água em suas mãos.

— Porque eu quero ir embora.

— *Uai*. A gente mal chegou.

— Pouco importa. Não vejo a hora disso tudo acabar e eu voltar para a capital.

— É bom *tu* encontrar algo que te motive, porque serão longos três meses.

Torço o nariz ao ser lembrada e meu olhos pairam no peão desaforado, entre os bretes, longe o suficiente de mim.

— Vem comigo.

Puxo Cecília pela mão e caminho para fora do espaço, descemos uma escada improvisada, entro no vão de duas grades e caminho determinada pelo corredor apertado.

— Aonde *tu* vai, mulher? Aí é a concentração dos competidores.

— Eu sei. Você não quer conhecer *eles* de perto? — Encaro sobre o ombro.

— Já tenho um peão bastante ativo para me preocupar.

— Deixa de ser boba, Ceci. acha que o Maldonado *tá* apaixonado por *tu*? Ele vai embora daqui uns meses.

— E quem disse que *tô*? — Sua voz ofendida me faz parar e virar em sua direção.

— Acho bom você não estar mesmo, ou vai arrumar uma baita frustração quando ele partir.

Ela dá de ombros e continuo o caminho. Estamos abaixo dos palanques, o teto quase acerta as cabeças mais altas, alguns homens estão espalhados, esfregando cordas e jogando conversa fora.

Claro que todos os olhos correm de mim para Cecília, somos as únicas aqui e talvez minha faixa esteja chamando muito a atenção.

— Tarde, moça. É a rainha do circuito? — Um homem grandalhão e forte se aproxima.

— Boa tarde. Sim, sou. Estamos só conhecendo.

— *Tá* certo. Se precisar de ajuda *pra* qualquer coisa, pode me chamar. — Ele acena ao tocar a aba do chapéu.

— Na verdade, tem sim, gostaria de saber como vocês escolhem os touros que montam. — Pestanejo os olhos de forma inocente.

— *Uai!* Ninguém escolhe. É sorteado antes *da* competição começar.

— Vocês ficam sabendo na hora do sorteio? Quase entrando na arena?

— Isso mesmo.

— E como sabe se vai vencer?

— A gente se prepara antes. Estuda *os boi tudo*, *pra* saber se é boi girador.

— O que isso quer dizer?

— Boi bravo, moça, pulador que *trabaia pra* derrubar o peão.

— Entendi. E que boi hoje é assim?

— Ah, o Desbravador.

— Desbravador?

— Sim. É da tropa^[24] de Águas Claras.

— Ah, sim...

— É um Nelore potente. *Tu* deve conhecer a tropa. — Ele aponta para mim, risonho.

Salto no lugar ao escutar um estrondo entre as grades do outro lado e um animal gigante passar com rapidez. Cecília corre para o meu lado, tromba na minha lateral e acabo sendo empurrada para cima do peão.

— Calma, moça. Eu cuido *docê*^[25]. — Suas mãos circulam minhas costas e puxam ainda mais para si.

Sorrio, sem graça, e uso meus antebraços sobre seu peito para afastar meu tronco do contato.

— *Tá* fazendo o que aqui? *Diacho!* — Tanto Ceci quanto eu saltamos mais uma vez, agora assustadas com o tom afetado de Lucio.

Ele e Maldonado se aproximam de nós, minha amiga é puxada pelo braço e protegida embaixo da asa do preparador, já eu, continuo aturdida, presa nas garras do peão.

— A moça *tá* curiosa com o rodeio, Lucio.

— Ela é filha do Cesar, de Águas Claras, Alencar.

Sua informação soa como ameaça e automaticamente o brutamontes me solta e afasta um passo.

— Quero encrenca não. Só *tava* sendo educado — o tal Alencar responde, sério, o humor e charme que destilava há alguns segundos já se foi.

— Acho bom. Ou eu teria que avisar o maior patrocinador do circuito que um peão *tava* se *enrabichando*^[26] pela rainha dele. — Lucio aponta para minha faixa.

— Longe disso. *Uai*.

Cruzo os braços e faço a minha melhor cara de tédio para Lucio. Tudo bem que no fim ele me salvou de uma situação embaraçosa, mas eu jamais admitiria isso em voz alta.

— O que a senhorita *tá* fazendo aqui embaixo?

— Eu tenho acesso a qualquer lugar, sou a rainha do circuito. —
Abro os braços, evidenciando a faixa *escalafóbica*.

— Aqui é lugar de homem.

— Uau! Um machista — falo mais alto, com ironia, o peão avança um passo, enfurecido, quase colando nossos corpos.

— Tu *tá* vendo alguma *maria-breiteira* ^[27] aqui?

— Mais um comentário pejorativo. Você é impressionante, peão.

— É melhor *tu* subir antes que arrume encrenca *pra* si.

— Jura?

— Essa cambada de homem não é *tudo bonzinho*, não.

— Se forem iguais a você, realmente devo me preocupar.

— *Tá* tentando dizer que eu ameaço a moça? — Ele recua o pescoço, com ar zombeteiro.

— Estou querendo dizer que eles são iguais cachorros. Ladram e não mordem.

— *Eita...* — Escuto o comentário vindo de Maldonado.

Passamos algum tempo nos medindo, um embate declarado, seus olhos tão raivosos quanto os meus e uma comichão que gritava por pular em cima desse peão desaforado.

— Lucio Alves. Você é o próximo — um funcionário grita do outro lado e somos tirados da bolha conflituosa.

— *Faz* o que bem entender, moça. Depois não diga que não foi avisada. — Ele segura a aba do chapéu em cumprimento. — *Simbora*, Maldonado — determina, ao passar pelo amigo, seguindo seu rumo.

— Volta lá *pra* cima, Ceci. A gente se vê depois do rodeio. — Ele lhe dá um beijo estalado e segue o amigo.

— Babi?

Olho em sua direção e sinalizo com a cabeça de onde viemos. Achei que colheria algumas informações por aqui, a conversa rola solta entre os bretes, quem sabe pescasse alguma pista.

Quando chegamos ao palanque, avisto a poucos metros de distância Lucio subir na grade, passar uma perna seguida da outra. Com cuidado, ele monta no boi, se ajeita, Maldonado estica a corda americana para cima, ele

esfrega com a luva diversas vezes e a toma para si, acredito que amarrando em alguma coisa.

Uma das suas mãos segura a grade, a outra está atrelada a alça, que o liga ao boi, Maldonado agora mantém o agarre em um colete de segurança que ele não usava ainda há pouco.

O boi esbraveja e salta no espaço limitado dentro da grade, isso joga o corpo do peão para frente, entendo-me fazendo compreender o motivo do amigo segurá-lo.

Pisco duas vezes, assustada, a plateia entra em polvorosa, o nome de Lucio é anunciado, todos ficam em pé, eu prendo a respiração e ele acena, dando início à prova.

Fecho os olhos ao mesmo tempo que seguro as mãos de Cecília, nunca gostei de rodeios, acho uma crueldade com o pobre animal, além de brincar com a vida de quem os monta.

Nenhum acidente é brando, ossos quebrados, desmaios e até morte, é uma roleta russa onde tudo pode acontecer.

Fico nervosa e incomodada, nunca assisti com empolgação, mas por algum motivo, meus olhos se fecham e o agito e nervosismo mostram a ansiedade para soar a sirene.

Nunca conheci nenhum dos montadores, é a primeira vez que tenho contato com alguém que está se jogando para a morte e isso é apavorante.

— Já acabou. — solto, aflita.

— Dois segundos...

Escuto a sirene soar e abro os olhos a tempo de ver o peão saltar em pé e correr para longe do touro enfurecido. Todos aplaudem e gritam, Lucio estende o braço, cumprimentando a arena e encara o locutor.

Ele aplaude sua nota, que é a mais alta por enquanto, acena para a multidão mais uma vez e deixa a arena com um sorriso radiante nos lábios.

— Foi lindo.

— Foi? — A encaro, com curiosidade.

Ambas descemos o olhar para minhas mãos, que ainda esmagam seus dedos e de forma repentina solto o contato e, desconfortável, pigarreio.

— Vou embora antes de terminar.

— Mas eu queria ficar para encontrar com Maldonado.

— Eu sei, pode ficar. Caso meu pai pergunte de mim, diga que estou conhecendo os bastidores.

— Mas e se ele pedir *pra* eu te achar?

— Diz que não me encontrou.

— O que *tu* pretende fazer? — Seus olhos se estreitam, desconfiados.

— Vou procurar pelo real motivo que meu pai me forçou a vir para Águas Claras.

— Toma cuidado, Babi. *Tu* sabe que seu pai odeia que se intrometam nos negócios dele.

— E eu odeio ser forçada a fazer o que não quero.



Entro na casa grande, já anoiteceu, ainda tenho algumas horas de vantagem, saí quando as competições de touro estavam finalizando, mas conhecendo meu pai, ele ainda passará um par de horas se gabando do seu touro que derrubou o peão, antes dos oito segundos exigidos.

Encaro as saídas da grande sala, não avisto ninguém, então passo pé ante pé pela sala, evito causar qualquer barulho mais alto, não quero despertar a atenção, sigo pelo corredor até parar diante do meu destino.

Testo a maçaneta, trancada, tiro um grampo do cabelo, fico de cócoras diante da fechadura, abro a lanterna do celular e enfio o arame fino pelo buraco.

Rodo para um lado, para o outro, sacudo a ponta, tiro o arame, coloco mais uma vez e nada acontece.

— Nos filmes, isso é mais simples.

— Porque são filmes, criança.

— Ah! — Caio sentada para trás ao ouvir a voz rouca e áspera.

— Quer me matar do coração, Dolores? — Encaro sua figura baixa, as mãos para trás e o ar risonho.

— Duvido que eu consiga essa proeza. O que faz aí?

— Preciso entrar.

— Por que não pegou a chave reserva?

— Onde?

— Aqui. — Ela aponta para um quadro de moldura grossa.

Localizado ao lado da porta, Dolores fica na ponta dos pés e corre as mãos em cima, até encontrar o que procura.

— Tome. — Ela estende uma chave pequena prateada à minha frente.

— Obrigada. — Aceito o objeto e fico de pé.

— Só tire essa coroa e faixa. Está ridícula desse jeito. — Ela abana para meus utensílios de rainha e fala com desdém, antes de começar a se afastar.

Ignoro sua implicância, sei que de todas as pessoas nesta casa, Dolores é a única genuinamente feliz com a minha presença. Ela trabalha para minha família desde que meus pais se casaram, foi a única a cuidar de mim, após a morte da mãe, e chorou quando abracei seu quadril, pedindo que não deixasse me levarem para o internato.

Destranco a porta, entro com cuidado, vou direto até sua mesa, empunhada da lanterna no celular, confiro a papelada e pastas sobre ela, nada de interessante. Abro as gavetas e vasculho, abaixo para enxergar os itens da última, que contém mais algumas pastas.

— Por que não acendeu a luz?

— Ah! — grito, mais uma vez, ao ficar ereta e levar as mãos ao coração.

Meu peito tamborila com tanta força que chega a faltar o ar.

— Para de me assustar!

— Pare de se assustar por nada. — Ela aperta o interruptor e o ambiente se ilumina.

— Estou tentando ser discreta.

— Não está conseguindo, criança.

— O que sugere? — Cruzo os braços e faço uma careta impertinente.

— Comece pelo cofre, no armário atrás de você.

Solto os braços ao lado do corpo, enquanto minha boca forma um “o” impressionado. Não sei como ela consegue agir tão calmamente em um momento de tensão e, ainda pior, solta informações de forma pingada, se comprazendo a cada passo.

Abro as portas e vejo a tela de números, penso por algum tempo, buscando qual a combinação certa a colocar.

— Desista, criança.

— Por quê?

— Seu pai não é sentimental o suficiente para usar alguma data específica. Ele é prático e deve ter procurado uma combinação de números bem complicada.

— Você pode ter razão.

— Agora, podemos sair daqui?

— Sim. Podemos. — Fecho a porta do armário e marcho, resignada, para a saída.

— Uma ótima aventura para hoje. Parabéns.

— Você *tá* me caçoando.

— Sim.

Penso em uma resposta impertinente, mas não consigo. Ela me ensinou esse lado altivo, forçou todos os meus limites e mostrou que precisava engolir o choro para enfrentar as pessoas e situações, que raramente seriam favoráveis a mim.

— Senhora? — Nós nos viramos assim que uma empregada entra no corredor.

Por alguns segundos, ela não nos pega trancando a porta do escritório.

— O que foi?

— Tem um peão aí na porta, procurando pela patroa. — A garota sinaliza na minha direção.

Lucio.



Capítulo 9

“Meu chapéu é de palha,

Meu chicote é de couro,

Minha espora é de prata,

Minha fivela de ouro.

Rodeio que eu mais gosto é rodeio em touro.

Mulher para ser bonita tem que ter cabelo louro.”

— Anônimo.

Lucio

Quando perguntei à Cecília sobre a amiga e seus olhos condenaram certa apreensão, algo dentro de mim gritou que alguma coisa de ruim pudesse estar acontecendo.

Aleguei cansaço e voltei para a fazenda, já que a amiga disse que ela veio embora. Agi no automático e, só agora, diante da porta da área de serviço, me pergunto qual a desculpa darei por mandar chamá-la.

Já está comprovado que a história é verdadeira, não há motivos para estar aqui ansioso, aguardando sua presença para acalmar o alvoroço dentro do peito.

— O que faz aqui?

Ergo os olhos e a vejo parada rente a porta, três degraus acima, seu olhar interrogativo não diminui a beleza dos cachos loiros caídos sobre a blusa e aquela maldita calça tão agarrada, que faz um defunto salivar de desejo.

— Boa noite, moça. — Pigarreio para normalizar a voz.

— Boa noite.

Seus braços cruzam e o erguer de sobrancelhas mostra a impaciência por uma resposta, que eu não tenho, por isso opto pela sinceridade.

— Sua amiga disse que não se sentia bem, fiquei preocupado.

— E por que você se preocuparia comigo, peão?

Levo uma mão até a nuca e coço, em um gesto nervoso, solto um riso sem graça e volto a olhar seu semblante intrigado.

— Não tenho uma resposta *pra* isso.

Ela descruza os braços, sua feição suaviza e ela desce os pouco degraus até estar diante de mim, um pouco mais alta, ajeita o chapéu na minha cabeça, enquanto seu riso surge nos lábios, tímido.

— Agradeço a preocupação, peão, mas estou bem. Só não aguento aquela palhaçada toda por muito tempo.

— Se não gosta de rodeio, por que aceitou ser rainha de um?

— Há coisas que não se tem escolha.

— Seu pai ainda a obriga a fazer certas coisas? — Recordo-me de cinco anos atrás e sinto o peito apertar.

Seu Guilherme comentou, na época, o motivo da ex-namorada estar em Palomino com ele, fiquei enojado com o fato de o próprio pai querer usar a filha como moeda de troca.

— Nada parecido com um casamento arranjado, mas ele ainda tem o poder de ditar algumas vontades.

— Por que tolera isso?

— Porque eu preciso. Dependo dele financeiramente, além do mais, desta vez ele quer que eu aprenda algumas coisas da fazenda.

— Isso nunca aconteceu antes?

Ela solta um riso fácil, as mãos vão para dentro dos bolsos da calça, desconfortável com meu interrogatório. Pudera, nunca me vi tão curioso em saber da vida de alguém como está sendo com ela, não consigo evitar, quando percebo as perguntas saltam da minha boca.

— Não. Mas acho que já respondi perguntas demais *pra* você, está na hora de retribuir.

— *Tá* certo. — Tiro o pé que apoiava no primeiro degrau e troco o peso entre as pernas.

— Por que saiu de Palomino?

— Busquei meu caminho. Continuar em Palomino só me faria permanecer no mesmo lugar, esperando as coisas acontecerem, e eu já estava cansado de almejar.

— Foi por conta de um coração partido? — Ela prende o lábio inferior entre os dentes de forma graciosa.

Enfio as mãos no bolso com brusquidão, impeço o impulso de avançar sobre ela e atacá-la feito um animal no cio. Queria eu estar mordendo aquela boca gostosa.

— Acho que o coração quebrado me despertou para o que não estava fazendo por mim.

— Entendo. Nunca tive um coração quebrado, acho que no fundo nunca me permiti ir tão fundo em uma relação.

— Nem com seu Guilherme?

— Pois é. Gui foi o melhor namorado que tive, um cara realmente do bem, cheguei a pensar que se casássemos, eu seria muito feliz, mas no fim éramos mais amigos do que amantes. — Ela dá de ombros.

— Acho que comigo foi mais ou menos isso, ao menos da parte dela. — O comparativo faz meus pensamentos retornarem para o passado e ponderar o que aconteceu.

— Sente falta dela? — Ergo os olhos para os seus.

— Não — respondo, com sinceridade.

A resposta veio tão rápida que me surpreende. Nunca parei para pensar se Rita Maria me fazia falta ou não e, a pergunta da Babi, me fez enxergar que não é ela, mas sim ter alguém.

Preencher o coração com um amor, sentir a vontade de cuidar, amar e proteger e saber que faz parte dos pensamentos do outro, deter seu afeto.

— Acho que o assunto está sério demais, peão. — Babi parece desconfortável, seus quadris balançam, sutis, de um lado para o outro. — Preciso entrar, amanhã é um novo dia.

— Tem razão. Boa noite, moça. — Afasto um passo e toco a aba do chapéu em cumprimento.

Ela acena em despedida, volto a atenção para o caminho até o alojamento, o coração com um acelero inexplicável, como se tivesse vencido um duelo na arena.

— Ei, peão? — Olho por cima do ombro e a vejo sorrindo da porta. — Obrigada por se preocupar.

— Disponha.

Com um sorriso radiante, volto a caminhar, uma disposição que ainda não havia sentido no Brasil, aquele incômodo no peito que sinto há tempos, dissipado. Parece que finalmente as coisas estão se encaixando e minha vinda para o Brasil começou a ter mais sentido.



Acordo na manhã seguinte antes do galo, coloco uma roupa leve e saio, ainda clareando o dia, para uma corrida leve. Hoje tem competição,

não posso forçar os músculos, mas correr sempre limpou minha mente e essa noite foi tumultuada de pensamentos e sonhos intrigantes, para dizer o mínimo.

Um misto de sonhos eróticos, ora lembranças daquela bendita noite dentro do carro, ora cenas novas, fantasias criadas, dela completamente nua dentro do estábulo e eu dentro dela, diversas vezes.

Perdi as contas de quantas vezes acordei com a mão na pica, olhei para o lado, assustado, e constatei que Maldonado dormia tranquilo, o que era um alívio. Pareço um adolescente descontrolado, afoito pela oportunidade de transar, mas não com qualquer garota, e sim, com ela, a responsável por essa comichão que me toma toda vez que surge à mente.

Entro no alojamento e vou direto para o chuveiro, gelado, já que a lembrança do sonho despertou meus instintos e preciso me aliviar, ou corro o risco de morrer por pica dura, antes da competição de hoje.

Saímos no horário, vários carros seguem em comitiva para o segundo dia de competições, estava ansioso por ver Babi antes de partimos, mas ela não deu as caras no alojamento, nem no refeitório.

Quando vi Cesar entrar com aquele sorriso engessado no rosto, meu peito retumbou com as batidas mais intensas, fiquei em expectativa, acredito que cheguei a elevar o pescoço e descolar o traseiro do banco, à espera de vê-la, porém nem sinal.

Optei por ir sentado na caçamba da picape, Maldonado está na direção e um outro peão lhe faz companhia no carona. Ele está azucrinando minhas ideias, quer saber por que saí correndo do evento de ontem e hoje pulei cedo da cama.

Disse que era só cansaço, mas o homem não engoliu a desculpa, de jeito nenhum. Acho que fora minha mãe, ele é a única pessoa que chegou próximo o suficiente para me conhecer e saber quando algo me *deu febre*^[28].

Salto da carroceria assim que paramos, pego minha mochila, jogo nas costas, ajeito a fivela do cinto, o chapéu na cabeça e solto o ar com pesar.

— *Tá indo ou tá voltando*^[29]? — Maldonado aparece ao meu lado e ergue o dedo ao apontar para minha cabeça.

Torço os lábios, tiro o chapéu e viro para o lado certo, volto a encará-lo e seu ar risonho me faz querer cobrir aquele nariz afilado com

meu punho.

Sigo direto para a preparação, ainda é cedo, chegamos adiantados para aproveitar um pouco da quermesse que acontece em torno da arena principal, mas meu humor não está dos melhores.

Entro no vestiário, dispenso a mochila sobre o banco, desafivelo o cinto, abro a calça e a abaixo até o meio das coxas. Ajeito a bermuda de compressão que uso, puxo a beirada do camisão para baixo e volto a subir a calça.

— Lucio, tem uns *trem bão* ^[30] lá na entrada do brete.

— *Tô* interessado não — respondo, atravessado.

— *Uai!* Desde quando *tu* não tem interesse em *muié*?

— Não tendo, *diacho!* Me deixa! — protesto, enquanto tiro as esporas da bolsa para encaixar na bota.

— Tu *tá espritado* ^[31] demais.

— E tu, enxerido. Além do mais, a Cecília é uma boa garota, não devia de *tá* estigando ^[32] *zóio pra* outra.

— E eu lá tenho *ferradura* ^[33] no dedo?

— Ter, *num* tem, mas *devia* tomar vergonha na cara.

Meu amigo de longa data apoia os polegares na fivela do cinto, naquela típica pose de *cowboy*, encara meu rosto com semblante desacreditado. Em todos esses anos nunca o repreendi por seu jeito festeiro, até porque, compartilho do mesmo modo de agir.

— A loira *tá* mexendo com a sua mente, peão. É *bão tu* tomar juízo.
— Ele move o queixo para cima, enfatizando o aviso.

— Não sei do que tu *tá* falando.

— *Pra* cima de mim, Lucio? Sério?

— Deixa eu vestir meu *charrão* ^[34] e preparar a corda. Tenho mais o que fazer ao invés de ficar cuidando dos teus enroscos — desconverso, incomodado.

Maldonado é esperto, conseguiu virar o jogo para cima de mim, livrando a barra dos questionamentos que fiz. O pior de tudo é que nem posso contestar, afinal, ele tem razão.

Aquela *disgrama* de *muié tá* me deixando maluco.

Devidamente *traiado*, jogo a mochila no ombro e vou para próximo dos bretes de saída. Hoje acontecem as semifinais e finais de montaria em touro e cavalo, ontem finalizei o dia com a pontuação mais alta, liderando o placar.

Quando estou afastado o suficiente dos outros, azedo demais para ser amistoso, solto a mochila no chão e tiro a corda americana dela passando sobre uma viga pequena, acima de mim.

Pego o breu, a escova e a luva de couro, começo a tratar a corda, deslizo o aço da escova para remover o excesso de produto da montaria de ontem, uso um canivete para limpar as partes mais impregnadas, reaplico o produto e uso a luva para deslizar pelas cerdas.

— Deixa eu ver como *tá* isso aí. — Não é um pedido, por isso me desconcentro da tarefa e encaro Maldonado ao meu lado.

— *Podexá* comigo.

— Vai *pra* saída principal da arena, os peões já estão se enfileirando para entrar.

Vejo o aglomerado do outro lado do ambiente, de fato já estão se preparando, tiro a luva e entrego para Maldonado, caminho até próximo deles e me coloco na fila.

O locutor logo anuncia a entrada, apesar de levar um tempo para acontecer a montaria em touro, todos os competidores são anunciados no início, isso me lembra que Babi já deve ter desfilado antes da nossa entrada.

— Cabeça fria, peão — sussurro para mim.

O homem à minha frente torce o pescoço com um sorriso complacente na boca, parece entender perfeitamente o que estou passando.

— Já fiz minhas orações, mas é difícil manter os nervos controlados com a arquibancada de *pé pra fora*^[35].

Olho adiante, deve ter no máximo umas mil pessoas, é óbvio que esse peão nunca participou de um grande evento de montaria.

Sou salvo de dar uma resposta, pois o locutor chama a comitiva para a arena, nos posicionamos lado a lado, pernas afastadas, chapéu no peito e silenciemos em oração.

Cada um sabe a quem recorrer quando a situação é de perigo. Dentro da arena não importa quantas pessoas estão te assistindo, se é um

grande evento ou não, o peão está ali para enfrentar a morte e ela não escolhe lugar.

Sua briga é com o touro, que vai tentar de tudo para te derrubar, na melhor das opções, você está fora antes dos oito segundos e perde somente a competição. Já na pior delas, o caixão te espera.

Faço minha oração à Nossa Senhora Aparecida, fito sua pequena imagem bordada na curva do chapéu, cruzo a mão direita no tronco em sinal da cruz e quando ergo os olhos perco toda a concentração que reuni.

— Quem é aquele *fio duma égua*?



Capítulo 10

*“Mulher é bicho do cão!
Briga sem qualquer razão!
Faz xixi sem usar a mão!
Mas faz a cabeça de qualquer peão!”*
— *Sidonio.*

Lucio

Afunilo os olhos à medida que minhas narinas dilatam ao escrutínio da cena que se passa diante de mim.

O palanque onde a comissão organizadora, assim como a rainha do circuito ficam, é do melhor ponto e com todo o destaque. E por este motivo tenho o filme de terror passando diante de mim.

Um *caboco* tem um dos braços passado sobre os ombros da loira, que percebo estar ainda mais linda hoje. Usa uma blusa de mangas amarela, com a barriga lisa e definida de fora, uma calça branca justa, botas e chapéu preto.

Deliciosa, não tem como qualquer um nesta arena não ver sua figura radiante, o problema é o *prego*^[36] pendurado sobre ela, que sorri com algo que ele sussurra próximo ao seu ouvido.

O ribombar do meu peito, resultado de o sangue ferver em minhas veias de forma instantânea, faz minha respiração entrecortar, nunca deixando sua figura, o locutor finaliza a apresentação e saímos da arena.

Atravesso feito um trem de carga, atropelo metade dos homens à minha frente, que soltam palavras nada lisonjeiras diante da minha falta de educação.

Passo por Maldonado feito um touro enfurecido, vejo o riso de lado crescer, mas é esperto o bastante para guardar as provocações para si. Do jeito que estou, tenho certeza de que não seria cauteloso em minhas ações.

Contorno a saída da arena e subo direto a escadaria para entrar na área reservada, mas um armário humano impede minha entrada, até tento me esgueirar, entretanto, o *caboco* ocupa a passagem toda.

— Preciso passar.

— Peão não entra.

— Só tenho que ter uma palavrinha com uma pessoa, é coisa rápida. Vou montar daqui a pouco.

— Peão não entra. — Sua voz dura repete feito um papagaio.

Apoio as mãos no cóis, encaro o homem que nem se indigna a me olhar, mantém sua atenção fixa à frente, para o nada. Passo uma das mãos

no rosto, na tentativa de amenizar a raiva que cresce gradativa.

— Só me faz um favor, então. — Ele continua sem me olhar, mas sei que ao menos está escutando. — Avisa a loira, rainha de Águas Claras, que ela tem um encontro com o vencedor da competição de hoje.

O homem expelle um som de desdém, ainda sem me encarar, zombando da minha declaração.

Desço as escadas no mesmo ritmo que subi, desgovernado, com a diferença é que as pessoas veem meu rosto enfurecido e desviam para evitar uma colisão dolorosa.

Maldonado não abre a boca quando me aproximo e tomo minha corda nas mãos, caminho para o brete de saída e aguardo a rodada com os touros. Se alguma divindade estiver me ouvindo, vou pegar o touro mais difícil de hoje, quero extravasar toda a raiva que tomou meu sistema e, depois, me acabar naquela loira abusada.

Subo em um tablado ao lado da saída para a arena, cruzo os braços, abaixo o chapéu e mantenho o foco nas provas que se desenrolam. Quando anunciam o início das rodadas em touro, fecho os olhos e me concentro.

Agora não existe mais ninguém, sem competidores, sem arena, multidão de pessoas, nem loira abusada, será somente o boi e eu. Uma montaria, um duelo, oito segundos e saio daqui como melhor competidor, toda a glória e a frente da disputa.

Os sorteios correm diante de todos, fecho os olhos mais uma vez, orando para que saia um touro pulador, prendo a respiração ao ouvir meu nome e aguardo os segundos que me separam do meu objetivo.

— A luta será feia, de um em cima Lucio Alves, bicampeão da PBR, embaixo dele o temido, o *ançoso*^[37], o incomparável, Bipolar! — O locutor estende o nome do bicho que faz a arquibancada gritar e saudar animadamente.

Sibilo um obrigado baixo, encaro o céu, que já é tomado pela escuridão, ouço alguns lamentos de peões quando pulo do palanque e caminho para a saída da minha prova.

— Cedo demais *pra tu* pegar ele.

— Melhor dia, melhor hora.

Continuo caminhando com Maldonado ao meu encalce, ouço alguns xingamentos vindo dele, mas ignoro. Vou vencer esse bicho hoje e não há nada que me separe dessa glória.

Quando o assistente chama meu nome, já estou pronto, Maldonado sobe no palanque ao lado do brete, vejo o bicho entrar no cubículo e, antes mesmo de montá-lo, ele salta algumas vezes e bufa.

Entrego a corda para ele, apoio as duas mãos na grade e monto no bicho, devagar e com cautela, já que o humor do animal está visivelmente alterado.

Maldonado dá o laço e estica a corda, esfrego a luva para aquecer o breu, enfio a mão na alça, passo a corda por trás da luva e trago para frente, alinho rente a alça, abro e fecho os dedos algumas vezes, testando a firmeza.

Maldonado enfia o protetor bucal na minha boca quando ergo a cabeça, olho para frente e sinalizo ao juiz, a porteira é aberta e o animal salta em direção à arena.

Sou rodopiado para a direita, meu corpo curva demais para a frente e demoro para encontrar firmeza, firmo as pernas em torno da barriga do animal, não se passa nem dois segundos e acontece a quebra de palheta.

Meu corpo é jogado para o outro lado, sinto meu braço queimar e uma fisdada no pulso faz meus dedos afrouxarem o aperto.

Meu maior erro.

Quando o Bipolar salta outra vez, meu corpo pende para o lado e perco o equilíbrio sobre ele, tento me firmar de forma estratégica, mas vou de cara na terra, o corpo deslizando alguns centímetros até parar.

Apoio as mãos no chão para levantar e me afastar do animal enfurecido, chego a jogar o peso para frente, mas não consigo evitar a tonelada de peso esmagar minha panturrilha.

O tecido esmagado pelo peso do boi somado a descida do seu giro, com certeza faz a pressão ser ainda maior na aterrissagem.

Solto um urro, escuto a plateia lamentar, enquanto um salva-vidas me ergue do chão.

— Consegue apoiar a perna no chão?

Tiro o protetor da boca e limpo meu rosto que está sujo de terra. Testo a perna machucada no chão, uma físgada atinge o músculo o que me faz falsear o joelho.

— Chama a equipe médica — o homem grita para outro adiante.

— Não precisa, só me apoia, que saímos daqui.

Deixo a arena saltando em um pé só, aceno para cima quando a salva de palmas preenche o ambiente. Infelizmente não pontuei, nem cheguei perto dos oito segundos sobre o boi e ainda ganhei uma possível lesão.

Maldonado assume o posto de muleta, assim que passamos pelo brete, devagar vamos até o vestiário, onde uma sala anexa atende os paramédicos e fisioterapeutas.

Montaria é um esporte violento e imprevisível, nunca se consegue prever o que pode acontecer. Entrei como um herói e saí derrotado, o favorito da etapa, foi derrubado antes mesmo de brilhar.

— Senta aqui, abre o cinto e a calça, deixa que eu faço o resto.

— Ai, *disgrama*, tá doendo.

— Claro que está. Sua panturrilha foi massageada por uma tonelada de peso bovino. — Ele se afasta para deixar a mochila e a corda no chão próximo do canto. — O que aconteceu?

— Quando o boi virou, senti uma físgada no pulso, meu agarre afrouxou.

— Falei *pra tu* improvisar a tala de esparadrapo. — Seu tom é de reprovação, mas eu ignoro.

Consigo descer a calça até os joelhos e solto o corpo sobre a maca, logo Maldonado toma a tarefa de tirar minha bota e o restante da peça.

— Vai se lembrar desse boi por um tempo.

— Tão ruim assim? — Cubro meus olhos com o antebraço, sem nenhuma coragem de olhar o resultado do acidente.

— Ao menos, não tem fratura exposta.

— Isso me anima.

— Boa noite — escuto uma voz soar da porta —, sou fisioterapeuta, vou examinar sua perna.

— Tudo bem. — Ergo a cabeça ao destapar os olhos.

Como todo médico, ele tem o dom de localizar o ponto de dor e cutucar até me ouvir gemer feito um pivete chorão. Receita remédio para dor e diz que se amanhã ainda estiver doendo, preciso tirar uma radiografia e me certificar de que não trincou.

— Sua sorte é que a próxima competição acontece em duas semanas.

— Sim. Quantos segundos eu fiquei em cima do boi?

— Quatro.

— Só? — Levanto o tronco e sinalizo para que ele ajeite o saco de gelo sobre a canela.

— O bicho é endemoniado.

— Com licença. — Ambos olhamos para a porta e vejo a loira entrar, apressada, com sua amiga ao lado. — Como você está?

— Tô ótimo!

— Quebrou alguma coisa? Você não deveria ir ao hospital?

— Não.

Meu humor, que não era dos melhores, piora ainda mais ao vê-la. Ser derrotado por um boi nunca é fácil de lidar, ainda mais eu que estava confiante demais com esse torneio, talvez aí seja o motivo de ter falhado.

Ergo os olhos para encontrar a imensidão clara dos seus, tão abertos, as pupilas fixas, mostra seu nervosismo, quase sorriso, mas me lembro de o motivo da minha desatenção ter surgido e encaro o saco de gelo que congela minha perna.

— Posso chamar alguém da organização, talvez uma radiografia seja necessária...

— Volta — falo alto o suficiente para calar sua voz — para o palanque, acenar e sorrir. Esse é seu trabalho.

Um silêncio recai sobre o ambiente, arrisco um olhar de esguelha e a vejo feito um peixe, abrindo e fechando a boca com rapidez, atônita e sem saber como reagir.

— Vem, Babi. *Simbora* daqui. — Cecília puxa seu braço de forma sutil.

Levo ambas as mãos para o saco e o ajeito mais uma vez sobre a perna, que já nem sinto mais dor, ou qualquer ponto nervoso. Está tudo amortecido.

Encaro Maldonado, que se mantém ao pé da maca, com os braços cruzados e um olhar reprovador em minha direção. Sinalizo com a cabeça, o questionando, e ele balança a sua em negativa.

— Quer saber, peão? — Ambos olhamos para a porta e vejo uma loira enfurecida retornar para próximo de mim. — Você é um grosseirão, estúpido e arrogante. Está com o ego ferido e quer descontar em mim? Você NÃO é Deus! — Suas mãos fecham em puxo ao lado do corpo e a voz sobe consideravelmente.

Volto meu corpo para trás, até estar ereto de novo, penduro a perna boa para fora da maca, meus olhos em total escrutínio, gravando todas as nuances de azul que perpassam pela sua íris, as narinas levemente dilatadas com o respirar rápido e ritmado.

Algo dentro de mim explode, jogo para o alto qualquer racionalidade, avanço com o tronco e estico a mão, enlaçando sua cintura. A surpresa do ataque a faz se mover como eu quero e a sento sobre meu colo, enquanto a mão livre segura sua nuca.

Nossas bocas se chocam e minha língua afoita invade seu interior, na busca de contato. Um duelo se forma, passadas intensas, saliva se funde ao criar um sabor único, seus gemidos são engolfados junto dos meus e meu aperto em torno dela aumenta.

Sinto a respiração faltar, ela empurra meu ombro e nos afastamos tão rápido quanto nos unimos, buscando ar para preencher os pulmões.

— Você é maluco?

— Acho que sim.

Ela puxa meus ombros para si e tornamos a nos beijar, com o mesmo desespero anterior, mas desta vez aproveitando mais do contato. Entre chupadas e mordidas, buscamos prazer, ao contrário do primeiro arroubo que foi um descarte das frustrações de ambos.

Minha mão desce da sua cintura e para na anca, onde aperto com força, sentindo o atrito do jeans contra minha pele e lamento ela não estar de saia.

— Babi?

Escuto a voz de Cecília ao fundo, que soa baixa, porém divertida.

— Babi, você precisa voltar. Tem o encerramento da etapa e o Edmundo vai entrar ao seu lado na arena.

Interrompo o beijo na mesma hora, encaro seu rosto torpe, tomado ainda pelas sensações do contato, as pálpebras trepidam até encontrarem meu semblante questionador.

— Eu preciso ir.

— Vai voltar *pro prego* que estava em cima de você, ainda há pouco? — falo baixo, mas a raiva passa a ditar meu timbre.

— Ele está participando do evento, só isso. Nos conhecemos desde adolescentes.

— Então, vai embora. — Praticamente a empurro para que saia do meu colo.

— O que deu em você, peão?

— Em mim, nada. Vou embora e cuidar do meu machucado. *Tu* volta *pros* braços do *prego*.

— Isso parece ciúme. — Ela ergue o canto da boca, um sorriso vitorioso surge em sua linda face.

— Engano teu. O que *tu* me deu agora, tem mais quinze maria-breiteira lá fora querendo dar. Até mais.

Como em um passe de mágica, trocamos de feições, eu sorrio, satisfeito, enquanto ela fecha o cenho e uma vermelhidão incomum toma suas bochechas.

— Vai se arrepender disso, peão.

Eu nunca admitiria, mas no fundo já estava completamente arrependido.



Capítulo 11

*“Loira, se eu fosse cozinheiro.
Te dava um prato de sopa.
Mas sou cowboy de rodeio.
Vem cá que te dou um beijo na boca”*
— *Anônimo*

Babi

Uma semana se passou desde que o peão grosseirão me insultou na enfermaria, ainda não sei como, mas encontrarei uma forma de fazê-lo pagar pela ofensa.

Quando ouvi a lamentação do público durante sua montaria, abri os olhos, as mãos presas feito garras nas da Ceci, assisti em câmera lenta o Bipolar saltar e cair com a pata de forma certa em sua perna.

Soltei um grito angustiado, Edmundo me abraçou quando virei o rosto para o outro lado, por não suportar ver o resultado daquele acidente. Minha mente começou a imaginar várias situações em que seu membro estaria separado do corpo.

A noite anterior havia sido um bom momento, seu lado provocador estava distante, assim como minhas defesas, ainda que estranhasse todo o desenrolar. Passei grande parte da noite revirando na cama, na tentativa de entender o que o fez bater à minha porta.

Preferi evitar um encontro, sabia que estaríamos juntos em algum momento, no entanto, não tive coragem de criar a situação indo até o alojamento, por exemplo.

Depois do acidente, saí correndo da área reservada e fui direto até o brete, invadi o vestiário e cheguei à enfermaria o mais rápido que pude. Foi um alívio vê-lo bem, com dor, mas ainda inteiro.

Então aconteceu o beijo, em um minuto estamos discutindo sua teimosia e brutalidade, no outro estou em seu colo consumindo e sendo devorada pela sua boca.

Ainda não sei o que aconteceu do beijo avassalador para a ofensa feita, só consigo acreditar que ele é um homem totalmente desequilibrado.

Fecho a tampa da mala com tanta força, irritada com a minha falta de senso, por deixar um imbecil feito ele encostar um dedo que seja em mim.

— Teu pai já foi. — Cecília entra esbaforida no quarto — Disse *pra* tu não se demorar.

— Só o suficiente para encontrar o que preciso.

— Do que *tá* falando?

— O Edmundo disse que meu pai e o dele têm negócios em comum.

— O prefeito?

— Sim. Parece que o homem entrou para o ramo de gado e meu pai tem o ajudado.

— E o que isso tem de mais? — Cecília dá de ombros.

— Desde quando meu pai é cordial com algum tipo de concorrente?

— Coloco as mãos na cintura. — Alguma coisa muito errada tem aí.

— E o que pretende fazer agora? Se *tu* demorar demais, teu pai vai ficar maluco.

— Vou até a casa do Edmundo. O pai dele também viajou para o circuito, temos tempo de vasculhar o escritório dele.

— *Tu* é doida.

Antes que eu possa responder, ouço meu telefone tocar, pesco-o entre os pertences sobre a cama, atendo Edmundo, que informa estar na porta dos fundos da casa.

Encerro a chamada, junto a mala, minha bolsa e rumo para fora, acompanhada de Cecília. Depois da busca na casa, vamos direto para o evento, chegaremos juntos, essa foi a única forma de convencer meu pai a me deixar para trás.

Passo por Dolores, que está na cozinha cuidando de alguma coisa no fogão, avanço sobre ela, lhe dando um meio abraço e um beijo estalado na bochecha.

— Que isso, menina? *Tá* maluca? — Ela se desvencilha de mim, sua voz áspera não me chateia.

Desde pequena sei da sua aversão a contato. Dolores é uma mulher forte e séria, nunca soube de toda sua história, mas o pouco que fala, entendi que sofreu demais na mão do homem errado e isso a ensinou a lidar de forma mais dura com a vida e, conseqüentemente, as pessoas.

— Volto daqui cinco dias. Se comporta, Dolores.

— *Tu* é que precisa de juízo. O que *tá* fazendo com o desmiolado do Edmundo? — Ela ergue o queixo em direção da porta, olho para trás e vejo o próprio encostado no batente.

— Como sempre, muito educada, não é, Dolores? — Ele descruza os braços, vem até mim e pega minha mala.

— Só falo o que vejo. Vocês três juntos nunca tiveram limites.

— Não me inclua nessa, Dolores. — Celi levanta os braços. — Eu era a única comportada do grupo.

— Mas aceitava as traquinagens desses dois sem limites. — Olho divertida para Cecília, que dá de ombros.

Nós realmente não tínhamos limites na infância.

Meus recessos escolares eram preenchidos por comer as guloseimas de Dolores e aprontar na fazenda, na companhia de Ceci e Edmundo. Tínhamos dez anos quando nos conhecemos, em uma quermesse em Santino, Ed puxou o cabelo da Cecília e ela começou a chorar.

Tomei partido sem conhecê-la, cheguei por trás dele e juntei seu tufo de cabelo, puxando até que ele caísse para trás. Ele correu chorar para o pai quando conseguiu se desvencilhar de mim, meu pai ficou uma fera e convidou o menino para ir à fazenda no outro dia.

Ele queria que eu me redimisse, com educação e elegância, falei para Cecília que ela tinha que ir também, afinal, eu fiz isso para defendê-la. No outro dia, passei um tempo amedrontando Ed, até que ele correu atrás de mim e Ceci com um sapo nas mãos.

Com o tempo, fomos perdendo o contato, ele e eu, no caso, com Cecília foi diferente. Ainda somos amigos, sempre que estamos em Santino marcamos algo para nos encontrar.

Sua vida também é fora daqui, Edmundo ainda é um farrista, que quer aproveitar cada centavo que puder gastar, antes de assumir as responsabilidades da vida adulta.

Ao menos, ele sabe que vai seguir os passos do pai, já o auxilia com a administração dos negócios, além de estar interessado na política local.

Apesar de ser o mais bagunceiro de nós, Edmundo sabe seu lugar no mundo, já eu, ainda busco me entender e achar o encaixe que falta.

— Vamos logo, ou nossos pais vão nos matar — Edmundo declara e rumamos para o carro.

Ele abre a porta de trás do jipe para colocar nossas malas, toco a maçaneta do carona para tomar meu lugar, Ceci está assumindo seu lugar,

rimos de uma brincadeira do nosso amigo e é quando eu o vejo.

Parado rente ao caminho que leva para o alojamento, em sua vestimenta de peão, chapéu claro na cabeça, o sol iluminando parcialmente seu corpo, já que está se pondo, seus olhos brilham tanto devido à luz que por um breve momento sinto-me engolfada por sua íris.

— Vou querer algo em troca por esse favor, Barbara. — Desperto do escrutínio e sacudo a cabeça.

— Pode pedir o que quiser, Ed — declaro mais alto, só para o peão escutar.

Meu amigo, que não entende a atitude, bate a porta e ergue as duas sobranceiras na minha direção. Quando meus olhos desviam duas vezes para o peão, que está mais atrás de si, ele vira o tronco parcialmente e sorri, genuíno.

— Opa! Boa tarde! Sou Edmundo, filho do prefeito. — Ele caminha até Lucio, que ainda não moveu um músculo sequer. — Vi seu acidente na arena, espero que esteja bem e recuperado.

— Estou ótimo.

A voz do peão é firme, quase não move os lábios ao falar e seus olhos continuam cravados no meu. Se ele tivesse o poder de queimar alguém apenas por olhar, com certeza, eu já estaria incinerada.

— Que bom. Nos vemos no circuito. — Edmundo se despede e rumo para o carro.

Claramente estamos em uma batalha através do olhar, seu maxilar endurecido, as mãos fechadas em punho ao lado do corpo e um olhar assassino, já eu, mantenho a altivez treinada por uma vida toda, sem qualquer traço de humor o enfrento com igual intensidade.

Edmundo assume o volante, gira a cabeça de mim para o peão, que estamos na mesma linha de visão através da janela. Quando ele volta a me encarar, pronto para dizer algo, ajo no impulso.

Seguro seu rosto com as duas mãos e colo nossos lábios, firmo a boca para se manter fechada, conheço Edmundo bem o suficiente para saber que ele se aproveitaria facilmente da situação.

Abro os olhos parcialmente e não vejo mais o peão diante do carro, afasto do contato no mesmo instante e sorrio, satisfeita.

— O que foi isso? — Ceci dá voz à interrogativa estampada no rosto do homem ao meu lado.

— Nada. Vamos? — Afivelo o cinto e encaro Edmundo, que parece hipnotizado.

Ele se limita, depois de um tempo considerado por mim longo, balançar a cabeça em negativa, dar partida e nos levar para sua casa.



Estou sentada no computador principal do escritório, Edmundo debruçado sobre mim, com a palma apoiada sobre a mesa de madeira e a outra mão segurando o encosto da cadeira.

Ele me orienta por algumas pastas suspeitas, planilhas de faturamento, orçamento e outras anotações aleatórias. Como sou formada em Administração, ele sugeriu que eu desse uma olhada, já que existem muitos dados ligados à fazenda Águas Claras.

— Essas entradas não conferem. Não existe origem deles.

— Isso, eu já tinha observado, *Einstein*^[38].

— “*Nenhum homem realmente produtivo pensa como se estivesse escrevendo uma dissertação.*”^[39]

— Sem bancar a *nerd* inteligente agora. Qual sua conclusão?

— Pode ser tanta coisa, Edmundo, que eu ficaria aqui por dias. Não consegue uma cópia de tudo isso?

— Talvez.

— Como talvez? — Encaro seu rosto que me fita com ironia.

— Vou ganhar um beijo decente desta vez?

— De jeito nenhum.

— Uma pena. — Ele faz um bico lindo.

Edmundo tem a mesma idade que a minha e Cecília, ele tem cabelos revoltos escuros, um corpo bem-definido, atlético eu diria, feições delicadas e uma combinação de sorriso devastador com olhar flamejante.

Um perigo para qualquer pessoa desavisada. Quando ele resolve partir para a conquista, o “não” é algo que desconhece.

— Gente, olha o que eu achei. — Ambos erguemos o rosto na direção de Ceci, que permanecia calada, observando uma estante do outro lado do escritório.

Ela caminha até nós e aponta um envelope pardo com um maço de papéis parcialmente fora do invólucro.

Edmundo retira tudo do envelope, baixa sobre a mesa, me afasto com a cadeira, enquanto ele espalha fotos e documentos. Todos são registros de animais, touros e cavalos, de uma fazenda específica.

— Será que seu pai pretende comprar a tropa? — Analiso algumas fotos, comparando uma com a outra.

— Não que eu saiba. Ele tem estudado a possibilidade, mas essa fazenda fica longe de Santino, para ir e vir com regularidade.

— Tem razão. Talvez ele só vá trazer os animais para cá.

— Olha isso, gente. — Cecília solta uma folha, escrita à mão, sobre a pilha de papéis.

— Esse é o endereço do evento. Peguei ontem para colocar no GPS.

— Mas e esses horários? — Cecília aponta para as anotações a lápis.

— Essa letra é do meu pai.

Edmundo empertiga o corpo, ainda fitando o papel, cruza os braços sobre o peito, tão intrigado quanto nós.

— Parece horário de carga e descarga dos animais. — Ambos encaramos Ceci. — Acho que são anotações do transporte, para o evento.

— Se fosse algo relacionado ao evento, teria a informação dos outros. Por que somente dessa tropa?

— Não é a tropa mais valiosa, olha o nome do tropeiro^[40]. Eles vêm da região norte, estão ganhando espaço por aqui.

— Como sabe de tudo isso? — Edmundo questiona por nós dois.

— *Uai!* Eu presto atenção nas conversas ao meu redor. Vocês não?

Tanto ele quanto eu nos encaramos, antes de negar veemente com a cabeça. Quem em sã consciência presta atenção em tudo que aqueles fazendeiros, tropeiros e colaboradores falam?

— Pois, deveriam prestar. Essa tropa é nova, mas está incomodando muito fazendeiro da região.

— É mesmo? — ambos falamos ao mesmo tempo.

— Consegue uma cópia disso, Edmundo?

— Só se for agora. — Ele junta todos os papéis e marcha até uma mesa lateral onde faz as cópias.

Continuo no computador vasculhando as planilhas, a fim de ganhar tempo, a coisa pode ir além do que imagino e se Cesar estiver envolvido em algo mais sério do que burlar resultados de torneio, sou a primeira a denunciar suas transgressões às autoridades.

— Pronto! — Edmundo marcha até onde Cecília achou o envelope original e o deixa como estava.

— Vamos embora, já é tarde e logo um deles começa a nos ligar.

Deixamos a casa de Edmundo em silêncio, por sorte, os empregados foram dispensados, já que tanto pai quanto filho, ficarão fora por cinco dias. Tivemos cuidado de entrar abaixadas no carro, assim ninguém testemunhou nossa presença.



Capítulo 12

*“Ohhhh loira dos olhos esverdeados
Se tiver calor ti levo pro chuveiro
Se tiver frio ti levo ligeiro,
Pra debaixo do meu acolchoado”
— Ednaldo Terra.*

Babi

Quatro horas de viagem, as primeiras duas, passamos repassando toda a papelada, que portamos a cópia. Cecília detalhou sobre as informações que captou entre um evento ou outro, a garota tem ouvidos apurados e uma memória de dar inveja.

Discutimos inúmeras teorias, todas nem um pouco idôneas, pelo visto, Edmundo tem ciência de que o pai vale tão pouco quanto o meu. Por mais que surpreenda, nunca tive dúvida do caráter tortuoso de Cesar, talvez por suas atitudes e discurso materialista.

As duas horas finais ficamos introspectivos, cada um imerso em seu próprio mundo, tirando suas conclusões sobre a loucura que estamos a caminho de desvendar.

Ao menos, acredito que foi isso que permeou a mente deles, a minha ficou dividida entre as possíveis falcatruas e o semblante irado do peão quando me viu grudar a boca na de Edmundo.

Depois da sua ofensa gratuita na competição, jurei que ele pagaria caro e não estava brincando sobre isso. Ainda terei a oportunidade de humilhá-lo, assim como fez comigo.

— Estamos em uma pousada na cidadezinha, foi fechada para a comissão organizadora, alguns membros da equipe e os competidores hospedados em Águas Claras.

Quase gemo ao descobrir que estarei sobre o mesmo teto do peão. achei que ele ficaria com os outros em algum acampamento, mas esqueci que Cesar está empenhado demais em cuidar dos competidores destinados à fazenda.

— É quarto compartilhado? — Cecília questiona, assim que estamos fora do veículo.

— Não, mas se quiser, podemos compartilhar a cama. — Edmundo tira as malas do carro, de forma preguiçosa.

Aquele sorriso perigoso firmado no lugar, encaro Ceci que fica vermelha em automático, isso sempre acontece. Apesar de nos conhecermos quase a vida toda, nunca tivemos qualquer envolvimento, nenhum dos três,

fora a cena quando saímos da minha casa, mas isso foi para provocar o peão.

Cecília não é a garotinha tímida, tanto que já está envolvida com Maldonado, porém, sempre que Edmundo brinca dessa forma, o que é mais comum comigo do que com ela, sua reação é a mesma.

Ignora e fica vermelha feito pimentão.

— Vamos logo *pra* dentro, deixar essas malas, preciso ir para o evento.

— Claro! A rainha não pode faltar com seus súditos.

Torço os lábios para sua provocação e, assim que passa por mim, liderando o caminho, acerto um tapa em sua nuca, que o faz protestar irritado e Cecília solta um riso baixo.

Chego ao evento atrasada, cinco minutos, mas foi o suficiente para aguentar meu pai reclamar sem parar, entredentes, mantendo o sorriso para as pessoas, mas evidenciando em sussurros todos os motivos do meu pouco caso.

— Preciso me desculpar, Cesar, acabei atrasando para sair de Santino — Edmundo toma à frente em minha defesa.

— Bem, meu rapaz, você também deveria ser mais responsável, afinal, a prefeitura, sob comando de seu pai, está apoiando este empreendimento.

— E eu só consigo me perguntar o porquê — sussurro.

— O que disse, Barbara?

— Ela disse que precisamos ir até a grade, acenar para algumas pessoas e posar para as fotos. — Edmundo segura minha mão e me puxa para longe.

Cesar mantém o olhar afiado em nossa direção, solto-me do aperto de Edmundo e enceno o melhor sorriso quando estou diante da grade, com aquela faixa escandalosamente ridícula e coroa.

— Vou até o brete — Ceci anuncia, ao se aproximar. — Quer ir? — Ela aponta com o polegar para a saída.

— Não. Preciso fazer meu papel por aqui. — Faço uma careta descontente.

— O que vai fazer no meio dos peões? — Edmundo questiona.

Sua voz soa incomodada.

— Ficar no meio deles. — Ceci afasta alguns passos, sorrindo.

Observo-a sair e meu coração salta, mesmo que contra minha vontade, no peito, com certeza ela vai encontrar Maldonado e consequentemente ver aquele peão metido.

Solto um suspiro pesaroso, convenço minha própria mente de que a ansiedade crescente é só o desejo de alfinetar mais aquele homem.

Volto o corpo em direção à arena, mas percebo que Edmundo ainda encara por onde Ceci partiu, seu cenho franzido e a boca uma linha fina, algo obviamente o incomoda.

— O que foi?

— Hã? O quê? — Ele gira o corpo e apoia os antebraços na barra de metal.

— Por que estava com aquela cara?

— Que cara?

— Vai bancar o idiota comigo, Edmundo?

Ele gira o tronco, mantém somente um antebraço na grade e leva a outra mão até meu nariz, dando um aperto sutil.

— Eu sempre sou um idiota, segundo seu conceito.

— Tem razão. — Volto a atenção para à frente.

Meus olhos percorrem ao redor, logo vejo na ponta oposta, quase de frente para mim, Lucio. Ele parece distraído em uma conversa com outros competidores, seu semblante sério e compenetrado.

O locutor, que rodava a arena com seus versos e chamadas para animar o público, se aproxima da nossa ala, que não é tão alta, com gracejo cumprimenta a mim e o Edmundo, então solta um verso:

*"Do milho eu faço a pipoca.
E da palha eu faço o colchão.
A morena eu amo na palha.
E a loira eu amo no chão."*

Sorrio sem alcançar os olhos, Edmundo cobre meus ombros com seu braço, gargalhando do verso, que eu nunca vi realmente graça, mas para ele sempre foi a melhor parte dos rodeios.

Talvez por sempre retratar bebedeira, traição, misoginia e falta de senso por parte do homem. Pisco de forma demorada, só imaginando quando terei algo substancial que me tire desse inferno que vivo.

A última hora segue assim, Edmundo bebe cerveja, ri dos versos do locutor e vibra com as provas em cavalos. Ceci não voltou, então fiquei sem companhia, sendo obrigada a acompanhar todo o evento.

Quando anunciam a montaria em touro, endireito a coluna, jogo meu corpo em direção à grade, mais atenta do que em qualquer outro momento. O sorteio é realizado e vejo Maldonado e Lucio vibrarem com o animal que ele foi contemplado.

— *Tá* procurando alguém? — Edmundo fala próximo demais do meu ouvido e salto com o susto.

— A Ceci — respondo, no automático.

— Sei...

Ignoro seu comentário, continuo escaneando o brete, perdi os dois peões da vista, fecho a cara e tenho vontade de bater em Edmundo que tirou minha concentração.

— Ele vai ser o penúltimo. — Ceci surge ao meu lado.

— Até que enfim resolveu dar as caras.

— Estava com Maldonado.

— Quem? — Edmundo praticamente passa por cima de mim para questionar nossa amiga.

— Não é da sua conta, Ed.

— Vocês costumavam ser mais amistosas antigamente. — Ele dá de ombros e volta a beber da sua lata de cerveja.

— Eles gostaram do animal sorteado, é mediano, segundo Maldonado, disse que é um bom retorno para Lucio, depois do acidente.

— Mas ele está recuperado para montar?

— Segundo ele, peão não tem frescura. Faz o que tem que fazer.

— Homem teimoso.

— *Tá* preocupada com ele? — Vejo o sorriso cúmplice surgir nos lábios da minha amiga.

— Óbvio que não. Aliás, todas essas informações sobre o peão são totalmente desnecessárias.

Empino o nariz, com a máscara da altivez, tão bem treinada, no meu rosto. Grudo as mãos na grade e limito minhas ações a sorrir vez ou outra e posar para alguma foto.

A cada anúncio de montaria, meu coração palpita mais rápido, minhas mãos fixas na barra suam, descompassadas, chego a limpar vez ou outra na lateral da calça, mas mantenho firme a serenidade no semblante que não me habita.

Quando finalmente o nome de Lucio é falado, engulo com dificuldade, sinto uma mão cobrir a minha, olho de relance para ver Ceci, que tem uma expressão solidária. Aceno e volto a atenção para o brete, onde ele monta no touro e se prepara.

— Peão teimoso — sussurro.

Percebo meu pé bater ritmado no chão, frenético, uma das mãos aperta a barra de ferro e a outra agarra a mão de Ceci, fecho os olhos e respiro fundo.

Quando escuto as palavras “abriu a porteira” vindas do locutor, arregalo os olhos, sem conseguir me abster da curiosidade de saber como será seu desempenho.

Lucio salta entre um pulo e outro do animal, o cronômetro corre, tudo se passa em câmera lenta, só meu coração que dá cambalhotas no peito, sem qualquer freio ou contenção.

Seu chapéu cai, levo a mão à boca e prendo a respiração, mais dois saltos e a sirene decreta os oito segundos obrigatórios. A multidão comemora, eu permaneço tensa, até ele saltar em pé e correr para longe do animal enfurecido.

Abano as mãos, finalmente me permito comemorar, encaro Ceci que sorri abertamente, igual a mim, volto a olhar para a arena, Lucio recolhe o chapéu do chão e ao invés de sair pelo brete, ele atravessa o espaço até... mim?

— O que ele vai fazer? — Ceci questiona e larga minha mão.

Fico sem reação, a plateia se aquieta, todos em expectativa, Lucio para diante do nosso palanque, que não é tão alto, segura na grade e escala, na minha frente.

Olho para os lados, todos parecem tão absortos e sem reação quanto eu, seu olhar é determinado e um leve repuxar de lábios mostra que ele está se divertindo muito com toda a cena.

— O que está fazendo, peão?

— Mostrando *pra tu* como é um beijo de verdade. — Sua mão gruda na minha nuca e nossas bocas se chocam.

Lucio é punitivo, sua língua invade, determinada, sua mão move minha cabeça para o lado que quer, enquanto nossas línguas se impõem uma para a outra, buscando um vencedor para o duelo libidinoso.

O beijo termina rápido, mas não sem antes de ele morder meu lábio de forma dolorosa, o que me faz protestar com um gemido. Ele afasta parcialmente, pisca um olho antes de avançar e me dar um selinho rápido.

— Quando quiser me provocar, se empenha mais. — Agora o riso jocoso se mostra com clareza.

Meus olhos se arregalam, abro a boca pronta para lhe xingar de vários nomes possíveis, mas ele salta para trás e cai de pé na arena.

Olho para os lados, vejo Ceci com um sorriso animado, Edmundo me encara chocado e as outras pessoas riem, aplaudem e soltam gracejos.

O peão acena para o público, o locutor faz uma piada e eu me afundo na cadeira mais próxima, fingindo que nada daquele alvoroço tenha a ver comigo.

Depois da cena, não tenho mais sossego, todos perguntam o que a rainha do rodeio tem com o melhor peão da competição, pessoas das quais nunca troquei qualquer palavra vieram me questionar.

— Filha, venha comigo — meu pai interrompe mais um que me perguntava sobre Lucio.

— Claro! Com licença — despeço-me da pessoa.

Pela primeira vez, me sinto agradecida em ser chamada por Cesar, que ainda não tinha chegado perto de mim, mas sei que em algum momento o faria, para saber o que está acontecendo entre mim e Lucio.

— Preciso de umas fotos suas no brete.

— Ah, tudo bem.

Quando entramos na área dos competidores, todos observam Cesar e eu caminharmos, até um canto específico, onde Lucio fala com algum

repórter.

Assim que ele termina, Cesar pega minha mão e, me colocando entre ele e Lucio, pede que nos fotografem.

— Agora só dos dois. — Ele se afasta e eu arregalo os olhos.

— *Pra* que isso?

— Não é óbvio? Publicidade. A cena do peão já está correndo toda a internet, com milhares de acessos, em poucos minutos.

— Como? — ambos falamos, surpresos.

— Vocês estão intitulados como o casal da arena.

— Isso é ridículo. Eu fui atacada! — protesto, afastando um passo para longe do peão.

— Também não é assim, não, moça.

— Ah, não? Quem escalou aquela grade?

— Mas *tu* retribuiu o beijo.

— Filha, isso é marketing. Olha a visibilidade do torneio. Todo mundo quer saber onde está o casal da arena.

Abro e fecho a boca diversas vezes, penso em tanta coisa que posso lhe dizer, mais uma vez usada para favorecer os negócios deste homem ambicioso. Solto um riso descontente, volto a me aproximar do peão e só aceito a condição por imaginar o quão prazeroso será quando eu o desmascarar.

Vingança é um prato para ser saboreado frio, e com certeza esse peão, assim como meu pai, terão o que é merecido.

— Vamos logo com isso.



Capítulo 13

“A mulher pra ser cowgirl

Tem que usar chapéu e calça apertada

Montar no lombo de um touro com uma mão levantada

Fazer amor comigo gritando e levando chicotada”

— Ednaldo Terra.

Lucio

Vejo seus olhos vacilarem, algo perpassou por ali, decepção talvez, mas não foi comigo. Em todos os nossos embates eu vi raiva, incômodo, desejo de vingança, mas nunca algo realmente profundo.

Não gostei da forma que o pai armou tudo isso, está claro que ela não fazia ideia do que aconteceria até chegar aqui e dar de frente comigo. Como já previa, Cesar é um grande oportunista, aproveita qualquer brecha que lhe renda visibilidade, mesmo que isso coloque a filha em posição de barganha.

Sinto uma indignação começar a amolar dentro do peito, perceber que a coloquei nesta posição, mesmo que não intencional, gera uma culpa repentina. Quando desmontei vitorioso do touro, fiquei tão feliz, achei que o medo de me machucar poderia me fazer falhar na montaria.

Quando vi aquele prego e ela juntos na grade, algo explodiu na minha cabeça, pode ser a razão que eu deveria ter, mas a partir dali só agi. Queria chocá-la, deixar suas palavras presas na garganta, além, é claro, de mostrar para o infeliz ao seu lado que nós dois temos algo que eles não têm.

— Acho que já deu — anuncio, depois de três disparos.

— Você deveria virar na direção dela e ela de costas. Filha, vira um pouco para sua direita e fica de lado para a câmera.

— Eu disse — declaro, mais alto — que já acabou.

Cesar leva alguns segundos para entender, mantenho meu olhar tão determinado quanto o tom, a postura rígida, solto a cintura de Babi e recuo um passo.

O que nós temos, seja lá o que for, não é barganha de dinheiro. Não vou permitir que o homem a use em prol de qualquer coisa pessoal.

— Vou conversar com alguns patrocinadores. — Ele coloca as mãos no bolso e marcha para longe, junto da trupe de mídia.

— Eu sinto muito por isso — solto a desculpa, antes que pudesse pensar.

— Por ter me beijado, sem minha autorização?

Ergo o olhar e vejo seu rosto em um misto de surpresa e descaso, ambos lutam para sobressair ao meu pedido.

— Isso não. Nunca vou lamentar de provar sua boca, loira. — Ela tenta não sorrir, mas falha miseravelmente.

— Se seu ataque não requer uma retratação, o que pode ser, então?

— A atitude do seu pai. Essa palhaçada de mídia, não concordo com nada disso. Você não é moeda de troca. — Seus olhos se abrem um pouco mais e a postura enrijece.

Nós sabemos do histórico do pai de tentar casá-la com um velho cheio de dinheiro, não preciso ser mais claro do que já fui e sei que atingi um ponto muito sensível dentro dela.

Sua postura altiva vacila, os ombros caem um pouco e seu olhar perde o foco. Tudo isso dura menos de cinco segundos, ela volta a retesar o corpo e endurece o olhar quando me encara.

— Isso tudo é culpa sua, mesmo. Achou que uma cena dessas passaria batido? Pensou que ganharia algo além de cinco minutos de fama na internet?

— Pensei, sim. Eu só queria *tu*.

Mais uma vez a pose de durona vacila, o que considero uma vitória no embate, ela consegue manter a firmeza por todo o desenrolar normalmente. Chega a abrir e fechar a boca algumas vezes, buscando uma resposta inteligente e, bem provável, ofensiva

— Vem comigo, loira. — Avanço, seguro seu pulso e saio a arrastando por entre os caminhos dos bretes.

Passamos por um corredor apertado que nos leva direto para a área onde os animais ficam no aguardo da entrada, chegamos a um pequeno trecho com terra enlameada e isso a faz estacar.

— Não vou sujar minhas botas nessa terra.

— *Diacho!* É só barro.

— Eu não... Ah! — Antes que ela termine de falar, passo uma mão por baixo das suas pernas, a outra amparo seu tronco e a ergo no colo. — Não me derruba! — Sua voz é estridente.

Encaro seu semblante assustado, as mãos voaram para meu pescoço e ela mantém os olhos pregados no chão.

— Monto em touro de uma tonelada, acha que vou derrubar *tu*? —
Só então ela me olha.

— Vai saber, peão. — Seus ombros erguem e aquele desdém irritante toma seu tom.

Corto o assunto antes de começarmos mais uma rodada de coices e provocações, meu objetivo é nos tirar desse turbilhão de mídia social, entrevistas e obrigações.

Quando comecei a montar não foi em busca de fama, claro que existe uma parte de qualquer peão que o faz se sentir invencível. Um super-herói que enfrenta suas batalhas, mas tudo está relacionado com o touro.

Seu embate, o desejo de vencer, sair ganhador e passar para o próximo duelo, nada tem ligação com quem assiste, mas sim com quem participa dentro daquele curto espaço de tempo.

Vejo um grupo de violeiros cantando e tocando, à medida que me aproximo com a loira no colo o som fica mais alto e chego a sorrir ao ouvir a música.

♪ “*Sou caipira pira pora, Nossa Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda, o trem da minha vida
Sou caipira pira pora, Nossa Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda, o trem da minha vida*”^[41] ♪

Acompanho o coro no refrão, próximo o suficiente solto as pernas de Babi, mantenho o agarre em suas costas junto a mim, suas mãos ainda estão presas na minha nuca e o momento é eternizado.

Aqueles poucos segundos antes de ela tomar partido de se afastar, seus olhos captam os meus, ainda canto, mas de forma automática, minha atenção está totalmente focada nela, procurando respostas em sua íris que desconheço as perguntas.

Ela afasta e coloca as mãos nos bolsos de trás da calça, parece encabulada, acho que sua maneira arrogante ficou esquecida junto com toda a palhaçada do pai.

— Isso sempre acontece? — ela pergunta e eu confirmo com a cabeça.

Os violeiros continuam tomando no *coité*^[42] e cantando canções, não estamos tão próximos da roda, onde um lampião faz luz no meio do grupo,

mas ainda perto o suficiente para interagir com eles.

— Sempre. É a vida do tropeiro, do peão, cachaça, mulher e viola.

— Acho isso tão pejorativo. — Ela torce os lábios.

— *Uai*, por quê? Quer coisa mais gostosa do que beijar boca com gosto de cachaça boa e o *modão*^[43] tocando no fundo?

Minha pergunta soa natural, mas por algum motivo ela se acanha, segura o riso e volta os olhos para o grupo. Seus traços parcialmente iluminados pela luz parca, os cabelos claros contornam o rosto e caem sobre o colo, parece uma pintura misteriosa e o solavanco no meu peito incomoda.

Um dos homens se aproxima e estende um coité para mim, aceito de bom grado, estendo na direção da loira, que nega com a cabeça freneticamente, sorrio de lado e viro de uma vez.

O líquido levemente adocicado desce queimando pela goela, aperto os lábios até os primeiros segundos da ardência amenizar, vejo-a girar o corpo na minha direção, avanço um passo e enlaço sua cintura.

Hora de provar que minha teoria tem razão, desço a boca sobre a sua e com uma calma que não representa meu estado de espírito no momento, cubro seus lábios e lhe ofereço o gosto da bebida com minha língua.

Suas mãos pousam no meu ombro com suavidade, sinto um gemido vibrar em sua garganta, *arrocho*^[44] seu corpo, minha língua aprofunda cada vez mais na sua até que nosso fôlego seja roubado por completo.

Findo o beijo devagar, ainda mantenho a proximidade, o suficiente para fixar seus olhos nevodados e a boca marcada pelo contato.

— Acho que sua teoria tem um fundo de verdade — ela fala, tão baixo, que mal posso ouvir.

— Eu sempre tenho razão, loira. — Não resisto a provocação e ela acerta meu ombro, brincando.

— Você é muito metido, peão.

— Posso dizer o mesmo de *tu*.

Trago suas costas de frente para mim, meus dedos transpassam seu corpo e os descanso na fivela do seu cinto. Encosto meu queixo em seu ombro e, devagar, muito sutil, embalo seu corpo junto ao meu.

O retumbar do meu peito abrandava, mas ainda mantém a sensação de pertencimento. Algo que há muito não sinto, anos, na realidade, que de alguma forma procuro em todo canto por esse sentimento e acabo de encontrá-lo nos braços da dona onça.



Cinco coités depois, uma penca de modão e vários beijos cada vez mais acalorados próximo do grupo, decido que está na hora de relembrar o passado, de verdade.

Com a diferença é que desta vez estou ciente de que é ela quem eu quero, anos atrás nós estávamos frustrados e chateados, ela sem o ex-namorado e eu sabendo que Ritinha nunca seria minha.

Fizemos sexo bruto, colocamos para fora toda a ruindade que ruminava no peito, usamos um ao outro e foi bom, quase enlouquecedor e me fez pensar nela como uma lembrança foga durante todo esse tempo.

Agora é outra história. Um novo começo, quem sabe uma mudança de ares, algo que vinha me atormentando e que finalmente pareceu aquietar.

Saímos para o estacionamento de mãos dadas, já estou com a chave da picape, mando mensagem para o Maldonado e peço que recolha meus pertences no vestiário.

Ele responde com um “trem que pula”, disfarço o riso ao guardar o aparelho no bolso e ambos entramos no veículo.

Dirijo a passeio, sem pressa de nada, o silêncio é confortável, não me intimida, ela não parece inibida, estamos cientes do que esta noite pode se tornar e tudo está bem.

Passamos direto a entrada da cidade, a pousada fica a poucos metros antes, vejo pela visão periférica sua cabeça girar para trás e voltar na minha direção. Viro o pescoço sutil e pisco um olho, enigmático.

Entro em uma estrada paralela, conheço a região, já vim algumas vezes para esses lados, quando ainda trabalhava como peão na fazenda Queiroz. Subimos até o topo de um morro e um recuo grande e plano surge.

Estaciono próximo ao despenhadeiro, desligo o motor do carro e viro o tronco na direção da loira ao meu lado. Fico encantado ao ver o

deslumbre do seu comportamento ao projetar o corpo para frente, as mãos apoiadas no painel e os olhos perdidos na paisagem.

Está escuro, não conseguimos ver nada além do que o farol ilumina, mas o céu se torna o grande monumento da visão. Estrelado, como uma manta carregada de brilho, e a lua, irradiando sua luz.

— É lindo. Como você conhece?

— Já vim para essas bandas.

— Por que me trouxe aqui? — Ela finalmente me encara.

Sua pergunta não parece uma provocação ou qualquer tipo de jogo. Pela primeira vez, não vejo a armadura dela montada, ela não criou uma cena e nem está se fingindo de inocente.

Ela não quer saber o “*pra que*” de estarmos aqui, isso é evidente, sua curiosidade é desvendar o sentido disso. A finalidade de nos afastar de tudo e todos.

— Queria ver você por inteira — respondo, com sinceridade.

— Como assim?

— Lá — inclino a cabeça para o lado —, você é a filha de um fazendeiro, a rainha de um rodeio, a riquinha metida, cheia de armaduras. Aqui... você pode ser só você.

Ela engole com dificuldade, consigo ver o receio perpassar seus olhos, ergo a mão e desenho com a ponta dos dedos o seu contorno.

— Aqui eu também não sou o peão campeão, nem o *cowboy* galinha ou até o provocador do rodeio. Sou só eu.

Alguns segundos se passam, até ela tomar partido e avançar sobre mim, suas mãos seguram meu rosto enquanto as minhas, sua cintura. Sua boca choca com a minha e um beijo desesperado começa.

Um toque de curiosidade por sentir a pessoa que mencionei, despida de qualquer conceito ou modo de agir, somos dois indivíduos buscando sentir intensamente seja o que for que esta noite reserve.

Deixo todos os meus medos de lado, não quero dar chance aos questionamentos que martelam na mente, imaginar o resultado desta noite talvez me acovarde e eu nunca fui de desistir daquilo que realmente quero.

Cedi uma vez, única, recuei e deixei outro tomar o que poderia ser meu, foi a lição mais difícil, mas consegui passar por ela.

Depois disso, nunca mais aceitei metade.

Quero tudo.

Quero inteiro.



Capítulo 14

*“Gosto de boa amizade, de viola e poesia
Se o lugar for aconchegante
E com uma loira tomando um espumante,
Eu fico até o clarear do dia”
— Ednaldo Terra.*

Babi

Algo explodiu dentro de mim e quando me dei conta montava o peão, roubando seus lábios e sugando o máximo que podia daquele momento. O carro apertado limitava nossos amassos acalorados, por isso Lucio abriu a porta e eu o segui, passando pelos bancos e saindo do carro.

Antes de eu conseguir me firmar nos pés, meu corpo é puxado e prensado entre a lataria vermelha e o corpo duro e grande do homem afoito à minha frente.

Agarro seus ombros e o puxo ainda mais seu corpo junto ao meu, estamos quase fundidos, sua dureza esfrega no meu ventre e gemo, descontrolada. Não paramos de nos beijar enquanto ele desabotoa meu camisação rosé, já eu agarro a sua e puxo, estourando os botões nas casas.

— *Diacho*. — Ele afasta e repete meu gesto, já que mal tinha soltado duas casas da peça.

Voltamos a colar as bocas, o desespero dita dos movimentos, nos atrapalhamos em abrir a fivela e o cinto das próprias calças. Interrompo o beijo para tirar a bota cano alto, aproveito para arrancar a calça e ouço um arfar vindo dele.

Ergo os olhos e Lucio, estático, observa eu me despir de maneira nada sedutora, está escuro, mal conseguimos nos ver, só a luz do luar e parte do farol iluminam nossa peripécia.

Assim que me livro da calça, jogo na caçamba junto com as botas e a camisa parcialmente destruída, volto a atenção para ele, apoio as mãos na cintura e ergo as sobrancelhas.

— Acho que é sua vez de tirar as calças, peão. — Aponto com o queixo para a braguilha aberta.

O homem parece voltar para o agora e rapidamente se livra dos sapados, calça e até a cueca. Uma bela visão, mesmo que parca, enchem meus olhos.

Lucio pelado é algo a ser contemplado, quase reverenciado, pernas musculosas, quadril estreito, barriga trincada com veias sobressalentes,

braços largos e fortes, sem qualquer exagero e um instrumento impressionante.

Se não bastasse o corpo divino, o rosto tão bem desenhado e cabelos claros macios, ainda tem um pau de causar inveja e vontade em muita gente.

— Vai ficar só olhando? — Ele abre os braços e um sorriso convencido desponta nos lábios.

— Vou é aproveitar, peão. — Salto em seu colo de supetão.

Lucio guincha, recuando alguns passos, pego de surpresa, recupera o equilíbrio e ataca meu pescoço com uma mordida seguida de beijos e lambidas. Minha garganta queima em ânsia, seu pacote cutuca minha entrada e lamento não ter me livrado da calcinha antes.

Sou colocada no capô da picape, Lucio rouba um beijo e desce seu tronco sobre o meu. O quadril, já encaixado estrategicamente no meu vão pressiona em movimentos sutis para frente e para trás.

Agarro seus cabelos quando a boca escorrega, devorando cada milímetro de pele enquanto desce por seu caminho, ao alcançar o topo do sutiã, também rosa, ele morde a ponta e o tenta baixar.

Meus olhos cerrados observam sua dificuldade, a peça tem bojo, não é fácil movê-la como ele quer, então o ajudo e seguro os dois lados dobrando para baixo.

Sorrio, assim como ele, então perco o fôlego com a abocanhada vigorosa que recebo no seio direito. Sua língua circula conforme sua boca suga, desesperado por colocar o máximo dele para dentro.

Arqueio as costas quando puxa e solta o bico entumecido, repete o processo do outro lado, meus dedos agarram seus cabelos enquanto reviro os olhos, sentindo a calcinha inundar de prazer.

Quando ele termina a tortura, sinto o sopro gelado bater onde sua saliva permanece, sensíveis, seguro ambos nas mãos e Lucio endireita o corpo. Suas mãos descem pela minha barriga, contornam pelo quadril e invadem o interior das minhas coxas, abrindo-as ainda mais.

— Essa não vai ficar inteira. — Ele alisa com o dorso do dedo indicador pelo tecido.

Quando chega ao fundo, seu dedo engancha na peça, ele puxa e usa a outra mão para destruí-la. Ofego com sua brutalidade, sinto a umidade em minhas dobras aumentar.

— Será que sua boceta tem o mesmo gosto de anos atrás? A boca já provei que não, agora falta ela.

Seu dedo desliza, airoso, pela fenda, quase não consigo sentir o toque devido ao pulsar insistente. Preciso de contato para aliviar essa pressão.

— Só tem um jeito de descobrir. — Esfrego os bicos na tentativa de aplacar o formigamento da ansiedade.

Seu corpo afasta um passo, as mãos firmam no topo das coxas, rente ao quadril e o tronco desce. Nossos olhos mantêm o contato, seu sopro quente eriça a região e logo sua boca me consome.

Ele geme e eu fecho os olhos, aperto os lábios para abafar um grito, sua língua dançando de forma maravilhosa sobre meu deleite, as órbitas giram e não resisto em pedir por mais.

Suas mãos espalmam na lateral do meu quadril, salto assustada e arregalo os olhos em sua direção. Minha boca em formato de “o” enquanto o castigo sensual é interrompido.

— Quero ver seus olhos, não desvia *eles* de mim. — O brilho em torno da sua boca só prova o caos prazeroso que se tornou meu canal.

Apoio meu tronco sobre o antebraço, sem desviar os olhos, solto gemidos e levo uma das mãos na sua cabeça, pressiono de leve, o incentivando a continuar.

Ele usa as mãos para erguer minhas pernas, que estavam penduradas em torno dele, apoia meus pés na lataria, ainda mais aberta, sinto um dedo invadir meu canal, devagar.

Escorrega tão fácil, gemo e remexo os quadris, ele entende o sinal e recua para enfiar, agora, dois dedos. Sua língua começa a tremular em torno do meu clitóris e seus dedos trabalham em meu canal no mesmo ritmo.

Rápido e intenso.

Não suporto mais manter os olhos abertos, tombo a cabeça para cima quando a primeira fígada percorre meu ventre, as pernas tremem com

pequenos espasmos e um grito rasgado explode na minha garganta, enquanto o quadril sacode em protesto.

Meu canal pulsa com o orgasmo, Lucio retira os dedos, porém, continua com a língua afiada no meu ponto sensível.

— Ah... chega... — Empurro sua cabeça, mas suas mãos firmam na minha anca e insiste no contato por mais alguns segundos.

Aperto os joelhos e Lucio se empertiga, abre minhas pernas e puxa meu tronco para si. Sua boca cobre a minha e sinto meu próprio sabor em seu palato.

Meu íntimo ainda pulsa por mais, muito mais, na verdade, o oral só aumentou minha libido e preciso senti-lo me preencher por completa ou enlouquecerei.

Enfio uma mão entre nós e seguro seu pau com firmeza, o masturbo por um tempo e o levo até minha entrada. Ele quebra o contato e encara meus olhos, com dúvida.

— Tem certeza? Tô sem proteção..., mas eu nunca fiz sem — ele se apressa em dizer, as palavras estranguladas em meio à respiração sôfrega.

— Eu também nunca fiz isso sem camisinha — respondo, prendendo a ponta do lábio inferior entre os dentes. — Mas quero viver essa primeira vez contigo.

Nenhum prazer foi tão enlouquecedor ao ponto de querer fazer algo tão sério. Nem mesmo com Guilherme, que foi meu parceiro fixo por anos, senti essa necessidade.

É irracional e não estou em um bom momento para discernir qualquer responsabilidade com minhas atividades sexuais.

— *Diacho!* Eu também quero. — E ele arremete.

Uma estocada profunda e firme, sinto o ar sumir dos meus pulmões, e só retorna quando ele recua para arremeter em seguida. Pausadas, mas intensas, sinto seu membro rijo tocar fundo em mim, em um ponto específico e extremamente prazeroso.

Ele aumenta o ritmo, envolvo meus braços em sua nuca, nos encaramos, o prazer transcorrido por toda a face, fluidos corporais se misturam, minhas pálpebras pesam e ele escolhe este momento para mergulhar sua língua ávida na minha boca.

Meu corpo solavanca com as batidas da sua pélvis contra ele, escorrego para trás, então Lucio alça minhas pernas e suspende o quadril, tornando as investidas ainda mais profundas.

Ele grunhe e morde meu lábio, encerro o beijo para admirar seu rosto contorcido pelo prazer, a boca semiaberta soltando o ar entrecortado, sinto o prazer pesar em meu ventre, vindo como uma torrente, gemo alto.

— Eu vou...

— Eu também...

Desta vez mantenho os olhos abertos, com muito sacrifício, mas vejo exatamente quando ele explode seu desejo dentro de mim e eu o acompanho, contraindo meu canal, ordenhando seu pau devido ao meu prazer.

— *Diacho* de loira gostosa... — Ele solta a respiração e me beija, estalado.

Uma, duas, três vezes, até se dar por satisfeito e me colocar sobre o capô.

Lucio acaricia meu rosto, tira alguns fios dispersos sobre ele, desce pelo contorno da mandíbula e para com o indicador no meu queixo.

— Foi muito melhor.

— O quê? — FRANZO as sobrancelhas, confusa.

— Seu sabor, seu corpo, seu prazer. Há cinco anos foi bom, mas agora, foi infinitamente melhor.

— Bom saber disso, peão. E agora? — Apoio as mãos para trás e isso empina meus seios em sua direção.

Ele baixo os olhos, lambe os próprios lábios e volta a me encarar. Um sorriso sacana surge antes que ele se pronuncie.

— Agora a gente faz amor o resto da noite, tendo as estrelas como cobertor e a lua de testemunha.

E é exatamente isso que acontece.

Lucio me leva para a caçamba da picape, que tem uma espécie de manta grossa o forrando, ali ficamos acordados até o céu começar a clarear.



Acordo, assustada, me sento em um rompante e olho para o lado, cubro o rosto com a manta e solto um gemido frustrado.

Onde você estava com a cabeça, Barbara?

Levanto-me devagar, completamente nua, salto da picape e procuro minhas roupas no banco do carro. Coloco o sutiã, a calça, encaixo as botas no pé e quando tento fechar o camisã, observo que falta meio caminho dos botões.

Dobro para cima, dou um nó, olho por cima da lataria e vejo que Lucio continua imóvel. Dou a volta pela frente do veículo e tomo o assento do motorista, as chaves estão no contato, então dou partida, encolho os ombros achando que vai acordá-lo, mas isso não acontece.

Faço o percurso de volta à pousada, bato no volante, inconformada por ter caído tão fácil na lábia do peão. Não sei como fui me esquecer das suas provocações, o destrato na enfermaria e aquela afronta na arena.

Ele age igual ao meu pai, acha que sou um troféu, quer me ver conquistada para satisfazer seu ego machista, mas isso não vai acontecer.

Deve ser cedo ainda, quando estaciono em frente à pousada não há qualquer movimentação de pessoas. Olho para o lado e vejo suas roupas jogadas no assoalho e então tenho uma ideia.

Pego meu celular, sua calça e camisa em uma mão, na outra o chapéu e as botas. Desço do carro e fico admirada de ver que o homem ainda dorme pesado, deixo os itens ao lado dele e corro para dentro.

Contorno os corredores até chegar ao meu quarto, entrar e fechar a porta com força, rio nervosa com a minha ousadia, com certeza isso lhe dará muito motivos para se manter o mais longe possível de mim.

Vou direto para o banho, mas antes pego uma cadeira de descanso e a apoio abaixo da maçaneta. O peão não sabe qual é meu quarto, mas não tardará a descobrir quando tiver atravessado a pousada praticamente nu.

Entro no chuveiro, risonha, deixo a água morna lavar a sujeira do mato de mim, lavo os cabelos e esfrego o corpo com esponja, mas algo me

diz que a sensação das suas mãos percorrendo pela minha pele não será fácil de apagar.

Flashes da aventura noturna piscam diante dos meus olhos, meu corpo reagindo às sensações sentidas, quase posso provar seu gosto ainda no meu palato, sacudo a cabeça e pego minha escova e creme dental sobre a pia.

— Esquece isso, Barbara — brado comigo e enfio a escova dentro da boca, me certificando de não deixar um milímetro sequer sem limpeza.

Quando estou devidamente banhada, vestida e alinhada, coloco o celular para carregar, tiro a cadeira do apoio, ainda não ouvi qualquer tumulto, pode ser que ele ainda esteja dormindo.

Saio no corredor logo depois de espiar por uma fresta, ninguém à vista, fecho a porta com cautela. Penso em chamar Cecília no seu quarto, mas não faço ideia de que horas são e se ela está aqui, então opto em descer até a copa e pedir um café reforçado.

Algumas pessoas fazem o desjejum, cumprimento-os com educação, ocupo uma cadeira distante e sirvo meu copo com suco.

— Olha isso! — um homem praticamente grita.

— Ei, *caboco*! Perdeu as calças! — Enrijeço o corpo.

Tô lascada!



Capítulo 15

“Pernilongo De Pescador É Borrachudo

Pernilongo De Cavalo É Mutuca

O Boi Pra Gemer Eu Meto A Espora

E A Mulher Pra Gemer Dou Um Cheirinho Na Nuca”

— Edvaldo Terra.

Lucio

Sinto meus olhos arderem com a claridade assim que os abro, torço o pescoço para o lado e me espreguiço, o sorriso no meu rosto some ao perceber que estou sozinho na caçamba.

Aonde ela pode ter ido?

Ergo meu tronco com rapidez, observo as construções à nossa volta, olho por cima do ombro e reconheço a pousada.

— Mas que *diacho*... — solto baixo e começo a revirar a manta que cobre minha nudez.

Busco por minha calça e camisa, mas só encontro o chapéu e as botas, viro o tronco e olho pelo vidro nos bancos vazios e nada. Enrugo as sobancelhas, tenho certeza de que recolhi nossas roupas e as deixei no banco do carro.

Torno a revisar a manta, olhando de todos os lados e chego a única conclusão possível.

— Aquela onça braba sumiu com as minhas vestes...

Uma raiva instantânea brota no meu peito, calço as botas, inconformado por ser destratado desse jeito. Depois de tudo que passamos à noite, achei que já tínhamos superado as rusgas, mas estava enganado.

Ela continua a mimadinha sacana e pensa que vou me sentir diminuído com uma brincadeira de muito mau gosto.

Pego meu chapéu, cubro o principal e salto da caçamba, por sorte não há pessoas na rua ou eu poderia ir preso por atentado ao pudor. Marcho determinado para dentro e ao passar pela copa, vislumbro sua cabeleira loira na cadeira.

— Olha isso! — um sujeito grita ao me ver.

— Ei, *caboco*! Perdeu as calças! — Não desvio os olhos do meu objetivo.

Com pisadas firmes, vou até ela e paro ao seu lado, determinado, meu chapéu está na altura do seu rosto e quando ela ergue os olhos, o medo cintila ali e eu sorrio com escárnio.

- Bom dia, loira.
- Acho que seus trajes não são apropriados para o café.
- Tem razão. — Junto o braço dela com força e a coloco de pé.
- O que você...
- Vai me devolver as calças! — brado.

Os três homens que ocupavam a outra ponta da mesa nos encaram, um pouco assustados, porém, ainda mais curiosos, para saber o desenrolar que me levou à nudez diante da mesa do café.

— Não sei do que *tá* falando, peão.

— Vai se fazer de desentendida? *Tá* certo! — Solto seu braço e afasto um passo. — Vou chamar a gerência e pedir uma revista no seu aposento. Meu celular está no bolso da calça.

Seus olhos se arregalam tanto, que parte da minha raiva dissipa, colocar um pouco de medo nela pode lhe ajudar a recuperar o juízo que aparentemente não tem.

Permanecemos imóveis por um tempo, eu a fuzilo com o olhar enquanto ela não sabe o que fazer para sair da porcaria que se colocou.

— *Tá* certo! Vou procurar... — Recuo um passo.

— Não! — Ela ergue as mãos. — Eu levo até seu quarto.

— Muito bem. Vou subir *pra* tomar banho, espero meus pertences lá, antes de terminar.

Com um aceno de cabeça, deixo a sala, o mexerico vai correr solto entre os bretes, talvez por toda a temporada. Os três homens estavam de queixo caído, anotando mentalmente cada desenrolar para depois espalhar por aí.

Bato a porta do quarto e jogo o chapéu sobre a cama, tiro as botas atirando-as uma para cada lado, a irritação é tanta que quase esmurro a parede ao meu lado.

— *Diacho!*

Vou para o banheiro, entro na água fria, o cheiro de sexo, do perfume dela e todas as lembranças do que aconteceu algumas horas antes são lavadas junto com a água que escorre pelo meu corpo.

Fui idiota em pensar que as coisas seriam diferentes, ela é uma riquinha mimada e isso nunca vai mudar. Garota vazia, sem respeito, só se importa com o próprio ego e eu fui um imbecil que serviu de piada para a vida entediante dela.

Saio do banho, enrolo a toalha no meu corpo e nem me dou ao trabalho de secar, só quero cair na cama e esquecer toda essa confusão.

Ouçõ uma fraca batida na porta, vou até ela e abro, a loira se encolhe e estica as peças na minha direção.

Eu deveria ter pegado meus pertences e fechado a porta na sua cara, sem dizer mais nada, mas contradizendo a razão, puxo seu braço para dentro, bato a porta e a encosto contra ela, sem um pingõ de delicadeza.

— Me deixa sair. — Sua voz sai tremula e isso me lembra seus gemidos.

— Por quê? Poderíamos muito bem continuar o que paramos no mato. — Aproximo meu rosto do seu.

Maldito cheiro.

— Já devolvi suas coisas e admito que foi uma brincadeira péssima.

— Péssima? Sim, foi péssima — questiono e testo a escolha de palavras. — Só não entendo o motivo.

— Você merecia, depois de tudo que me fez.

— E o que eu te fiz? — Friso a última palavra com ênfase.

— O destrato na enfermaria e ainda teve aquele beijo ridículo na arena.

— *Tu* é mimada.

— Mimada? — Ela joga minhas coisas no chão ao seu lado e apoia as mãos no quadril. — Seu comportamento foi totalmente aceitável, então?

— Não disse que foi, mas uma conversa resolvia as coisas, moça.

Suas bochechas coram, parece envergonhada, talvez um pouco arrependida dado ao seu semblante.

— Você e meu pai com essa história de romance, isso não vai...

— Pode parar por aí. — Afasto o tronco e a encaro com seriedade. — Eu não tenho nada a ver com seu pai e as artimanhas dele.

— Que seja! Fiz o que fiz e não vou me desculpar. — Ela dá de ombros e abre a porta para sair.

— Se é assim, aguarde meu troco.

Ela empaca no meio do caminho, ciente das minhas palavras, então parte sem me direcionar um segundo olhar.

Essa onça loira vai me pagar.



Como previa, fui o comentário nos bretes, nas arquibancadas e por toda a cidade, já que o ruim de lugar minúsculo é todo mundo se conhecer e *tu* não conseguir dar uma volta na praça sem que, pelo menos, um punhado de gente esteja ciente.

Maldonado só me chama de peão a pelo, o que foi engraçado na primeira vez, porém, já encheu a minha paciência, depois de ouvi-lo repetir por todo o resto da tarde.

Cheguei à competição, ainda teremos mais dois dias aqui, os competidores só sabem brincar com o assunto e quando encontrei com Cesar, a forma que ele me olhava, divertido, tenho certeza de que também sabia.

Não vi mais a cara da loira desde que deixou meu quarto, nem sei se estará presente hoje, já que não é tão necessária. Talvez esteja escondida no seu quarto, com medo de enfrentar as pessoas.

Vou para a montaria, Maldonado me auxilia, fricciono a corda e a prendo rente a alça, ergo os olhos para sinalizar ao juiz e vejo a cabelereira loira bem atrás, do outro lado da arena, parada próximo a grade, observando o brete.

Sinalizo e a porteira é aberta, controlo a respiração e cumpro a prova sem grandes dificuldades, peguei um touro aguido^[45], um pulo baixo e contido, provavelmente minha pontuação não será alta.

Salto do touro e caio de pé na arena, o público aplaude, aceno com o chapéu contornando meu corpo, até que paro diante dela. Seus olhos atentos, parece um tanto agoniada daqui, mas é difícil confirmar a essa distância.

Avanço alguns passos e então paro, o silêncio ganha força, o acelero no meu peito começa a tomar a razão que eu deveria ter e não continuar caminhando em sua direção.

Seus olhos arregalam e ela abre a boca em choque, um sorriso discreto cresce e ganha força a cada passo que estou mais próximo dela. Paro diante da grade e olho para cima, pulo e apoio o pé na beirada e estamos cara a cara, olho no olho e a uma respiração de distância.

— O que você vai fazer? — Sua voz sai em um sussurro.

Encaro seus lábios espremidos, o rosto intrigado e volto aos seus olhos, que mostram a ansiedade que eu sinto agora.

— Adivinha?

Ela abre a boca para responder e eu aproveito minha deixa. Cubro seus lábios e minha mão segura um punhado dos seus cabelos claros da nuca. Ela geme, mas não é um protesto, ela quer mais, suas mãos agarram minha camisa e me puxam enquanto sua língua se enlaça na minha.

Não completamente satisfeito, mas sabendo que é necessário, encerro o beijo, salto para trás e aceno com o chapéu. O público que gritava freneticamente, levantou aplaudindo e a loira foi obrigada a desviar seu olhar assassino de mim e acenar para todos.

Volto para o brete, contente, não sei quem é o mais desajuizado de nós, mas é claro que provocá-la é meu ponto fraco e não consigo resistir.

Chego ao vestiário e todos os peões começam com um misto de me parabenizar e outros com chacota. Eu rio das duas situações, levo na brincadeira, mas me pego pensando aonde tudo isso irá me levar.

— Lucio, meu filho — Cesar irrompe pela porta —, você e Babi precisam entrar na quermesse juntos, vão filmar vocês em um momento romântico — ele declara, com as palmas apertadas uma na outra.

— Sua filha tem ciência disso? — O encaro, desconfiado, enquanto guardo meus pertences na bolsa.

— É claro, e ela está animada. — Ele pisca um olho e eu bufo.

— Duvido.

O homem tem a tamanha cara de pau de ignorar meu comentário, cumprimenta todos os presentes e sai em busca da filha, que deve estar uma *arara*^[46] comigo.

Encontro com Maldonado na saída do brete, ele e Ceci parecem ter uma discussão acalorada, por isso não paro e continuo caminhar para a saída, ergo os olhos, próximo da picape, e vejo Babi com o corpo encostado na lataria e os braços cruzados.

Diminuo as passadas, remexo a chave nas mãos, incerto se devo prosseguir ou se preciso de uma testemunha para o desenrolar desse encontro.

— Não precisa ficar com medo, peão. Estou aqui para te acompanhar na quermesse, como meu pai pediu.

— E agora *tu* obedece a seu pai de bom grado?

— Só quando me convém. — Ela dá de ombros e afasta um passo do carro.

Ainda temeroso, me aproximo do carro, abro a porta, meus olhos nunca deixando sua imagem, que parece se divertir no momento, jogo minha bolsa no banco do carona e tranco o veículo.

— Pronto? — Ela ergue as duas sobrancelhas quando eu me mantenho imóvel.

— Acho que sim. Você pretende me deixar pelado no meio da multidão?

Ela faz uma careta tediosa e começa a caminhar no sentido da festa, avanço alguns passos rápidos, até estar ao seu lado, então arrisco um pouco mais e enlaço sua mão com a minha.

Observo de soslaio ela encarar nossa união e, com um suspiro baixo, volta a olhar para frente e caminha em silêncio.

Contradizendo tudo que acho dessa mulher, ela não parece furiosa e nem vingativa com o que fiz na arena, mas talvez possa estar guardando o troco para depois, como fez com minhas roupas.

Se minha mãe sonhar que fiquei a pelo no meio da rua, é capaz de apanhar com vara de marmelo.

— Sorria e mostre interesse em mim — ela fala e preenche os lábios com um sorriso afetuoso.

— Como consegue viver assim?

— Assim como?

— De aparências?

— Quem deu margem para tudo isso foi você, peão. Por que fez aquela cena na arena?

— Porque eu quis. Porque senti vontade, não tem a ver com os outros. Isso é entre você e eu.

Barbara estaca no lugar, seus olhos buscam o meu pela primeira vez desde que começamos a caminhar, a expectativa na íris, misturada com um toque de incerteza, ela levanta a mão até meu rosto e toca de forma sutil.

Viro em sua direção, passo a mão por sua cintura e colo nossos corpos, abaixo a cabeça e ela se ergue na ponta dos pés, nos beijamos. É calmo, contido, quase tímido, mas parece testar o que sentimos.

Como se fosse uma redescoberta de algo que, sinceramente, não sei dizer o que é. Já é difícil entender tudo que me atrai para ela, saber o que a faz vir até mim dessa forma é ainda mais confuso.



Capítulo 16

*“Dizem que nois caipira fala errado
Mais nois fala porque nois qué
Afinal memo falando errado
Nois tem rodeio, cachaça e muié”
— Ednaldo Terra.*

Babi

Sabia que não seria boa coisa quando aquele peão metido marchou na minha direção na arena, mas eu simplesmente paralisei, uma ansiedade tomou meu sistema e permiti que ele romantizasse para o público, mais uma de suas provocações.

— Uai. Achei que ele *tava* com raiva de *tu* — Cecília sussurra ao meu lado, logo que ele se afasta.

— E está. Essa é a maneira dele devolver o troco.

— Não é o que parece.

— Mas é o que é. — Encaro seu rosto de forma determinada.

A competição termina e saio do palanque acompanhada de Cecília, descemos os degraus e assim que estamos próximas da entrada do brete, ela grunhe alguma coisa e parece bem irritada.

Sigo para onde seus olhos estão e vejo Maldonado conversando animado na entrada com duas mulheres.

Minha amiga marcha feito um furacão na direção deles, chego a erguer a mão para tentar impedi-la, mas desisto. Cada um sabe onde amarra seu burro e eu já tenho um jumento teimoso e empacado para lidar.

— Filha, ainda bem que te encontrei. — Cesar surge à minha frente. — Você precisa entrar com o peão na quermesse, todos estão esperando por isso. Já coloquei uma pessoa estrategicamente na entrada, vocês só precisam entrar animados e passear pelo local. Juntos. — Ele enfatiza a última parte e seus olhos brilham.

— O senhor não cansa de me usar para sua campanha de visibilidade?

— Lembre-se que tudo isso é para o bem dos negócios.

— Nem por isso soa mais digno.

— Vocês já estão juntos, mesmo. Qual o problema de usar a imagem a nosso favor?

— Seu favor — aponto o dedo em sua direção — e não estou com o peão. Aquilo foi só provocação.

— Ele não é um mau partido. Com os prêmios que ganhou fora do Brasil, se tornou rico.

— Vou fingir que não ouvi isso.

— Faça como quiser, mas espere por ele e entre na quermesse juntos.

— E se eu não quiser? — Ergo o queixo, desafiadora.

— Isso não é opção. Te trouxe de volta para auxiliar nos negócios, não podemos arriscar nada com esse torneio. Entendeu?

— O que quer dizer?

— Só me obedeça, Barbara. Seja útil ao menos uma vez na vida. — Sua voz é cortante.

Minha vontade é mandá-lo para o inferno e sumir deste lugar, sinceramente, não sei por que não fiz isso ainda. Talvez o medo de perder minhas regalias, não duvido que ele me deixe na miséria, caso eu não colabore com seus planos.

— Vem comigo! — Edmundo aparece, afoito, e segura meu braço.

— O quê? Não! Preciso encontrar com o peão.

— Tem alguma coisa acontecendo, nossos pais estavam de conversas sussurradas e logo um grupo de tropeiros foi chamado.

— E...

— E aí que eu não sei. Preciso de você e sua mente maquiavélica para se infiltrar e descobrir algo.

— Siga eles — determino e me solto do seu aperto. — Preciso cumprir algo que meu pai pediu, ele está de olho e não vai aceitar que não faça.

— Sozinho? Onde a Cecília se meteu?

— Melhor sozinho, não sabemos aonde isso vai te levar.

— E por que sou eu que tenho que arriscar a pele?

— Porque não tem outro *pra* fazer isso — esbravejo e seguro seu ombro, o girando no lugar. — Agora vai fazer o que eu disse. — O empurro e ele protesta, mas obedece.

Olho para os lados, me certificando de que ninguém ouviu nossa conversa e rumo para o estacionamento, farei o melhor papel e terei a

distração perfeita para manter meu pai ocupado.



Como meu pai disse, havia um homem com uma câmera de celular nos filmando, ignorei, não sei se o peão chegou a ver, mas age com naturalidade.

— Olha... o casal da arena. — Ouço uma voz infantil próxima.

Lucio ri de forma contida, leva a mão ao nariz e finge coçar, limpa a garganta e me olha de soslaio.

— Parece que seu pai tinha razão. As pessoas gostam de nos ver juntos.

— Dado a quantidade de olhos na nossa direção, não posso discordar.

— Não te incomoda?

— Toda essa atenção?

— Não. — Encaro seus olhos. — Seu pai te usar em barganha.

— Se fosse a primeira vez, talvez, mas nós dois sabemos que não é.

Tento manter minha voz o mais imparcial possível, não quero mostrar para ele minha maior fraqueza e consequentemente vergonha. Basta ele saber que sou a filha que obedece aos planos mirabolantes do pai.

Paramos diante de uma barraca de tiro ao alvo, Lucio solta minha mão e compra duas fichas, vai até as pistolas que, presas por um fio, descansam na base.

Ele tira as duas e aponta uma para mim, ergo as mãos por reflexo e ele gargalha.

— Vem. Vamos atirar um pouco.

— Acha que eu preciso descarregar alguma coisa?

— Se você não precisa, eu preciso.

— Por quê? — Aceito a arma e a miro nos alvos que começam a se mexer.

— Não tive uma boa montaria.

— Mas você pontuou.

— Sim, mas o boi não era bom o suficiente. Preciso pegar um pulador amanhã.

— Por que faz isso?

— Montar?

— Sim.

Ele fica em silêncio, minha atenção que era nos alvos, ridiculamente errando todos que surgiam na mira, volta para ele e, por um segundo, o acho vulnerável.

— Acho que a emoção de enfrentar o perigo. Ser invencível, de alguma forma.

— Não sei como consegue montar naquele bicho.

— É tão natural. Peão não pensa nas consequências, ele só precisa focar em durar oito segundos no lombo.

— Mas e se acontece algo mais sério?

— É o destino. Fazer o quê? — Ele dá de ombros, como se não fosse nada.

— É burrice. Isso, sim.

Lucio dispensa a pistola sobre o balcão, vira o corpo na minha direção e seu olhar é tão intenso que sou engolfada para dentro da sua íris.

— Você nunca poderia entender, moça. Viveu uma vida de luxo, sendo paparicada e o centro das atenções onde está. Nunca precisou pensar no que te motivava na vida, seu destino era certo desde que nasceu.

— Tenho dinheiro, sim, mas isso não quer dizer que meu futuro será bom.

— E o que você faz para que ele seja? — Sua pergunta me pega de surpresa e começo a ponderar. — Qual propósito você deu *pro* seu caminho? — questiona, mais uma vez, e ainda estou pensando na primeira pergunta.

Lucio agradece o dono da barraca, tira o brinquedo da minha mão e a segura entre seus dedos. Ajo no automático, ainda pensando em qual é o sentido para minha vida.

Atender aos caprichos do meu pai como sua moeda de troca?

Só isso?

Viver de comprar, festas e um meio que ostenta o que tem e não o que é?

— Pelo visto, te dei algo para pensar. — Sua voz é baixa e me desperta.

— Talvez.

Continuamos a passear entre as barracas, ocasionalmente paramos para Lucio autografar bonés, camisetas, chapéus ou qualquer coisa que sirva como lembrança do peão campeão.

Isso não me isentou, as pessoas faziam questão de nos fotografar, vezes sozinhos, vezes com eles, chegamos a um ponto em que minhas bochechas doíam de tanto sorrir.

Vi meu pai circular com alguns colaboradores, seu olhar satisfeito na minha direção, orgulhoso por ter me visto cumprir exatamente o que ele pretendia.

Quando damos por encerrada a noite, voltamos ao estacionamento e Lucio oferece carona. Como vim com Edmundo e ele está sabe-se lá onde, investigando uma possível pista, aceito a oferta do peão.

O curto caminho até a pousada é feito no mais absoluto silêncio, ele não tenta qualquer investida, deixa o som rolar na rádio local, cada um cativo em seus pensamentos.

♪ “*Se não sou eu, vai ser quem*

O amor teu?

Só você não percebeu

Que só tem eu”^[47]. ♪

Olho de esguelha, o peão mantém a atenção na rua, não parece afetado com a música, na realidade, com a letra, eu também não estou, mas por algum motivo meu coração começou a palpitar mais forte.

Levo as mãos ao cabelo e ajeito atrás da orelha, solto uma lufada de ar e isso desperta o interesse do motorista que vira o rosto para me fitar.

— *Tá cansada?*

— Um pouco — respondo e o silêncio volta a preencher o ambiente.

Não sinto mais a calma de ainda há pouco, meu corpo está agitado e a mente não para de me torturar com pensamentos do peão sem camisa... sem calça... e...

— Ah!

— *Diacho!* Que foi? — Lucio encolhe o corpo em direção à janela e sua cabeça alterna entre mim e a estrada.

— Nada. Achei que tinha um bicho no meu ombro.

Limpo o ombro direito, fingindo espantar algo, Lucio balança a cabeça desacreditado e agradeço quando ele estaciona na vaga da pousada, mais do que depressa abro a porta e salto para fora.

— Ei, moça. Espera. — Estaco quando já havia avançado alguns passos.

— Que cabeça a minha, nem agradei a carona.

— É. Tem razão. — Lucio bate a porta da picape e caminha até mim.

Engulo em seco ao perceber aquele maldito olhar determinado, que tem o poder de me hipnotizar e tornar meus músculos e corpo uma marionete, pronta para realizar todos os desejos dele.

Sua mão agarra minha cintura e a outra junta um punhado dos cabelos na minha nuca, apoio em seus ombros quando nossas bocas se chocam e todos os motivos que tenho para odiá-lo se perdem em meio a nossas línguas.

Sou consumida, contribuo com o enlace e logo estamos arfando em busca de fôlego, beijos, mordidas e carícias inapropriadas para uma calçada.

— Vem comigo. — Ele afasta o suficiente para encarar meus olhos cerrados.

— Para onde?

— *Pro* paraíso, loira. — Um sorriso cúmplice enfeita seus lábios e eu não resisto à gargalhada que explode da minha boca.

— Você é muito cafona e convencido, peão.

— Mas *tu* gosta que eu sei. — Ele morde meu lábio e chupa antes de soltar.

Não preciso responder, meu semblante denuncia o desejo que emana dele, sua mão prende na minha e, praticamente correndo, subimos para seu quarto.

Assim que a porta bate, sou empurrada para a cama, delicadeza dispensada, mas não me importo, tiro a blusa e desabotoo a calça, enquanto o assisto fazer o mesmo.

Pressa, nós definitivamente temos pressa.

Em menos de um minuto, ele está pelado, eu uso somente a lingerie, Lucio captura minha perna direita e apoia no seu ombro, sua língua começa a deslizar pela extensão do meu pé.

Eu sinto cócegas, remexo, mas ele firma-a no lugar com ambas as mãos, seus dentes cravam na lateral e eu arfo. Seu olhar é quase diabólico, amando ver cada reação minha às suas provocações.

Sua boca segue uma trilha úmida e acalorada pelo interior da minha perna, beijos e mordidas em pontos estratégicos, minhas mãos agarram a colcha na lateral do corpo, buscando por alívio diante da tortura.

Quando ele alcança seu objetivo, minha virilha, seu dedo engancha no fundo da minha calcinha e eu balanço a cabeça, negando. Seus olhos estão vívidos, mostram exatamente que pretende arruinar a peça.

— Não! — solto, sem convencer nem a mim mesma.

— Ah... sim... — a voz rouca sussurra e um lado dos seus lábios sobem.

Balanço a cabeça frenética em negação, enquanto a sua afirma e seus dentes prendem o lábio inferior.

Como vou resistir a isso?

— Tá! Acaba logo com isso — me dou por vencida e, no mesmo instante, sinto o puxão e o barulho do tecido se partindo.

— Há algo *bão* demais em fazer isso.

O sorriso satisfeito dele me faz sorrir também, seus dedos serpenteiam minha fenda, já úmida e ansiosa, ele pressiona e afunda as pontas no interior e recua.

Leva os dedos até próximo da boca e passa a língua em cada um deles.

Engulo em seco, o filho da mãe não chupa os dedos para dentro da boca, ele faz questão de projetar a língua para fora e dar uma pequena amostra de como pretende usar suas habilidades orais no meu corpo.

Solto o ar, ansiosa, ele volta os olhos, que estavam fechados durante a demonstração, para mim, pisca um olho e avança para o meu vão.

Minha cabeça que estava suspensa, assistindo a tudo, se afunda no colchão, levo ambas as mãos até seus cabelos e os aperto entre meus dedos, com força.

Gemo alto quando ele maltrata meu ponto de prazer e penso que a noite será bem mais intensa do que foi a anterior.



Minhas pálpebras trepidam, incomodadas com a claridade, abro um olho só para fechar em seguida, viro na cama e passo as mãos pelo lençol, espreguiçando todo o corpo.

Abro os olhos de repente, encaro o ambiente e me sento na cama, definitivamente não é meu quarto e então me lembro da noite e madrugada anterior.

Levanto-me com o lençol enrolado no meu corpo, escaneio o quarto à procura da minha roupa e não encontro.

— Filho de uma...

Bato o pé no chão e solto uma lufada raivosa. Não acredito que caí na minha própria armadilha, em um canto no chão vejo minha bota e o chapéu, obviamente deixados propositalmente.

Olho o relógio ao lado da cama, já passa do meio-dia, todos estão de pé e eu terei de fazer minha caminhada da vergonha até meu quarto que, por sorte, não é longe deste.

Visto a bota, coloco o chapéu na cabeça, aperto o lençol em torno do corpo e abro uma pequena fresta da porta, coloco metade do corpo para fora e vendo que está vazio, corro em direção ao meu quarto.

Entro e bato a porta, esbaforida. Uma mão no peito, controlo a respiração, que se acalma aos poucos.

Olho para minha cama e solto um grito quando vejo aquela figura deitada sobre minha cama.

— O que você faz aqui?



Capítulo 17

*“Tem Três Coisa Neste Mundo Que Atrapalha A Vida Da Gente
Desprezo De Mulher, Chifre E Dor De Dente”
— Ednaldo Terra*

Babi

— A pergunta certa é: onde a senhorita passou a noite? — Edmundo retira as mãos que apoiavam a cabeça e ergue o tronco.

Ele ainda usa a mesma roupa da noite anterior e pelo rosto meio amassado, é provável que tenha passado a noite aqui, me esperando.

— Bem... eu... é... — Ajusto o lençol em torno do meu corpo com mais força.

— Pela escolha do traje — ele sinaliza na minha direção —, a noite foi no mínimo interessante.

— Isso não é da sua conta. — Ergo o queixo e marcho para o banheiro.

Ignoro o fato de ele ter um olhar debochado e minhas vestimentas, ou falta delas, tornar a cena ridícula e constrangedora.

— Segui a pista de ontem. — Volto e coloco só a cabeça no vão da porta.

— E?

— E... que o grupo de tropeiros foram até os bretes e verificaram todos os animais.

— Nada anormal. — Dou de ombro e retorno para o interior.

Encaro meu reflexo no espelho, cabelo desgrenhado e amassado, olhos inchados, a boca ressecada, nem parece que tive uma noite tão boa.

Suspiro.

— Somente os animais do tropeiro que temos o dossiê.

Retorno para o batente da porta no mesmo instante, olhos arregalados e atenta a qualquer movimento de Edmundo. Isso, sim, é um caso mais do que suspeito e nos mantêm na pista correta.

— Eles fizeram algo significativo, além de verificar.

— Não. Pareciam analisar os animais, não sei. Estava distante para não ser percebido.

— O que pode ser? — Levo a ponta do dedo indicador até o lábio e vasculho a mente por um motivo convincente.

— Ainda não dá para saber, ao menos agora sabemos quem está envolvido. O jeito é montar campana.

— Sim. Vou tomar banho, hoje tem o almoço de encerramento, amanhã partimos direto para a próxima cidade.

— Isso me lembra que você não respondeu minha pergunta. Passei a noite no seu quarto, te esperando.

— E onde está Cecília? — Ignoro o questionamento e encaro a porta.

— Não faço ideia. Ontem ela estava discutindo com aquele amigo do seu peão.

— Ele não é meu peão. — O encaro, com desdém.

— Não é o que aparenta.

— As aparências enganam.

Volto para o banheiro a fim de fugir do seu olhar questionador. Se tem algo que sempre odiei é ser interrogada ou pressionada, principalmente quando o assunto em pauta é algo que jamais gostaria de admitir para mim mesma.

Tomo um banho relaxante, lavo o cabelo e aproveito para secar antes de sair do banheiro, vestida no roupão coloco a cabeça para fora e fico aliviada ao perceber que estou sozinha.

Corro até a porta e a tranco, abro o armário e escolho uma roupa fresca e leve, o calor hoje vai castigar, opto por um vestido frente única verde-claro, pego meu chapéu branco, a faixa escandalosamente ridícula e botas cano curto no pé.

Satisfeita com a vestimenta, saio do quarto e bato na porta ao lado, nenhuma resposta, giro a maçaneta e vejo que está trancada. Provavelmente Cecília já desceu, sigo meu caminho para as escadarias, tranquila.

— Te peguei. — Duas mãos me puxam pela cintura e eu solto um grito. — *Shiuuu!*

— O que você está fazendo, peão?

Bato as mãos em seu agarre e isso o faz me soltar e se encolher. Arrumo alguns fios do cabelo que grudaram próximo da minha boca quando fui atacada pelo brutamontes à minha frente.

— Seu pai quer que entremos juntos no almoço.

— Mais essa... — Cruzo os braços com cara de tédio.

— Pois é.

Volto meu olhar para o homem que escolheu vestir camiseta preta básica, boné preto, calça jeans marcada, fivela larga e bota. Seus braços fortes, com veias saltadas, que me fazem lembrar dos seus apertos em torno do meu corpo, aquela boca capaz de levar uma fruteira ao orgasmo, se decidisse que o faria, mas lembro que ele é um sacana e espremo os olhos.

— Onde estão as minhas roupas?

Lucio tem um olhar curioso, pelo sorriso contido no lábio poderia jurar que ele sabe o que se passa na minha mente, sua mão direita pousa na nuca e ele esfrega o lugar.

— Fiquei curioso para saber como saiu do quarto.

— Não respondeu à pergunta.

— Não vai me dizer?

— De lençol, chapéu e botas — respondo, como se não fosse nada de mai. — Agora, me diz, onde estão minhas roupas?

— Bem guardadas.

— Sorte sua é que tenho uma faixa extra. — Aponto para o item espalhafatoso pendurado em mim.

Lucio avança um passo, devagar, cauteloso, mas isso me faz recuar um e então ele avança mais um e eu torno a retroceder, seu pescoço tomba para o lado, analisando meu rosto.

— O que foi?

— Eu que te pergunto. Era *pra tu tá* uma arara comigo, achei que ia apanhar, até.

— Não sou a favor de violência física, peão. Além do mais, ninguém me viu nessa situação, fora Edmundo que estava no meu quarto, mas... — As palavras morrem na minha boca.

Tenho o péssimo hábito de tagarelar quando quero distrair alguém de um assunto, no entanto, falei demais. Como vou explicar a esse peão, que tem os olhos afogueados e o corpo começa a se agitar, que não é nada do que ele possa estar imaginando?

— O que aquele prego estava fazendo lá? — Ele avança um passo ameaçador.

— Ele precisava falar comigo e resolveu aguardar lá. Só isso.

— No quarto de uma moça solteira? — Mais um passo à frente.

— O que isso tem a ver? — Recuo.

— Acho que tem muita coisa, moça, já que *tu* passou a noite no meu. — Ele aponta para o próprio corpo e sorri ao avançar um passo e me fazer recuar, batendo o corpo contra uma parede.

Suas mãos espalmam, uma de cada lado na altura da minha cabeça, seu olhar é tão compenetrado, parece estar se segurando para não explodir.

— Não consigo ver ligação nesses fatos. — Minha voz quase falha, já que sai tão baixa.

— Mas eu consigo e muito. — Seu rosto se aproxima do meu.

Seus movimentos são sutis, quase imperceptíveis, o controle que está exercendo em seu temperamento é quase invejável.

Nenhum homem que passa a noite com uma mulher fica feliz em saber que ela tinha outro lhe aguardando nos seus aposentos, porém, não precisa exagerar com tudo isso.

— Aí estão vocês. — Ouço a voz salvadora do meu pai.

Solto o ar, que não fazia ideia que estava prendendo, passo por baixo do seu braço e caminho com rapidez para próximo de Cesar.

— Precisam descer. O almoço será servido em breve e ainda precisam tirar algumas fotos.

— Sempre temos. — Aperto os lábios e caminho em sentido às escadas.

— Você não vem, Lucio? — meu pai chama o peão, que ainda permanece estacado no mesmo lugar.

— Claro.

Seus olhos cruzam com os meus e sei que a conversa está longe de acabar. Lucio assume seu lugar ao meu lado, segura minha mão com mais firmeza que o normal e mantém a atenção longe de mim.

Vai ser um dia longo e complicado.



Meia hora de cumprimentos, fotos, declarações, mais fotos de Lucio com os outros peões da competição, algumas minhas com todos eles e conseguimos almoçar em paz.

Ou deveria ser, se Edmundo não estivesse sentado de frente para Lucio, que está ao meu lado. O peão não tira o olhar assassino de cima do meu amigo, que evita contato o tempo todo e me encara, desesperado, vez ou outra.

Sigo a encenação de boa filha, boa rainha de rodeio e, boa... não sei definir o nome, mas algo do peão.

Conferi as redes sociais e de fato, nossa história romântica contada e filmada nos tornou o casal do momento e todos querem saber e conhecer o torneio, para que possam visitar a arena e nos ver juntos.

Engraçado é que nunca ninguém perguntou a nós dois como tudo começou, aquela curiosidade sobre o início de relacionamento, quem procurou quem, o primeiro passo dado e essas bobearias românticas.

As pessoas viram o primeiro beijo na arena, criaram suas teorias, postaram e agora cada vez que falam sobre o casal da arena, aumentam ou acrescentam algo que nunca declaramos.

— Onde está Maldonado?

— Não sei.

— Cecília também sumiu.

— Devem de *tá* juntos.

Suas respostas são curtas e diretas, ele corta a manta^[48] sangrando em seu prato, enrugo o nariz com nojo e escuto um riso baixo do outro lado. Ergo os olhos e Edmundo presta a atenção em mim.

— Algum problema? — Viro o rosto na direção de Lucio, que tem um tom irritado.

— Nenhum, por que, peão? Você tem? — Edmundo solta o garfo sobre o prato e apoia os cotovelos na mesa, unindo as mãos embaixo do queixo.

— Pode ser que tenha, sim, e precise resolver.

— Lucio — chamo baixo e ele ignora.

— Quando quiser.

— Assim que eu terminar de encher o bucho.

— Te espero no estacionamento.

Minha cabeça parece um pingue-pongue seguindo o diálogo acalorado e rápido entre os dois e só quando escuto a palavra estacionamento é que desperto do meu torpor para interferir.

— Quê?... Olha!... Chega disso! Os dois — ralho e aponto o dedo de um para o outro.

Sou ignorada, obviamente, mas me mantenho firme no propósito de acalmar seja o que for que ambos estão inflamando com essa conversa descabida.

— Vocês não vão sujar a imagem do torneio dessa forma. Imagina o que meu pai vai dizer. — Aponto para Edmundo. — Imagina o que seu pai vai dizer.

— Pouco me importo.

— Pois, deveria se importar, peão. — Giro o tronco em sua direção. — Você é a estrela do torneio e bom comportamento influencia.

— Na opinião alheia. O boi não vai se importar se eu dei corretivo no prego. — Lucio gesticula com a faca em direção a Edmundo, que é inteligente para recuar no respaldo da cadeira.

— Prego? Eu sou o prego? — O homem ofendido ergue a voz com as sobrancelhas arqueadas e isso desperta a atenção das pessoas próximas.

— O que está acontecendo? — Cesar nos fita e todos nos calamos. — Algo que queiram compartilhar?

— Não. Nada de mais, pai. Só estamos discutindo onde fica a cachoeira mais próxima.

— O dono da pousada mencionou algo do tipo para um grupo de competidores. Podem tirar informação com ele.

— Claro, faremos isso. — Sorrio sem que alcance os olhos.

— Dá licença. — Lucio empurra o prato e se levanta.

— Também já terminei. — Edmundo fica de pé e se retira.

Meu pai, assim como eu, acompanha os dois caminhando para a saída da pousada, voltamos a nos encarar e um estalo me lembra o que aqueles dois malucos estão indo fazer e levanto de forma repentina.

— Licença. — Aceno para meu pai e alguns homens próximos e me mexo, atrapalhada, por onde os dois seguiram.

Ainda no topo da escada, logo que saí, procuro por cima dos carros estacionados os dois malucos, desço apressada e ergo-me na ponta dos pés, a cada dois segundos, para localizá-los.

Encontro os dois próximos da picafe de Lucio, ambos discutem de forma intensa, gesticulando com os braços, dou uma corrida até estar diante deles, que nem notam minha presença.

— Eu a conheço há anos, peão.

— Pouco me importa.

— Você não tem o direito de interferir na nossa amizade.

— Eu quero que a amizade de vocês se lasque. Mas no quarto dela *tu* não entra mais.

— Ela nem estava lá.

— Mas entrou depois de sair do meu e pelada.

— Isso deve ser mais culpa sua do que minha.

Lucio abre a boca para retrucar, mas percebe que Edmundo tem razão e se cala em seguida.

— A questão é por que *tu tava* no quarto dela.

Agora é a vez de Edmundo agir como um peixe sem ar, abrindo e fechando a boca, repetidas vezes.

— Ele está me ajudando em uma coisa — solto, com pesar, e ambos finalmente resolvem notar minha presença.

— Desembucha, *diacho*! — Lucio vira o corpo na minha direção, completamente atento.

Respiro fundo e começo a contar tudo, desde quando Cesar me obrigou a voltar da capital.

Só espero que o peão não crie um problema ainda maior quando souber das minhas suspeitas.



Capítulo 18

*“Loira casa comigo que você não passa fome
De dia cê come cobra, de noite a cobra te come”*

— Ednaldo Terra.

Babi

Cruzo os braços na altura do peito, uma atitude defensiva, já que Lucio não mencionou uma palavra, sequer piscou os olhos, enquanto eu discorria todos os possíveis podres do meu pai.

Lanço um olhar questionador para Edmundo, que dá de ombros e volta a atenção para o peão pensativo à nossa frente.

— Agora entendi por que seu pai fez questão de me trazer *pro* Brasil.

— Oi?

— *Uai*. Os *competidor* é tudo *bão*, potente, sou ganhador de dois prêmios de fora, qualquer tropeiro ia querer ter seus bois no torneio.

— Sim, faz sentido — Edmundo se pronuncia.

— Só não entendo por que ele faz questão de *nóis* dois juntos.

— Distração do público. E visibilidade.

— E dinheiro. — Lucio e eu encaramos Edmundo. — É verdade. Ele é milionário e seu pai sempre quis te casar com um.

Um silêncio impera entre nós três, observo Lucio, ansiosa, quero saber tudo que se passa na cabeça dele. Não deveria me importar, na realidade, mas ao que parece minha ansiedade crescente não entende isso.

— E o que vamos fazer, então? — Não perco a inclusão dele nos planos.

— Nada. Por enquanto — Edmundo declara.

— Precisamos entender o que está acontecendo. Aquele dossiê e o que Edmundo viu ontem, podem significar muita coisa.

— Tem razão, mas eu posso me informar. Tenho propriedade fora do país e pretendo comprar algo aqui. Usarei isso para me aproximar deles.

— Não!

— Sim!

Encaro Edmundo, que se pronuncia entusiasmado ao mesmo tempo que nego.

— De jeito nenhum. Isso pode ser perigoso demais e sinceramente não é da sua conta, peão.

— E *tu* pode *tá* envolvida? — Ele ergue as duas sobrancelhas.

— É meu pai.

— Lucio não levanta suspeita alguma, Babi. É mais fácil desconfiarem do meu interesse ou do seu, do que do dele. Vocês devem manter essa farsa, ou seja lá o que estiverem vivendo. Seu pai ficará mais receptivo ao imaginar que o peão tem intenções de permanecer aqui.

Solto o ar com pesar, não quero envolver o peão ainda mais na minha vida e não tenho intenção alguma de continuar “seja lá o que for” com ele.

— Oh, gente bonita! — Nós três torcemos o corpo na direção da voz animada, é Maldonado.

— Por onde *tu* se meteu? — Lucio grita.

— *Tava* por aí...

— E onde *tá* a Ceci?

— Ceci? — Ele atravessa a rua em uma corrida curta e logo está ao nosso lado. — Não sei dela desde ontem, na porteira do brete.

— *Cadê* a Ceci? — Encaro, alarmada, os outros dois homens.

— Eu *tava* com *tu*. — Lucio encolhe os ombros.

— E eu no teu quarto.

Afasto um passo e olho de um lado para o outro, como se fosse enxergar minha amiga em algum lugar, na espreita, aguardando quando daríamos falta dela.

— Precisamos encontrá-la. Lucio, você procura aqui fora. Edmundo, vai para os fundos, na área de lazer e, Maldonado... — encaro o homem que parece perdido —... *tu* já fez suficiente. — Torço os lábios e marcho em direção aos aposentos dela.

— Quem colocou *ela* no comando? — escuto Edmundo pronunciar, mas ignoro.

Subo as escadas, apressada, corro pelo corredor e quase caio na curva quando minhas botas deslizam com a velocidade, ao alcançar a porta

do quarto dela preciso apoiar ambas as mãos no batente e curvar levemente para recuperar o fôlego.

— Definitivamente, eu preciso voltar a fazer exercícios. — Apoio uma mão no peito e salto quando a porta é aberta.

Cecília enrugando as sobrancelhas, o rosto inchado de sono e uma cara espantada.

— Onde você se meteu? — Avanço sobre ela e abraço seu corpo, espremendo-a contra o meu. — Quase morri de preocupação.

— São quase três da tarde e só agora *tu deu* falta de mim? — Sua voz soa divertida, mas reconheço a nota de cobrança.

— Tive que lidar com coisas demais essa manhã e não acordei há muito tempo também. — Afasto, segurando seus ombros. — Por onde você andou?

— Aqui. Dormindo. — Ela aponta com o polegar para trás de si.

— Mas o Maldonado veio...

— Nem me fale daquele idiota.

— O que houve?

Ela termina de fechar a porta, seu cenho franzido e o rosto com uma carranca nada amigável.

— Ele não é o que imaginei, só isso. — Seus olhos marejam e me sinto péssima.

Acabo de perceber que minha amiga está lidando com uma desilusão amorosa, enquanto eu tive uma noite quente com o peão e não estava ao seu lado para consolá-la.

— Ah, amiga... eu...

— Não comece com “eu te avisei”. Já basta ter que encarar aquele idiota por todo o restante do torneio.

— *Tá*, não vou dizer nada, mas o que pretende fazer agora?

— Nada. Cada um segue seu caminho. Agora, me diz o que eu perdi.

— Muita coisa. — Arregalo os olhos e seguro seu punho, puxando-a para meu quarto. — Preciso te atualizar.

Entramos no meu quarto e eu tranco a porta, Ceci se joga na minha cama e ouve tudo sobre o que Edmundo descobriu, nossas desconfianças, minha noite tórrida e o troco da roupa escondida e, por fim, a discussão e inclusão de Lucio em nossos planos.

Solto meu corpo ao seu lado na cama, ficamos conversando sobre as possibilidades, quando ela questiona sobre meu envolvimento com o peão, desconverso, ela não insiste, acho que percebe minha falta de definições, afinal, nós não somos nada, mas estamos envolvidos em alguma coisa.



Cecília preferiu se manter reclusa no quarto por toda a tarde, pedi uma bandeja de comida para ela e outra com guloseimas, liguei a televisão e matamos o tempo com filmes melosos e românticos.

Nada apropriado para a situação que ambos vivemos, ela com um belo fora e eu... bem, eu nesta confusão maluca com um homem ainda mais maluco.

Perto do horário de sairmos, ela foi para seu quarto se trocar, aproveitei para tomar outro banho e colocar meu traje de despedida da etapa.

Hoje serão eliminados alguns dos concorrentes, terei que entrar na arena montada a cavalo, uma cena lamentável que meu adorado pai fez questão de colocar no ritual.

Saio do quarto vestida na minha calça preta que imita couro, uma camisa preta transparente e um top de couro preto por baixo. Meu chapéu e bota têm a cor vinho, uma escolha linda e elegante, até demais para um rodeio, mas sou a rainha, o destaque, pena que a faixa ridícula jogada sobre mim não seja mais discreta.

Bato à porta e entro, Ceci se vira, vestida em uma saia de couro branca com franjas que vão do meio da coxa até quase o pé. Uma blusa preta ajustada, botas e chapéu preto.

— Você está perfeita.

— Assim como você, rainha. — Rolo os olhos e ela ri abertamente.

— Pronta?

— Sim.

— Então vamos, garota. Temos alguns peões para deixar de queixo caído. — Ceci engancha seu braço no meu e saímos alegres pelo corredor.

Alguns passos à frente, Ceci estaca no lugar, o que me faz recuar desajeitada e lhe olhar intrigada.

— Você é uma boa pessoa, Babi.

— Ah... obrigada por isso. — Abro um riso convencido.

— É sério. Às vezes você faz questão de mostrar superioridade, é até arrogante, mas tem bom coração. Só não encontrou seu propósito ainda, mas isso não te torna alguém vazia.

— Eu...

— Não diga nada. Só precisava te fazer entender que tem um coração benevolente.

Antes que eu possa responder, sou arrastada por uma Ceci determinada, bem diferente da tristonha garota no quarto há pouco tempo.



Entro na arena com a ovação do público, dou a volta com o braço estendido em cumprimento, paro ao lado do locutor que me cumprimenta com um verso sobre loiras e morenas, como sempre, volta a atenção para o brete e anuncia os peões da noite.

Lucio lidera a marcha, imponente, seu traje hoje é todo preto, dos pés à cabeça, o que torna sua feição mais fechada, quase perigosa e o ribombar do meu peito se intensifica.

Não sei o que calças de franja, chapéu e camisa causam no meu sistema, isso nunca aconteceu antes, até claro, ele aparecer diante dos meus olhos.

Um a um todos são apresentados, o último é o meu peão, que tira o chapéu e acena para os dois lados, frente e costas, volta a colocá-lo na cabeça e apoia as mãos na fivela do cinto.

O locutor é interrompido em seu discurso com a voz da multidão em coro. A princípio, não entendo por que todos me encaram, inclusive Lucio,

então aguço minha audição e escuto o mantra.

“Beija ele... beija ele... beija ele...”

O som se torna cada vez mais alto, corro os olhos por toda a arquibancada, as pessoas começam a se levantar, os braços estirados acima da cabeça e as palmas batendo, enquanto abrem e fecham os membros.

— É com você, rainha — o locutor sussurra próximo de mim, longe do microfone.

Engulo em seco, parte de mim envergonhada, mas a outra ansiosa, e essa é a que mais me assusta. Não deveria querer tanto vivenciar essa encenação, parece que torna romântico algo que nunca será.

Sim, nós transamos, mais duas vezes, ele continua com a mesma pegada... Minto. A pegada dele melhorou demais nesses cinco anos, mesmo que fosse boa na época.

Só que esse envolvimento é só carnal e uma questão de ego. Tudo bem que agora ele é meu aliado na empreitada contra meu pai, mas não posso esquecer que nossa intimidade é um embate pessoal e nada mais.

O povo grita quando caminho vagarosa até a frente do peão e giro em sua direção. Tenho vontade de bater nele quando vejo estampado um riso vitorioso em seus lábios.

— Isso não quer dizer nada, peão. É publicidade.

— Mas é claro. — Ironia pura em seu tom.

— Não fique convencido. — Seguro seu rosto com as duas mãos.

— De jeito nenhum. — Ele lambe os lábios e automaticamente esqueço do que está em torno.

Meus olhos fixam em sua boca, aos poucos cerram e aproximo calidamente até que roço sua pele com suavidade. O coração dispara, minhas mãos esquentam, a respiração acelera e nossos lábios se espremem.

Sinto meus pés saírem do chão, chego a pensar que flutuo, mas é só as mãos do peão que me alçaram pela cintura e nos girou no lugar.

Sua língua busca a minha com vigor, quase sou levada pelo momento, mas ele parece atento o suficiente para me devolver ao solo e encerrar o beijo.

Volto a escutar os gritos, palmas e todo o alvoroço ao redor, sorrimos cúmplices, finalmente me afasto e antes que volte para meu lugar,

Lucio segura minha mão e puxa meu corpo para junto do seu.

— E o casal da arena nos presenteia com mais um momento romântico, mas agora chegou a hora! Quem continua e quem sai! Vai começar a montaria! — O locutor estica o final do discurso e uma música explode nos alto-falantes indicando nossa deixa para liberar a arena.

— Torce por mim, loira — Lucio sussurra, assim que saímos para os bretes.

— Você não precisa, está em primeiro lugar na competição.

— Mas quero manter a colocação e cair do boi nunca é glorioso.

— Sempre quer vencer, peão? — questiono, de forma engraçada.

— Perder é que não. Sempre estive de olho no prêmio mais alto, loira.

— Pelo dinheiro?

— Não. Pela satisfação.

— Boa sorte, então...

Quando tento me afastar, sou puxada e trombo em seu peitoral firme, aquele cheiro, já familiar, invade minhas narinas e passo a agir por meu corpo. Agarro seus ombros, puxando-o para outro beijo, bem mais escandaloso que o dado na arena, só nos soltamos quando o ar acaba e ele precisa se preparar para montar.

Como pedido por ele, eu torço, com Ceci ao meu lado, seus dedos sendo esmagados pelos meus, os olhos apertados e a respiração presa, até ouvir a bendita sirene e vê-lo saltar do animal.

Para manter o costume, o peão atrevido atravessa a arena, escala a grade e rouba um beijo rápido de mim.

Acho que estou me acostumando demais com toda essa encenação.



Capítulo 19

*“A mulher toca o peão,
o peão toca a boiada,
a boiada toca o rodeio
dessa gente apaixonada.”*
— *Sidonio*

Lucio

O caminho de volta para a fazenda foi torturante, já que a loira optou por voltar no carro do amiguinho, aquele prego, alegou que tinham que conversar, para continuar a investigação.

Diacho! Eu também tô nessa e não fui incluído na conversa!

Quando a vi descer a escadaria com a mala, não perdi tempo, corri até o quarto, juntei minhas tralhas, passei no quarto do Maldonado, o acordei no susto e, em menos de quinze minutos, demos baixa na hospedaria.

A desaforada nem se despediu de mim, logo que entrei na picape vi o carro do prego passar com ela no carona e Ceci no banco detrás. Engatei a marcha ré, fiz a curva com pressa, Maldonado protestando por quase ser jogado para fora da janela, e segui no encalço deles.

Para ajudar na minha miséria, ontem, depois de beijá-la na arena, não a encontrei mais. A mulher simplesmente virou fumaça no meio do rodeio, não apareceu na quermesse, a amiga não sabia dela e quando voltei para a pousada fui até sua porta, bati, testei a maçaneta e nada.

Entreí no meu quarto, bravo, não entendia seus motivos, estava tudo caminhando tão bem, ela parecia ceder a cada contato, mais acostumada com tudo que estava acontecendo entre a gente. Apesar de não ter uma definição concreta, é óbvio que estamos envolvidos, nenhum de nós pode negar essa atração maluca.

Praticamente amanheci na porta dela e a onça não abriu nem a fresta, ficou lá trancada, tenho certeza, quando desisti e fui tomar meu café a vi passar com a mala e sair.

— Aonde *tu* vai? — Corri até ela.

— Ah... oi. Já estamos voltando. Preciso investigar as informações que temos e Edmundo vai me ajudar.

— Pensei que voltaria comigo. — Entorto a cabeça de lado, fitando-a com atenção.

— Não posso. Preciso ganhar tempo.

E ela simplesmente virou as costas e partiu. Sem um sorriso, abraço, um toque, nada, absolutamente nada.

Faz algumas horas que estou aguentando a voz de taquara rachada^[49] do meu amigo, que resolveu colocar todos as músicas que fazem meu peito se apertar e os questionamentos sobre a dona onça aumentarem.

♪ “*Vivo inventando paixões pra fugir da saudade*
Mas depois da cama a realidade
É só sua ausência doendo demais
Dá um vazio no peito, uma coisa ruim
O meu corpo querendo seu corpo em mim
Vou sobrevivendo num mundo sem paz”^[50] ♪

Tenho certeza de que é provocação pura da sua parte, vejo em minha visão periférica ele torcer o lábio e me encarar descaradamente em determinados trechos.

— *Uai*. — Maldonado endireita o corpo no assento quando desligo o som.

— Chega de música. *Tô* com dor de cabeça.

— *Tá* é com dor de cotovelo, isso sim.

— Do que *tá* falando? — Aumento meu tom na defensiva.

— Tua *muié tá* no carona de outro.

— Ela não é minha — respondo, a contragosto, e apoio o braço esquerdo na janela.

— Então, *vambora pro bar*... Como é o nome mesmo? — Ele coça o queixo. — Pau Dentro! Isso!

— *Tu* não cansa, não, *caboco*? — Torço o pescoço em sua direção.

— Cansa de quê?

— Dessas festanças! Pegando uma *muié* cada hora. Sem rumo, sem direção.

— *Eita!* Claro que não. Que papo é esse, Lucio? — Maldonado apruma mais o corpo e seu rosto forma uma carranca.

— Achei que *tu tava* se entendendo com a morena. — Dou de ombros e volto a atenção na estrada.

— Até *tava*, mas ela quer exclusividade e isso não posso oferecer.

— Por quê?

— Porque eu não quero. Gosto da Ceci, ela é alegre e divertida, mas não faz meu coração bater daquele jeito que parece que o *caboco* vai morrer, entende?

Aceno uma vez com a cabeça, sei muito bem qual é a sensação, já vivenciei no passado e não tive um bom resultado. Achei que a experiência me tornaria imune, e funcionou, até agora.

Encaro o jipe a uns metros em frente, o acelero no peito aumenta, quase rio ao me lembrar da descrição que Maldonado acabou de fazer, mas me seguro, ainda não estou pronto para revelar que estou abatido.

Nunca imaginei que sentiria isso de novo, é diferente da primeira vez, com a Rita eu sentia a necessidade de conquista, como se ela fosse inalcançável, algo que acontecia muito mais nos meus sonhos do que na realidade.

Já a loira, desde que botei meus olhos nela, cinco anos depois daquela noite maluca na estrada, algo dentro do meu peito despertou. Uma fígada incômoda, ritmando e apertando toda vez que penso nela.

É tanta coisa martelando aqui dentro, que não sei colocar em palavras, sequer organizar os pensamentos, mas sinto-me doido para tê-la em meus braços, provocar sua boca afiada, testar seus limites, ver aquele fogaréu todo perpassar por seus olhos cada vez que faço uma graça.

— Te entendo. — Aceno uma vez com a cabeça.

Não havia necessidade de resposta, era uma pergunta retórica, mas depois de pensar por um tempo, soltei a conclusão alto demais.

Cheguei e paramos direto próximo do alojamento, alguns dos peões, que foram desclassificados nesta etapa, arrumam as malas, nos encontramos nos corredores, cumprimentos, lamentações e palavras de incentivo.

Maldonado aparece com uma viola, puxa o *modão* e logo estamos cantando e rindo das piadas entremeadas na letra.

Fui para o quarto, tomei um banho, coloquei meu traje preto, inteiro, chapéu, camiseta, calça e botas. Munido com a chave da picape marcho direto pela estrada que leva ao casarão principal.

Diante da grande porta de madeira maciça, toda entalhada e adornada com desenhos geométricos, toco a campainha na lateral e logo uma empregada me atende.

Uma senhora, não tão velha, mas tem o suficiente para me fazer tirar o chapéu e acenar com a cabeça.

— Tu aqui, desta vez veio pela porta da frente, ao menos. — Ela encolhe um ombro.

Chego a pensar que era um gracejo da sua parte, mas a seriedade em seu semblante só mostra que sua fala tem mais a ver com a sinceridade extrema que carrega do que qualquer outra coisa.

— Boa noite. Eu posso ter uma palavrinha com a Barbara?

— Quem *tá* aí, Dolores? — Ouço a voz de Cesar um pouco distante.

— O peão. — Ela espreme os lábios, descontente, só não sei se por mim ou por responder ao patrão.

— Lucio? — Cesar surge à porta. — Que surpresa! Queira entrar, faz o favor. — Ele abre espaço para mim. — Chama a Babi. — Acena para a senhora.

— Vou ver se ela pode atender — a mulher responde, com descaso.

— Claro que ela pode. Não diga bobagens. — Cesar abana a mão em sinal de dispensa. — Empregados. Não são mais tão bons como antigamente. — Ele sorri apertado e lidera o caminho para outro cômodo.

Saímos de um salão na entrada, que só tinha uma mesa redonda com um grande vaso sobre ela, já esta, é cheia de sofás, quadros e tapetes. Não tem nem televisão.

Uai! Pra que tanto sofá, então?

— Então... você e minha filha estão se dando bem? — Cesar aponta para uma poltrona em frente ao sofá que ele ocupou.

— Sim. Sua filha é uma boa pessoa — respondo, ainda sem jeito.

— Minha princesa é um diamante. Fico muito preocupado com o futuro dela.

— *Uai*. Por quê?

— Ela precisa de um marido, alguém que cuide dela e suas necessidades. Mulher é um bicho caro, meu rapaz. — Ele ri e eu ergo uma

sobrancelha.

— Acho que ela é capaz de se cuidar sozinha, só precisa de um incentivo.

— Claro. Claro. Barbara é inteligente, com certeza, mas ainda precisa de um marido de fibra, que a ajude a cuidar disso tudo quando eu me for.

— O senhor ainda é jovem, tem muito o que viver. E acho que sua filha é perfeitamente capaz de cuidar disso, caso o senhor falte, é só uma questão de oportunidade.

— Barbara entende de roupas, joias e sapatos caros, meu amigo. Se pretende ficar com ela, precisa entender isso. — O homem recosta no sofá e apoia ambos os braços no encosto.

— Acho que entendo — opto por concordar, para não esticar o assunto.

O homem realmente não enxerga a filha, a trata como uma fútil sem qualquer capacidade, de fato ela é um tanto leviana com a vida, mas talvez seja pela falta de incentivo dele mesmo.

— O que faz aqui? — Escuto sua voz rosnar atrás de mim.

— Isso é jeito de falar com Lucio, filha? — Cesar se levanta, assim como eu. — Vou deixá-los à vontade.

— Boa noite, loira. — Aceno em cumprimento.

— O que quer aqui, Lucio?

— Te convidar *pra* sair.

— *Tá* doido, peão? Nossa pequena encenação se limita à arena.

— Ah, isso eu sei, loira. O que a gente faz fora de lá é que não tem fingimento.

— *Tô* cansada. Não vou sair.

— Só uma volta e prometo que te entrego inteira. — Torno a colocar meu chapéu na cabeça. — Tenho certeza de que isso vai convencer ainda mais teu pai. — Sinalizo com a cabeça na direção que o homem foi.

— *Tá*. Mas a Ceci vai com a gente.

— *Tô* de picafe.

— Vamos no carro do meu pai. — Ela dá de ombros.

Meia hora depois, chegamos em frente ao bar Pau Dentro, não consigo esconder o riso ao observar o letreiro. Só gostaria de saber o que leva uma pessoa a chegar em um nome desses.

Babi recusa minha mão quando caminhamos para dentro do estabelecimento, solto um riso baixo, sua intenção de mostrar que isso não é um encontro chega a ser engraçado.

— Vou ao banheiro — Ceci declara, assim que paramos próximo ao balcão.

— O que vai beber?

— Água.

— Tá com medo de perder o controle, loira? — Não resisto a provocação, é mais forte do que eu.

— Não tenho medo de nada, peão.

Ergo a mão para o atendente, peço uma água e duas cervejas, tenho certeza de que a amiga vai querer bicar.

— Alguma novidade na sua investigação?

— Ainda não. Você falou algo com meu pai? — Pela primeira vez, desde que paramos, ela me encara.

— Não. Preciso testar terreno, não posso chegar questionando tudo.

— Sim. Cesar é uma raposa velha.

— Vocês nunca se deram bem?

Suas sobrancelhas enrugam, parece ponderar a pergunta, abre a boca e penso que vai responder, mas ela solta uma lufada de ar, cansada.

— Antes da minha mãe morrer, talvez. Não lembro muita coisa. Depois disso fui para um colégio interno e só vinha para casa nas férias escolares.

— Foi assim que conheceu Cecília e o prego?

— Sim. Por que tem que chamar ele desse jeito?

Dou de ombros, levo minha garrafa até a boca e tomo um gole generoso. Não preciso responder essa pergunta, é óbvio o motivo de eu não gostar daquele abusado perto dela.

Mãos demais, sorrisos demais e intimidade demais.

— O que pretende fazer, caso descubra alguma coisa?

— Denunciar.

— Uma vingança?

— Não. Alguém precisa mostrar ao Cesar o que significa a palavra limite, se sou eu quem o fará... — ela encolhe os ombros —... que seja.

— *Tá* pronta para assumir a fazenda, caso aconteça o pior?

— Sou formada em Administração, tenho noção de como funcionam as coisas. É uma questão de adaptação.

— Você é admirável. — Meus olhos estão hipnotizados em seu semblante.

Ela tomba a cabeça para o lado, sutil, quase nada, sua sobrancelha enruga parcialmente e sei que ela espera por uma explicação mais completa para o meu elogio.

— Quem te conhece a primeiro momento, pensa que *tu* não passa de uma dondoca.

— Não posso discordar. Eu sou. — Ela torce os lábios, escondendo um sorriso.

— Mas é muito mais que isso. Você é forte, valente, inteligente, mas se esconde de todos atrás de uma imagem que te blinda.

— Uau. O peão virou psicólogo. — Ela ajeita o cabelo de lado, em um gesto nervoso.

— Não. Mas eu enxergo você, loira. — Projeto o tronco para frente, próximo o suficiente para sentir seu ofegar. — Eu vejo tudo por trás dessa muralha que você ergueu. Então, para de tentar se esconder, eu já entrei e não pretendo sair mais.

Minhas mãos passam por sua cintura, a pele à mostra me permite sentir seu calor e o fogo se alastrando pelo contato. Colo nossos corpos com a mão espalmada em sua lombar, passo meu nariz no seu, resvalando, seus olhos que pareciam hipnotizados cerram e seus desejos começam a tomar sua razão.

Baixo a cabeça e minha boca cobre a sua, pedindo passagem imediata.

Essa onça vai entender de uma vez por todas o quanto nós combinamos juntos.



Capítulo 20

*“Loira vem ser a azeitona da minha empada,
Casando comigo você nunca vai pegar na enxada,
Mas vai ter que fazer amor de manhã até de madrugada.”*
— *Sidonio*

Babi

O que esse peão está fazendo comigo?

Na última noite de arena, jurei que ficaria afastada, não daria brecha para ele pensar coisa que não deve, afinal, não somos nada e nunca seremos.

Assim que este torneio acabar, ele volta para os Estados Unidos e eu sigo com minha vida, ainda sem um norte, mas encontrarei um propósito.

Tive sucesso em evitá-lo na volta para Águas Claras, precisei lidar com o efeito colateral das gracinhas de Edmundo que fez questão de me provocar por todo o percurso.

Segundo ele, estou apaixonada e não me dei conta ainda, mas que quando a ficha cair, vai ser lindo de ver minha redenção.

Já Ceci, que está em uma fase amargurada pelo término repentino com Maldonado, só discursou sobre homens não prestarem e peões serem piores ainda.

Quando Dolores entrou no meu quarto, com aquele ar superior de alguém que guarda a verdade da vida e não entrega a ninguém, anunciando a visita, quase caí da cama.

Ceci e eu tínhamos acabado de tomar banho e conversávamos sobre as próximas etapas do nosso plano para desmascarar Cesar, fiquei obcecada com o assunto, afinal, é a única coisa capaz de desviar minha atenção da tentação de chapéu.

Desci, determinada a expulsar o peão daqui, mas bastou meia dúzia de palavras, aquele tom calmo, que soa paciente e cúmplice e seu olhar apaziguador, joguei todos os argumentos para longe e aceitei seu convite.

Poderia justificar que sua desculpa esfarrapada me convenceu a vir, mas não foi. Eu queria estar perto dele, queria sentir seu olhar quente me medindo quando finjo não perceber, ouvir suas provocações e pensar em milhões de respostas à altura, mas principalmente, precisava sentir seu interesse pela Barbara.

Quando seus lábios tocam os meus, logo após o seu discurso, só posso me permitir. O beijo envolvente, aquela pele macia, lábios firmes e a

língua convidativa, me enredando a cada passada, em todo enlace, me transportando para um mundo paralelo, onde só nós dois existimos.

Minhas mãos apertam sua nuca, o puxando para mais próximo, ele firma as palmas na minha cintura e nos gira no lugar, até que eu esteja encostada no balcão e sua perna enfiada no vão das minhas.

— *Eita, lasqueira!* — Ouço a voz de Ceci próxima e alta o suficiente para interromper nosso momento.

Encerramos o beijo, limpo o canto da boca em um gesto constrangido, solto um riso sem graça em direção à minha amiga, que me encara com um olhar afiado e provocador.

— Peguei *pra tu*. — Lucio estende o braço em direção a ela, com a garrafa de cerveja.

Ele não saiu da posição, uma das mãos continuam apoiadas, possessivamente, em minha cintura e eu ainda permaneço entre o balcão e ele.

— Obrigada, peão. — Ela ergue a garrafa em cumprimento e sorve da bebida. — Então vocês assumiram o relacionamento? O casal da arena está junto?

— O quê? — Arregalo os olhos. — Não! Claro que não.

Lucio tinha um semblante divertido, até ouvir minha negativa. Ele se afasta e encosta no balcão ao meu lado.

— Não sei por que não. Vocês combinam e estão se pegando, mesmo. — Ela sacoleja o ombro. — Além do mais, é ótimo seu pai ver Lucio como um possível genro.

— Você endoideceu.

— Qual o problema? — Lucio questiona.

Encaro sua figura que continua fitando o ambiente, parecia disperso em pensamentos, mas a mandíbula apertada e o tom cortante mostram que estava tão atento à conversa quanto eu.

— Isso tudo é encenação e você sabe disso, peão.

— Minha língua na tua boca não *tava* de fingimento.

Seus olhos encaram os meus pelo que parece um longo tempo, então ele segura uma das minhas mãos e me puxa em direção ao pequeno espaço de dança.

— O que *tá* fazendo?

— Dançando. *Uai*.

Sua mão esquerda espalma na minha lombar, a outra segura minha palma e seu corpo se arrocha ao meu. As batidas lentas começam e ele ameaça passos sem sair do lugar, só sentindo o toque, quando a introdução passa giramos e ele começa a se mexer para valer.

O peão dança, muito bem, da outra vez que tive a oportunidade a melodia era lenta, não tinha como executar passos abertos, mas agora me sinto uma dançarina de comitiva.

Sou girada de um lado, puxada de outro, as mãos vão para o alto da cabeça, ele gira, solta e pega as palmas de novo, gruda seu corpo ao meu, agora com uma mão na minha bunda e a outro segura meu braço junto ao seu quadril.

— 🎵 “Investe em mim aposta tudo em mim... Eu prometo te fazer feliz... Eu prometo te fazer feliz...”^[5] 🎵 — Sua voz sai melodiosa, próximo ao meu ouvido, um arrepio percorre minha pele.

Além de dançar bem, o peão canta com harmonia, a voz é gostosa de ouvir, sou embalada nos passos e canto, perdida em pensamentos, até dar vida a eles e buscar sua boca ao girar o pescoço em sua direção.

Lucio pinça seus lábios nos meus, um sorriso convencido desponta, recuo para provocar, mas ele é mais rápido e avança com o pescoço, capturando minha boca na sua.

Provocação pura que só faz meu coração saltar ainda mais dentro do peito, da mesma forma que aconteceu no rodeio ontem, tem sucedido a cada contato nosso e também há cinco anos.

Não sei que tipo de feitiço esse homem tem no tato, no paladar, mas bastou um pequeno contato e me vejo perdida em suas mãos, só ansiando por qual caminho libertino iremos desta vez.

Quando a música termina, voltamos para perto de Ceci, que conversa animada com Edmundo. Sorrio, contente em vê-lo, mas o peão ao meu lado não aprecia a companhia, ouço um rosnado acompanhado de um aperto na minha mão.

— Olá, casal da arena — ele cumprimenta, primeiro Lucio, depois a mim.

— Para de graça. Conseguiu mais alguma coisa?

— Sim. Consegui o backup que pediu.

— Maravilha. Me dá.

— Ei, disfarça. — Edmundo olha para os lados. — Todo cuidado é pouco.

— Alguma coisa interessante? — Lucio se pronuncia.

— Contabilidade que não bate.

— Achamos que nossos pais estão endividados e tramando algo com o torneio para ganhar dinheiro.

— Ou visibilidade — Lucio declara.

— Com os animais? — Edmundo questiona e o peão acena a cabeça.

— Por isso, querem boicotar a tropa do norte? Para ganhar espaço lá? — Cecília menciona baixo.

Estamos fechamos em um círculo, parecemos espiões trocando informações sigilosas.

— Pode ser. Vou assuntar um pessoal que conheço daquela região e saber como está o mercado por lá — Lucio informa.

— Precisa ter cuidado para que ninguém desconfie — alerta.

— Não se preocupe. Sou um peão rico, querendo investir em terras e boi. Ninguém vai desconfiar de nada.

— Ótimo! A próxima competição acontece em quatro dias, até lá teremos que ter destrinchado o que temos em mãos. — Edmundo bate as palmas. — Agora eu vou dançar e aproveitar minha noite. — Ele gruda na mão de Ceci e sai arrastando-a para o salão.

— Ele é sempre assim? — Lucio ergue o queixo na direção do casal.

— Sim. Edmundo sempre foi o mais animado de nós três.

— E vocês já ficaram juntos?

Ergo ambas as sobrancelhas e torço o pescoço na direção do peão, seu olhar curioso crava no meu, consigo perceber um toque de possessividade, ou ciúme, em sua íris.

— Não, peão. Talvez... — Levo o dedo indicador até os lábios, fingindo ponderar.

— Talvez? — Ele coloca pressão nos dedos que descansam no meu quadril.

— Um beijo na adolescência.

— Seu primeiro beijo?

— Não.

— Que bom.

Quando penso em questionar o porquê, seus lábios buscam os meus e qualquer conversa fica esquecida em meio ao seu toque afoito e urgente.

Um par de horas mais tarde voltamos para casa, Ceci levemente embriagada, fazendo piadas sem graça, mas que roubam risos meus e de Lucio. Quando ele estaciona o carro na garagem, ela é a primeira a descer.

— Vou dormir — anuncia e eu abro a porta para sair. — Não! — Ela bate de volta, fechando. — *Tu* vai aproveitar sua noite com o peão bonito.

— Ceci, você bebeu além da conta. Vamos entrar e...

— Não! Você viveu a vida toda com medo de se entregar, amiga. Nem o Gui conseguiu te sacudir como esse peão faz. — Vejo que ela fica na ponta dos pés para enxergar Lucio.

— Ceci... — insisto, na tentativa de conter a língua solta da minha amiga.

— Aproveita a vida, amiga! Vai ser feliz!

Ela ergue os dois braços acima da cabeça e recua alguns passos até se virar e marchar para dentro pela porta de acesso.

— Eu...

— *Vamo* sair daqui? — Lucio pergunta, rápido, e ainda sem olhá-lo, sacudo a cabeça em afirmação.

Ele dá partida e logo passamos pela estrada, rumamos além do estabulo, da arena e o pomar, quando chegamos próximo ao riacho, ele estaciona e desliga o motor.

— Acho que temos algum fetiche por carros — brinco.

— Acho que sim. — Lucio aciona uma alavanca na lateral do banco e ele afasta rapidamente para trás.

— O que acontece agora, peão? — Encaro sua feição, a luz do luar é a única iluminação que temos.

— O que *tu* quiser, loira. Do jeito que *tu* quiser.

Levo minha perna transpassando sobre ele e me sento em seu colo, movendo meu quadril para frente e para trás, me ajeitando.

— Então, acho que quero cavalgar, peão. — Sorrio sacana e Lucio espelha meu gesto.

— Se segura, loira, porque isso vai durar muito mais do que oito segundos.

Ele avança com o tronco quando gruda as mãos na minha bunda, que pressiona e fricciona de uma forma tortuosamente deliciosa. Nossas bocas se encontram e a partir daqui estamos perdidos, ditados pelo desejo e a ânsia de nos conectarmos como animais no cio.

Não sei bem como, mas logo pulo para o banco de trás, tiro a calça, a blusa já voou para alguma parte do carro. Lucio termina de tirar a calça por uma das pernas e pula para trás, se encaixando no meio das minhas pernas.

Ofego ao sentir seu pau firme cutucar minha entrada, ergo os quadris ao buscar por mais contato, mas ele recua, sutil, admirando meu rosto. Seus dedos escorregam pela minha bochecha, percorrem até meus lábios e o suave resvalar pinica minha pele.

— Você é incrível — Sua voz está rouca, afetada pelo tesão.

— E você não é de se jogar fora — provoco, com uma bela mentira.

O homem parece esculpido por Deus, ou o diabo, ainda tenho minhas dúvidas. Braços fortes sustentando o corpo, um peitoril e abdômen inteiramente definidos, sem exageros, mas delimitado em cada músculo relevante, um vinco marcante próximo a virilha e um par de coxas que devem ser maiores que as minhas.

Não quero nem me lembrar do pau, grande e grosso, com veias protuberantes e uma glândula rosada e brilhosa, que me faz salivar e engolir com desejo de abocanhá-lo.

— Teu corpo me enlouquece, seu rosto me encanta e seu humor... ahhh... esse me atira. *Tu* é o conjunto perfeito, dona onça.

— Dona onça?

— Sim. Arisca, perigosa, letal e difícil de domar.

Ergo as sobrancelhas em questionamento, mas o peão opta por cobrir meu corpo com o seu e nos levar para um mundo só nosso. Não sei se o comentário foi um elogio ou uma ofensa, mas neste momento isso pouco importa e é provável que amanhã eu nem me lembre.

A única recordação que vai permanecer, são das suas mãos venerando meu corpo, os apertões para conter seu desespero, sua boca castigando a minha e seu pau, preenchendo meu canal com fervor.

É provável que fique dolorida, mas a cada protesto físico, a memória vai se lembrar desse acelero que sinto agora, da necessidade de ser consumida, do desespero por mais e, também, o medo de que isso acabe de uma hora para outra.

O céu começa a clarear, o escuro dando lugar para um tom arroxado e logo a claridade avançará sobre nós. Acordo Lucio, que dormia desajeitado sob mim, desta vez voltamos para o casarão vestidos e sem qualquer constrangimento.

Estamos calmos, tranquilos, como se tudo estivesse encaixado no universo.

No fundo, eu sinto aquele espezinhar do medo, que algo acontecerá em breve, relevo, isso provavelmente é só minha mania de nunca arriscar.

Ceci está certa, preciso viver. De verdade.



Capítulo 21

*“Coisa boa é ter, uma namorada,
uma caminhonete turbinada,
vinte mil boi gordo na invernada
e fazer amor de madrugada.”*
— *Sidonio.*

Babi

Chego à arena, faço meu papel como rainha do circuito, desfilo na minha égua, tiro fotos com várias pessoas e ocupo meu lugar no palanque junto à comissão organizadora.

A fama do casal da arena se alastrou e, como meu pai disse, as pessoas estavam lá para acompanhar o rodeio, mas em especial para ver o *cowboy* vir até mim no final de cada prova e roubar um beijo.

Minhas redes sociais crescem em milhares de seguidores, todos marcando a mim e o peão como o casal da arena ou na pegada do *cowboy*. Diversas fotos nossas de publicidade, outras tantas amadoras, filmado ou capturado o momento em que ele me beija.

Depois daquela noite em frente ao riacho, Lucio e eu demos uma trégua nas provocações, ou evoluímos como pessoas, pois ele passou a me tratar como sua garota e eu me comportei com menos provocações.

Parece que encontramos um equilíbrio entre nossos temperamentos, a citação das redes não poderia ser mais verdadeira, estou presa na pegada do *cowboy* e não sinto a menor vontade de me afastar.

Claro que por dentro repito em mantra que é temporário e logo ele irá para o exterior, mas enquanto isso não acontece, não vejo motivos para me privar em desfrutar daquele corpo maravilhoso com pegada quente.

Por outro lado, faz duas semanas que investigamos os documentos encontrados no escritório do pai de Edmundo. Precisamos agir com cautela, já que Cesar tem se mantido focado no meu relacionamento, por assim dizer, com Lucio.

Convidou o peão para jantar conosco várias vezes, nessas duas semanas, propositalmente deixo os dois conversando sozinhos, já que Lucio se dispôs a colher informações que se encaixem nesse quebra-cabeça.

— Seu peão mandou um beijo. — Ceci se aproxima da grade.

— Recado recebido. — Toco a aba do chapéu com gracejo e minha amiga faz aquela cara de tédio. — O que foi?

— Você mergulhada em um romance conhecido e adorado por todos e eu aqui, sozinha. Tô com inveja.

Solto uma gargalhada e passo a mão sobre seu ombro.

— Ele vai embora em pouco tempo, amiga. Isso tudo é cena.

— Mas eu vejo o olhar de vocês. Chega a sair faíscas.

— É só tesão — sussurro, próximo ao seu ouvido.

— Espero que isso não seja só mais um discurso vazio seu, dona Babi. Porque a realidade depois pode ser ainda pior.

Espremo os lábios juntos, preciso conter as justificativas que uso para mim mesma quando penso no futuro.

As montarias são anunciadas e sou salva pelo locutor, conforme o cronograma, segue primeiro as provas em cavalo e, por último, em touro. Observo a saída dos bretes e logo avisto Lucio, usando uma camisa vermelha e todo traiado.

— *Tá* até suspirando — Ceci provoca e eu acerto meu cotovelo no braço dela.

Ergo a mão e aceno quando ele para os olhos em mim, suas mãos me cumprimentam também, continuamos conectados, até que Maldonado chama sua atenção para outra coisa.

— E você e o Maldonado?

— O que tem?

— Não se resolveram?

— Não. O problema não é nem saber que tem um fim previsto, amiga, mas ele quer pegar o máximo de mulheres possível no tempo que estiver no Brasil, e eu não vou bancar o estepe.

— Tem toda razão.

— Não temos um compromisso, mas não vou aceitar ficar com ele aqui e na porta do brete ele estar com os beijos em outra.

— E o Edmundo?

— O que tem ele? — Ceci empertiga o corpo e seus olhos parecem saltar da face.

— Onde ele está? — Olho de um lado para o outro.

— E por que eu deveria saber? Não ando grudada nele — Cecília praticamente me ataca e isso me confunde.

— Vocês vieram juntos, não foi?

— Uma carona. Nada de mais. Isso não significa que vamos ficar grudados feito cola por aí.

— Ok... — cantarolo e ergo as mãos para o alto. — Já entendi. Você não sabe dele e não quer saber. Tudo bem.

— Achei você! — Ceci e eu saltamos no lugar com um Edmundo esbaforido ao nosso lado. — Vem comigo.

— O quê? *Pra* onde? — questiono.

— Preciso mostrar uma coisa *pra* você.

— *Tá*. Vem, Ceci. — Aceno para ela.

— É melhor não.

— Vem logo, garota. Você *tá* nessa comigo. — Puxo seu braço e saímos do palanque.

Quando chegamos ao lugar que Edmundo nos levou, entendo sua falta de ar. Tivemos que dar a volta por fora dos bretes, onde os animais são alojados, passar entre caminhões, afundar o pé na lama — nem vou lembrar essa parte — até pararmos atrás de uma caminhonete.

— O que tem aqui, de tão importante?

— Olha. — Edmundo aponta para um cercado.

— São touros. E daí? — Ceci dá voz ao meu questionamento.

— São os touros do tropeiro do norte. Aqueles das fotos.

— E... — Abano com a mão.

— E que eles deveriam estar no brete para a competição — Ceci explica, tomando à frente.

Encaro dela para Edmundo, que concorda com a cabeça e nós três voltamos a fitar os animais.

— Eles não vão competir hoje?

— Acho que serão substituídos — Edmundo explica — Por animais idênticos, porém, menos potentes.

— Isso é fantasioso demais.

— Também acho — Ceci concorda.

— Vamos voltar para o palanque e observar o anúncio do locutor, então.

— Como o dono não vai perceber? Ele está assistindo.

— De longe, fica difícil, mas com empregados corruptos, tudo é possível. Principalmente se os animais estão marcados com o símbolo da tropa — Edmundo esclarece o esquema e tudo começa a fazer mais sentido.

— Isso é baixo demais, até para o meu pai.

— Seu pai é perfeitamente capaz disso e você sabe, amiga.

— Tem razão. — Bato os braços na lateral do corpo. — Preciso voltar, irão dar falta de mim e tem o Lucio também.

— Ah, ela precisa ganhar a *bitoca* no final da montaria — Edmundo faz um bico e solta sons de beijos estalados.

— Cala a boca. — Acerto seu ombro. — Fica aqui de olho, Ceci, você vai para o brete e fica de olho nos animais, e eu vou para o palanque.

— E o que faremos?

— Filmar, fotografar, registre tudo que possa ser uma prova futura.

Volto o caminho, apressada, Cecília e eu nos despedimos próximo ao brete dos peões, então subo o palanque, dando de cara com meu pai no topo da escada.

— Onde estava? — Seu olhar afiado encara por cima do meu ombro.

— Fui ao banheiro.

— Vá para a grade, o seu peão é o próximo.

— Fico comovida como o senhor gosta de incentivar meu relacionamento, papai — respondo, com desdém, e ele grunhi algo incompreensível.

— Anda logo, Barbara. Você sabe que é isso que as pessoas querem.

— Tem razão, papai. Precisamos manter todos atentos a nós. Não é mesmo? — Sarcasmo escorre das minhas palavras.

Cesar estreita os olhos, procurando o real significado das minhas palavras, opto por contornar seu corpo e cumprir o que pediu, assim amenizo suas possíveis especulações.

Anunciam a montaria de Lucio, o touro sorteado para ele é da tropa do norte, sinto algo se apertar no meu peito em preocupação.

E se o bicho for mais feroz que o verdadeiro? Se o machucar? Mas não faz sentido, o animal precisa ser mais fraco.

— Foca, Barbara — sussurro baixo e agarro o metal à minha frente.

Despachei Ceci para o brete e perdi meu apoio. Agora terei que ficar de olhos abertos, atenta, nervosa e sem as mãos dela para esmagar.

Vejo Lucio se preparar, falar algo com Maldonado e em seguida sinaliza para o juiz, que abre a porteira. O animal salta para fora, salta mais uma vez adiante e simplesmente para.

Meu coração, que batia feito galope no peito, se ameniza, minhas sobrancelhas enrugam, o peão salta do boi e ergue a mão.

— *Negou pulo* — o locutor lamenta. — Vamos ver o que o jure determina para nosso peão favorito da competição.

A arquibancada fica em suspense, vejo Lucio caminhar até o brete, escala as barras e monta na grade, conversa com Maldonado gesticulando e a feição de ambos não parece amistosa.

— Eu vou ver o que está acontecendo — escuto um homem bradar quase ao meu lado.

Giro o corpo em direção à discussão que se forma, o dono da tropa, meu pai e, claro, o prefeito de Santino. Aproximo da pequena discussão, ambos querem impedir o homem de ir até os bretes, mas ele parece resolutos em verificar o que aconteceu.

— Saia da minha frente agora — o homem brada alto, o suficiente para chamar a atenção de mais pessoas em volta.

— Com licença, senhor, me acompanhe, por favor.

— Barbara!

— Pai. Ele quer averiguar o que aconteceu com o animal, deixe-o ir.

Sem argumento para revidar ambos, Cesar e o prefeito, se afastam e dão passagem para que eu conduza o homem, com uma satisfação maior que o normal, até o brete.

Assim que entro na ala dos peões, vejo Lucio caminhar até nós e cumprimentar o tropeiro.

— Aquele não era teu boi.

— Não? — Ele percorre os olhos no ambiente. — Quem foi?

— Isso não sei te dizer, mas eu não montei no animal certo.

— Como ficou o resultado?

— Recusei a troca e não pontuei.

— Sinto muito — lamento por ele ser prejudicado por conta do meu pai.

— Isso não me tira do pódio. — Lucio abraça meu ombro e beija o topo da minha cabeça.

— Vou falar com meus homens — o senhor alterado nos comunica e marcha para o fundo do corredor.

— Você o conhece?

— Já montei nos touros dele em outras competições. Nunca teve problema com boi morno.

— Foram trocados, mesmo. — Lucio afasta o corpo e me encara.

— Estão atrás da arena em um cercado. Edmundo está lá vigiando.

— *Diacho!* Preciso avisar ele.

Quando Lucio tenta se afastar, eu seguro seu braço com força e o puxo para mim.

— Não fala nada. Ainda estou investigando algumas coisas.

— Mas eu não posso mentir *pra* ele. É errado.

— Eu sei... eu sei. Mas se você falar agora, tudo virá por terra e nossas investigações também.

Lucio mantém seu olhar incerto sobre mim, trocando o peso da perna de um lado para o outro, ele parece ponderar que atitude tomar.

— De quanto tempo precisa?

— Acho que mais uma semana.

— O que vocês têm?

— Edmundo está reunindo provas dos envolvidos nesse boicote do tropeiro, não dará muita coisa, um processo judicial, mas ajuda a prejudicar ambos, meu pai e o dele. Eu estou verificando documentações do prefeito, saídas sem registro direto para uma conta do meu pai.

— Que encrenca é essa?

— Ainda não sei. Sinceramente.

— E do teu pai. *Tu* tem alguma coisa?

— Não.

Ele acena uma vez com a cabeça, sua língua umedece o lábio inferior em um gesto nervoso. Sei que estou pedindo muito para ele, sua conduta sempre foi correta, nunca se mostrou desleal com ninguém e pressioná-lo a agir contra seus princípios também me incomoda.

— Lucio! — Ambos viramos em direção ao dono do boi. — *Tu* tinha razão! Aquele não é meu touro.

— Como descobriu? — pergunto, mais rápido do que deveria.

— A marca dele é recente. Esse touro já está na tropa há cinco anos.

— O que pretende fazer?

— Chamar as autoridades. A comissão organizadora vai ter que prestar conta disso.

— *Tá* certo. Se precisar de alguma coisa, conta comigo. — Lucio aperta a mão do homem.

— Agradeço sua honestidade, peão. — O homem bate três vezes no ombro do peão.

A cada batida sinto o peso da declaração do tropeiro bater em minha consciência. Fujo dos olhos de Lucio, para ele deve ser um momento muito difícil de se conter e isso me faz inclinar ainda mais meus sentimentos para ele.

— O que aconteceu? — Ceci se aproxima, correndo.

— O tropeiro descobriu que o boi não é o dele. Conseguiu alguma prova?

— Nada.

— Vamos até Edmundo, ele pode estar precisando de nós.

Quando tento me afastar com Cecília, sinto um aperto em meu punho e sou trazida com as costas para um peitoral firme e duro. Sua respiração aquece minha orelha e fecho os olhos.

— Aonde pensa que vai sozinha, loira?

— Preciso ajudar Edmundo.

— Se você sair daqui agora, vai dar na cara. Tanto para seu pai, como para o tropeiro — ele sussurra próximo ao meu ouvido, quem vê de

longe, pode pensar que é um gracejo de casal, mal sabem o teor da conversa.

— Tem razão. — Abro os olhos. — Ceci! — Sinalizo com a cabeça.
— Vá sozinha e seja discreta. Não posso sair daqui agora ou irão perceber.

— E eu tenho que resgatar o Edmundo daquele matagal?

— Maldonado pode te acompanhar.

Minha amiga recua um passo e arregala os olhos, parece assustada.

— De jeito nenhum. Lidar com um é difícil, com dois... — Ela estremece o corpo e suas palavras saem afobadas.

— Do que você *tá* falando, garota?

— Nada não.

Cecília gira no lugar e praticamente foge de nós, encaro Lucio que dá de ombros, tão desinformado quanto eu do acontecido.

Sinto seus braços se apertarem em torno de mim, um beijo sutil é depositado na minha têmpora e eu fecho os olhos, suspirando. A tempestade que eu previa está próxima e não sei como será minha vida depois que ela passar.



Capítulo 22

*“Por mais que a gente seja farsante,
inventando histórias mirabolantes,
a vida é sempre mais surpreendente,
então espere chover pra molhar a sua horta,
e viva bem, pois isso é o que importa.”*

— Edson Amorim

Lucio

Segui com Babi para o estacionamento, depois da suspeita confirmada, a comissão organizadora fechou o brete, dispensou os competidores e o entra e sai de pessoas ficou intenso.

Maldonado nos acompanhou, o coloquei a par dos últimos acontecimentos e ocultei a parte em que Babi sabia onde os animais estavam e quem está por trás de tudo isso.

— Arrih! Isso vai dar confusão, Lucio.

— Eu sei.

— Acha que seu pai *tá* envolvido nisso, loira? — Maldonado inclina o queixo na direção de Babi.

— Talvez. Estou investigando.

— Se eu fosse você, pulava fora agora, Lucio. Isso pode manchar sua reputação.

— Como assim? — Babi arregala os olhos na direção de Maldonado.

Estamos parados próximo à picape, Babi quer esperar por Edmundo e Ceci, que não devem demorar, segundo ela. A loira está ao meu lado e ambos encaramos Maldonado, ela com curiosidade e eu com raiva.

Sei bem as consequências de uma fraude dessas para mim. Não sou um competidor comum, meu nome está estampado em todas as propagandas, além do envolvimento com a rainha do torneio, que é filha do maior patrocinador.

Não levaria muito tempo para levantarem especulações sobre minha participação em qualquer esquema e, por mais que eu não queira ouvir, meu amigo tem toda razão no conselho.

— Esse rostinho bonito é um dos chamarizes para esse torneio, garota.

— Maldonado. — Meu tom de advertência o faz me encarar.

— Estou falando besteira? Se jogarem a merda no ventilador e você for ligado a isso, sua carreira vai sofrer uma baita mancha.

— Eu sei me cuidar.

— Ele tem razão. Ainda tem a história do casal da arena. — Barbara se desvinctula de mim, com os olhos assustados. — Isso pode te prejudicar muito.

— Não se for eu quem denunciar. — Dou de ombros. — Assim você não precisa se expor.

— De jeito nenhum. Não vou jogar isso nas suas mãos.

— Vamos embora daqui. — Ceci e Edmundo se aproximam.

Um embate eminente cresce entre a loira e eu, sei que isso significa me afastar por completo, mas não quero deixá-la no olho do furacão. Imaginar o que o pai ainda pode aprontar a envolvendo me deixa além de apreensivo.

— O que aconteceu lá?

— Apareceu um pessoal que moveu os animais para os bretes usados na competição.

— Fingindo que foram usados.

— Sim — Edmundo toma a palavra —, conseguimos fotografar, mas começou a chegar mais gente e achamos arriscado.

— Sim... Claro.

— Lucio, vamos sair daqui — Maldonado toma a palavra, olhando ao redor.

— Vamos. — Estico a mão e toco a de Babi, mas ela recua.

— Vai com seu amigo. Eu vou com Edmundo e Ceci.

Trinco a mandíbula, irritado, aceno com a cabeça e dou as chaves para meu amigo dirigir.

Durante o percurso até a pousada ele não menciona uma palavra, me conhece bem o suficiente para saber que não quero falar sobre o assunto. Já sabia do risco quando ela comentou sobre a possibilidade de fraude, tinha ciência de que forma isso poderia respingar em mim, mas ignorei.

Sei que Maldonado cuida da minha preparação e carreira há muito tempo, mas existe uma linha limite em agir pela minha vontade e ele sabia que Babi não encararia a notícia bem.

Assim que estaciona o carro, eu salto para fora e bato a porta com força, vou esperar pela loira na entrada da pousada, ela não terá como escapar da nossa conversa.

— Vai ficar de bico^[52] comigo?

Já tinha avançado alguns passos, mas estaco no lugar e aperto os punhos. Não estou com humor para discutir seja o que for agora.

— Amanhã a gente vê o que dá isso.

— Você vai embora em três meses, *pra* que se sujar por nada.

— Não é por nada! — brado, virando o corpo para ele. — Eu *tô* apaixonado por ela.

Pela primeira vez, confesso meus sentimentos, até mesmo para mim, apesar de não ser o melhor momento, a veracidade das minhas palavras não me surpreende.

— E vai estragar uma carreira brilhante por uma mulher? — Maldonado avança um passo.

— Não sou como você, amigo.

— Como eu?

— Sim. Você se basta, Maldonado, não se apegar a nada e nem ninguém e tudo bem. É sua escolha de vida e respeito isso, mas eu sou diferente.

— Desde que te conheço, você nunca se apaixonou e já vi muita mulher chorar pelo peão.

— Nenhuma delas me fez apaixonar.

Ambos nos encaramos por um tempo, cada um preso em suas convicções, apesar de sempre ter seguido seus conselhos ao longo dos anos, desta vez, as coisas acontecerão do meu jeito.

— *Tá* certo. Boa sorte com isso. — Ele toca a aba do chapéu e parte para dentro.

Solto um suspiro cansado, caminho vagaroso até próximo do pergolado que enfeita a entrada da pousada, escoro o corpo em uma das pilastras de madeira e miro a rua pouco movimentada.

Tantos anos se passaram desde que jurei viver minha vida para a montaria, nunca pensei que sentiria algo parecido com o que senti por Rita,

meu primeiro amor.

Hoje consigo ver a diferença, a primeira parecia o caminho certo, seguro, o amor que aproximava a família e encaixava na vida em que vivia. Nunca teria dado certo, em pouco tempo cansaríamos da mesmice e hoje sou grato por ela ter visto isso por nós dois.

Com Babi tudo foi diferente, há cinco anos descontamos nossas frustrações no sexo quente e suado, cada um seguiu seu caminho sem grandes problemas.

O estopim foi no reencontro. Quando a vi naquele jantar meu coração saltou de forma diferente, ela me instigava, provocava só com o olhar e me fez querer desvendar tudo que ela esconde por trás daquela carcaça altiva.

Pego o celular do bolso, encaro as horas e enrugo a sobancelha. Pela hora, eles já deveriam ter chegado à pousada.

Disco seu telefone e vai direto para a caixa postal, ligo para Maldonado e peço que me passe o contato da Cecília, ligo também e chama até cair a ligação.

— *Diacho!*

— Noite, Lucio. — Olho para trás e vejo um dos peões que competem no torneio se aproximar.

— Noite — cumprimento, pronto para dar uma desculpa e entrar.

— Ficou sabendo que um dos patrocinadores fugiu?

— Fugiu? Como assim?

— *Uai*, homem. Cesar, o pai da rainha que *tu tá* enroscado saiu fugido, depois da sabotagem do boi.

Minha ansiedade aumenta, avanço um passo e seguro os ombros do homem com força.

— Quando foi isso?

— Agorinha, antes deu sair de lá.

Solto o homem e corro para o quarto, jogo minhas roupas na bolsa, ligo para Maldonado e aviso que estamos de partida.

Pegamos a estrada rumo a Águas Claras, meu peito apertado com um mau pressentimento. Não sei o que Cesar tem na cabeça, mas posso

jurar que ele levou a filha junto.

Quase seis horas de viagem, sem parar nem para esticar as pernas, Maldonado reclamando sobre a velocidade, protestando de fome e perigosamente ignorando meu humor alterado.

Quando entramos na fazenda, vou direto para o casarão, paro o carro de qualquer jeito em frente à entrada principal, salto e marcho até a porta, tocando a campainha, incansável.

— Mas que diabos você está fazendo, rapaz? — A senhora de olhar afiado me atende.

— Onde está o Cesar? — Passo por ela, caminhando pela grande entrada.

— No escritório dele. — Ela fecha a porta e me encara com ambas as mãos na cintura. — O que *tá* acontecendo com todo mundo? Vocês só voltariam em três dias e, de repente, *tá* todo mundo esbaforido.

— A Barbara está aqui?

— Está fazendo as malas.

— As malas? — Fico perdido — Me leva ao escritório do Cesar.

— É à esquerda, no final do corredor.

— Eu me viro.

Sob seus protestos ao meu encalço, marcho em direção ao escritório, não me dou ao trabalho de bater a porta, que está escancarada. Ao entrar, vejo o homem abaixado, com as portas de um armário abertas, logo atrás da sua mesa.

— Boa noite, Cesar.

— Oh! — O homem se assusta e se levanta. — O que faz aqui, Lucio?

— Para onde você vai com Barbara?

— Isso não é da sua conta, peão — Cesar responde, irritado.

— Vai fugir da falcatrua do rodeio? — Minha pergunta soa muito mais como uma acusação.

— Eu sabia que você deu com a língua nos dentes. — Cesar aponta o dedo para mim. — Pensei que fosse mais esperto, peão. Se ficasse

quietinho, seria o campeão da temporada e sairia com uma ótima visibilidade daqui.

— Não preciso disso, Cesar, e você sabe.

— Bom. Eu precisava, mas você estragou tudo. Agora, minha filha e eu sairemos do país por um tempo, até as coisas se acalmarem. Em pensar que eu cogitei te fazer meu genro. Onde eu estava com a cabeça? — Ele leva uma das mãos a cabeça, desnortado.

— *Tu* não pode forçar sua filha a te seguir.

Avanço um passo ameaçador na direção dele, estou pronto para fazer qualquer coisa para defender a Barbara, e se isso me obrigar enfiar a porrada no pai dela, eu farei.

— Mas foi ela mesma que sugeriu isso. — O olhar dissimulado dele me faz esmorecer. — O que foi, peão? Ela é minha filha, acha mesmo que não tinha ciência do que estava acontecendo?

Balbucio algumas palavras desconexas, não consigo entender o que pode ter acontecido. Barbara angariava provas contra o pai, pronta para denunciá-lo por todas as merdas que estava aprontando.

O que pode ter mudado, desde que a deixei no estacionamento?

— É melhor você juntar suas coisas e voltar para os Estados Unidos. Não tem nada aqui para você, peão.

Recuo os passos, sem lhe dar atenção, minha cabeça repassando todos os acontecimentos até aqui na busca de entender o que a fez mudar de ideia.

Ou será que nunca mudou?

Volto pelo corredor, muito menos determinado que antes, ainda questionando o que ocorreu. Ao passar pela escada do segundo andar, rumo à saída, mudo meu trajeto, subo as escadas de dois em dois degraus, abro todas as portas até encontrar a do seu quarto.

O baque da madeira a faz estacar no meio do quarto com vários cabides nas mãos. Percorro o olhar pelo lugar, vejo duas malas abertas sobre a cama com várias peças dispensadas de qualquer jeito dentro dela.

— Lucio... — Volto meu olhar, cheio de rancor, para ela.

— Então, é verdade?

— Eu não posso explicar... as coisas...

— Fui um brinquedo na sua mão, loira. Já entendi. Você não pretendia denunciar seu pai, você só estava ganhando tempo para fugir com ele.

— Não! Você não entendeu. — Ela solta os cabides sobre a cama e avança alguns passos na minha direção. — A coisa é mais complicada do que pensava. Você precisa ir embora também e...

— Já basta! — falo mais alto e isso a faz calar.

Aquele rosto lindo, parece uma moldura bem-desenhada, seus olhos expressivos me olhando com espanto, quase titubeio a seu favor, mas o que vejo não pode ser deixado de lado.

— Eu não posso...

— Você é igual a ele. Gosta de dinheiro e está se protegendo.

— Eu não sou...

— Não quero ouvir. Espero que tenha sido bom brincar com o peão, moça. Vou seguir seu conselho e ficar muito, mas muito longe de você e toda essa merda.

Antes de virar, eu a vejo cobrir a boca com uma das mãos, mas não permaneço mais no mesmo ambiente que ela. Sinto meu peito sufocar, preciso de ar, tenho que respirar e reencontrar meu equilíbrio.

Meus punhos se apertam com força, na tentativa de conter a raiva que emana do meu corpo.

— Ela não tem culpa... — Freio os passos na saída do casarão ao ouvir a voz da senhora.

— Mas ela escolheu partir com ele.

— As coisas não são como pensa, rapaz.

— Não importa o que penso, as evidências não negam.

Continuo meu caminho, determinado, não olho para trás nenhuma vez, só quero esquecer essa merda toda e fingir que ela nunca passou pela minha vida.

Há algum tempo escolhi um caminho certo, sentado no lombo do boi e sozinho na vida. Foi seguro e sem riscos, do jeito que sempre quis, pisar fora da linha só me fez ser enganado, mais uma vez.

— O que houve? — Maldonado questiona, quando entro no carro e bato a porta com força.

— *Vambora* deste lugar e esquecer que eu coloquei meus pés nestas terras.

E eu parto, decidido a nunca mais olhar para trás.



Capítulo 23

*“A paixão é igual fumaça,
faz chorar; sufoca mais logo passa
e o beijo da loira é sem trapaça,
ela diz vem me amar; e sua boca,
a noite toda, a minha caça.”*
— **Edson Amorim.**

Babi

Acho que por toda minha vida nunca senti como se tudo estivesse desmoronando. Quando minha mãe faleceu, eu era muito nova, fui encaminhada para um internato e pouco contato tive com a fazenda e meu pai.

Na época, como meu responsável, ele geriu toda a herança que minha mãe me deixou. Quando completei dezoito anos, já estava tão acostumada a viver fora da minha antiga vida, que voltar só causava desconforto.

Meu pai não colaborou muito quando começou a me empurrar para cada chance de um casamento lucrativo, isso só me fez repudiá-lo ainda mais.

Só que nada me desestabilizou tanto quanto ver o olhar indignado de Lucio na porta do meu quarto, naquela noite horrível. Ele me culpava, acreditava que eu estava enfiada nas artimanhas do meu pai, se sentia usado por mim e isso me quebrou por completo.

Quando seu amigo mencionou sobre o perigo de ser associado a mim e à falcatrua, me fez ponderar sua situação em tudo isso. Não queria que nada o atingisse, precisava terminar, mandei que fosse embora na intenção de afastá-lo.

Antes de sairmos do estacionamento, meu pai me encontrou, me arrastou para o carro, alegando que precisávamos sair dali o quanto antes. O acusei de vários adjetivos medíocres, contei que estava ciente da sua participação em toda aquela sujeira e foi quando ele me revelou toda a verdade.

— Acha que todo esse circo era para quê? Hã? Garota burra, insolente, estamos até o pescoço de dívidas, aquele tropeiro do norte estava nos prejudicando, precisava fazer algo.

— Dívidas? Como?

— Não interessa como, mas a coisa está mais complicada do que você pensa. Precisamos sair do país, os federais estão no meu pé, vão congelar todos os nossos bens e você — ele apontou para mim — pode ser presa a qualquer momento.

— Presa? — Arregalo os olhos, assustada.

— Sim, querida filha. Você assinava muitos documentos sem ler, deveria ter ficado mais atenta.

Foi então que minha ficha caiu. Tudo que meu pai tinha metade era meu, pela herança que minha mãe deixou em testamento, ele administrou tudo quando eu era incapaz, mas na minha maioridade, fez questão de me manter longe.

Eu também não fazia muito por mim, larguei tudo em seu controle, só assinava pilhas de documentos que ele enviava à capital e seguia minha vida fútil e nada produtiva.

Burra!

Aceitei sua condição, saímos do país naquele dia, deixei para trás minha vida, meus amigos e Lucio. Não era capaz de admitir para mim, mas essa foi a pior parte.

Uma semana depois da nossa partida, meu pai foi informado pelos advogados que todos nossos bens estavam congelados, havia mandado de busca na fazenda e ambos tínhamos ordem de prisão expedidas.

Hoje faz um mês que estamos nos Emirados Árabes, sinto-me sozinha, desiludida e com saudade de tudo. Cecília me liga uma vez por semana de um telefone público, tememos que esteja sendo observada pela polícia.

Ela me conta como estão as coisas, Dolores saiu da fazenda e agora trabalha em um pequeno restaurante em Santino, ela continua ajudando a mãe no negócio da família e tem ficado mais próxima do Edmundo.

Ainda não falamos abertamente sobre isso, mas sei que minha amiga tem arrastado a asa para ele e acredito que seja recíproco.

Evitamos a todo custo o assunto peão, até porque ela o xinga de todos os nomes da sua cartilha chula de ofensas. Apesar de sentir a mágoa apertar meu peito quando me recordo do seu olhar acusador, não posso tirar a razão dele.

Pensar em como tudo isso aconteceu chega a ser uma loucura. Nunca imaginei me encantar por um tipo como ele, mas nunca pensei que estaria presa em um país estranho, fugindo da minha própria vida.

Meu pai ainda se mantém misterioso sobre tudo que envolve nosso nome, mas a dimensão não é pequena, muito dinheiro envolvido, carteira de deputados, senadores e pessoas do alto escalão, infiltrados em diversas ilegalidades.

Saio do meu quarto em um hotel três estrelas, luxuoso e completamente ostentoso. Quando nos instalamos aqui, só consegui pensar na quantidade exorbitante de dinheiro que meu pai conseguiu desviar, nossa estadia é bem cara, até mesmo para o padrão de vida que tínhamos em Águas Claras.

Cubro a cabeça com o véu, apesar de não ser uma regra exigida, prefiro manter a discrição e o respeito à cultura do país. Uso uma pantalonela clara, uma blusa discreta ajustada e o véu cobre parte dos ombros.

— Aonde vai? — Ouço a voz do meu pai nas minhas costas.

— Ao shopping.

— De novo?

— Já me obriga a viver presa em um país estranho, ainda quer me manter prisioneira no quarto de hotel? — Olho para ele sobre o ombro.

— Não demore. Temos um jantar hoje com uns amigos.

— Comparsas. Aqui? — Ergo as sobrancelhas.

Vejo o rosto do meu pai tingir de vermelho, antes que ele possa começar seu discurso de falso moralismo, eu saio e respiro aliviada ao ganhar a rua.

Um lugar lindo, limpo e organizado, seria uma estadia maravilhosa em qualquer outra circunstância e, claro, se eu não ficasse comparando o cenário de botas, chapéu, barro e um certo peão em minha vida.

O shopping fica próximo ao hotel, por isso opto por caminhar um pouco, respirar ar puro, observar a paisagem e me questionar sobre o SUV preto acompanhando meus passos próximo ao meio-fio.

Estaco no lugar, baixo meus óculos de sol sobre o nariz e miro a janela tão escura quanto o carro. O vidro baixa e um árabe bem-afeiçoado me encara.

— *Selam*^[53]! Entre no carro, por favor.

— Nem a pau. — Aperto o passo o mais rápido que consigo.

— Estou aqui, a pedido de um conhecido seu. — Ouço sua voz alta de dentro do carro.

Giro no lugar, percebo que falamos português e não inglês, o que me espanta, por isso resolvo retroceder alguns passos em direção ao veículo.

— Quem é você?

— A pergunta que importa é quem me mandou. — Seu rosto é sóbrio, elegante, não soa perigo, mas certamente mostra firmeza. — Lucio Alves.

Meu coração falha uma batida, sem pensar avanço até o carro e abro a porta, me empoleirando no banco macio de couro preto. Viro o tronco em sua direção, completamente ansiosa.

— O que ele disse? Ele está aqui?

— Não. Ele está no Brasil à sua espera. Eu vou levá-la no meu jato particular.

— Eu... Não posso. Vão me prender.

— De fato, a polícia federal te aguarda no Brasil, mas já temos um bom acordo junto aos advogados.

— Como ele sabia onde eu estava? Ninguém disse nada... nem Cecília.

— Sua amiga? — Aceno com a cabeça em concordância. — Ela também não sabe. Menos pessoas envolvidas, menor o risco.

— E você, quem é? — Afasto o tronco quando o carro já percorre pela avenida larga.

Se isso for algum tipo de emboscada, já estou mais do que ferrada.

— Sou um amigo. E irei te entregar em segurança para o peão.

— Você é árabe.

— Turco.

— De onde conhece o peão?

É a maior impossibilidade que eu poderia prever, um peão brasileiro que conhece um milionário árabe.

— Digamos que eu devia um favor a ele.

— Cheio de mistério — resmungo e endireito o corpo. — E meu pai? O que acontece com ele?

— Isso, ele terá que resolver. Lucio contratou uma equipe de advogados para provar sua inocência, ou falta de cuidado, no caso, perante todas as acusações. Por sorte, eles mantêm os olhos no seu pai há muito tempo e por consequência em você.

— Estarei livre?

— Será encaminhada para uma sessão longa de depoimentos, acompanhada dos advogados, não poderá deixar o país até que eles determinem.

— Meu passaporte! — Pulo no banco, me lembrando dos meus documentos. — Estão no hotel.

— Não se preocupe, eles chegarão na sua mão no aeroporto, para onde estamos indo, por sinal.

— Uau! Você é o quê? Um tipo de espião?

— Não — pela primeira vez vejo a sombra de um sorriso cintilar em seus lábios —, só aprendi desde pequeno que é necessário ter contatos. Eles valem mais do que a moeda de qualquer país.

Como o árabe informou, ao chegarmos ao aeroporto uma pequena mala com alguns dos meus pertences estão em posse de uma mulher. Somos encaminhados para a área reservada e logo embarcamos para o Brasil.

Um jato pequeno e extremamente confortável, bem-equipado e com poltronas que sonharia dormir todos os dias. Até tento descansar, mas a ansiedade é tanta que fico assistindo a vários filmes bobos, até anunciarem o pouso.

— Bem-vinda de volta, senhorita. — O árabe levanta e caminha à frente.

Quando descemos as escadas do avião, um pequeno grupo de pessoas nos aguarda, reconheço o rosto de Edmundo em meio às cabeças, mas é a ponta de um chapéu, atrás de todos, que me desperta.

Abro um sorriso e termino de descer os poucos degraus, com pressa, correndo até o dono daquele utensílio tão banal. As pessoas saem da frente, conforme caminho apressada, até que paro, diante dele, o homem por quem me apaixonei perdidamente.

— Oi, moça. — Ele continua parado com ambas as mãos presas na fivela do seu cinturão.

Traiado, todo de preto, com exceção do chapéu que é branco, um sorriso contido nos lábios e olhos perturbadores.

Eles refletem o alvoroço que se passa dentro de mim, um formigamento incomum, a saudade invadindo meu sistema e, por fim, a alegria.

Desperto do escrutínio e corro em sua direção, ele antecipa minha intenção e abre os braços para me receber. Sou alçada pela bunda e minhas pernas prendem em seu quadril.

Colo meus lábios no seu, sinto um gosto salgado invadir meu palato e percebo que são lágrimas que vertem sem permissão. Ele nos gira no lugar, enquanto sua língua devora a minha em um beijo cheio de saudade e significados.

— Achei que tinha desistido de mim — digo, no intervalo de um fôlego.

— Eu até quis... — Mais um intervalo entre beijos.

— E por que não conseguiu? — Dou um beijo estalado nos seus lábios e recuo.

— Porque eu sou seu, dona onça. E *tu...* foi pega pelo *cowboy*. — Ele avança e morde meu lábio.

— Eu amo a pegada desse *cowboy*.

— Só a pegada?

— Ele todo.

Tornamos a nos beijar, agora com paixão, entrega e um pouco de lasciva. Um pigarrear logo atrás de nós, me faz afastar e descer do colo de Lucio.

— Não tenho a intenção de atrapalhar, mas os advogados e as autoridades a aguardam, senhorita — o árabe fala, com calma e um toque de gracejo na voz.

— Obrigado, Emir.

— Saldamos nossa dívida. Com licença. — Ele acena com a cabeça e parte em sua total elegância.

— Que homem bonito e charmoso. — Corro o olhar por onde o árabe foi.

— *Diacho!* Eu tô aqui, loira.

— Ah, eu sei — faço cara de desentendida —, só estou admirando o que é raro, peão.

— Vou lhe dar algo muito melhor *pra* admirar, daqui a pouco.

— Babi! — Edmundo me puxa para um abraço.

Ouçõ o rosnado de Lucio atrás de nós e sorrio, enquanto abraço apertado meu amigo.

— Como estão as coisas?

— Lentas. A justiça é assim, mas o peão fez um belo trabalho em contratar os melhores advogados do país.

— Eu fiquei sabendo. — Afasto e olho de soslaio para Lucio, que parece desconcertado.

— Vamos. Você precisa se apresentar imediatamente à polícia federal, os advogados irão acompanhar, mas o mais importante, Babi — Lucio toma minhas mãos para si —, você precisa contar absolutamente tudo que sabe.

— Mas eu farei isso. Sem dúvidas.

Minha resposta sai convicta e isso parece apaziguar o olhar do peão. Juntos partimos para a sede da polícia, acompanhada dos três advogados contratados, Edmundo, Lucio e dois policiais federais.

Fui encaminhada para uma sala de interrogatório, passei três horas respondendo a várias perguntas, algumas completamente desconhecidas por mim, fiquei assustada com a quantidade de falcatrua que meu pai está envolvido e que indiretamente me incluiu.

Dei informações sobre os contatos dele nos Emirados, não tinha muita informação, já que suas conversas sempre aconteciam fora do hotel, mas espero que seja o suficiente para colocar as mãos nele.

O Brasil não tem acordo de extradição com o país em que ele está, mas com certeza agora manterão um olho nele e em sua movimentação.

Quando a sessão de perguntas acaba, eu estou exausta, sou informada de que não posso entrar na fazenda, por enquanto, o que não incomoda, não tenho lembranças boas naquele lugar e a última ainda me causa certo incômodo.

— Acabou? — Lucio me abraça, assim que saio da sala.

— Ainda não, senhor Alves. Barbara não pode sair do país, nem da cidade de Santino, mas continuaremos trabalhando em sua defesa.

— *Tá certo. Vambora* daqui.

— *Pra* onde, peão?

— Primeiro, para um hotel, hoje eu quero me perder nos seus braços, loira.

— Gostei da proposta. Aceito.

E juntos damos os primeiros passos por um longo caminho, mas que será muito mais colorido, feliz e emocionante, só por ter ele me instigando e espezinhando.



Capítulo 24

*“Da jabuticabeira nasce a jaboticaba,
Da goiabeira nasce a goiaba,
Meu coração de paixão pega fogo nas beiras,
E no meu peito guardo amor que não se acaba.
— Edson Amorim*

Lucio

A paz retorna para meu interior, assim que pouso meus olhos na loira descendo as escadas do pequeno avião. Fiquei aqui por insistência do “*arabiano*”^[54], cheio das frescuras, me largou falando sozinho e disse que minha brutalidade só traria mais problemas.

É um mal-agradecido, isso sim, depois de tudo que eu fiz por ele, sem mim, jamais estaria casado e feliz hoje com sua esposa. Isso me lembra que ambos temos bom gosto, ele é casado com uma loira linda, só não é mais bonita que a minha e nem tão tihosa.

Bem que ele merecia.

Maldonado disse que eu parecia um animal *aporrinhado*^[55] no quarto de hotel, onde o *arabiano* nos deixou com a promessa de retornar o mais breve possível com a minha mulher.

Só não o mandei pastar porque foi um dos responsáveis pela minha mudança de rumo e fez minhas fichas caírem em relação à Barbara.

Agora rumamos para o hotel, já despachei o prego e meu melhor amigo, quero aquele quarto só para nós dois, minha saudade e necessidade dela já tomaram minhas ações e não consigo pensar em outra coisa que não seja a dona onça gritando meu nome.

— O que você *tá* fazendo? — ela grita, quando a seguro no colo, logo que abro a porta do quarto com o cartão de acesso.

— Te tratando feito princesa, *diacho*! — respondo o óbvio.

— Essa não é muito sua pegada, *cowboy* — Semicerro os olhos para seu semblante descarado.

— Tem razão. — Jogo seu corpo sobre a cama e ela solta um gritinho assustado. — *Tu* enlouquece é na pegada do *cowboy*. Bruta e direta.

— Um grosseirão. Isso, sim — ela adverte, mas o sorriso condena a provocação.

— *Tu* gosta, dona onça. — Agarro seu pé e puxo seu corpo até a beirada da cama. — Agora, tira essas roupas, que eu quero te ver no pelo.

— Nada romântico, peão. — Ela revira os olhos.

— Pode até não ser, mas faz você gemer gostoso. — Levo as mãos até sua calça de elástico, um modelo largo e completamente diferenciado das suas vestimentas.

Não posso nem reclamar, ao menos sei que ninguém ficou cobiçando suas curvas sensuais e facilitou por demais meu intuito de se livrar do monte de pano.

Arranco a peça e a jogo para trás, abro suas pernas, escarranchada, um fino tecido, quase transparente, algo realmente delicado, ajoelho no chão e engancho o dedo no fundo da calcinha.

— Isso é... — rasgo com um puxão antes que ela termine de falar —... renda pura. — Ela geme e fico na dúvida se é por frustração ou desejo.

Encaro seus olhos por um minuto inteiro, com o polegar toco seu ponto de prazer e ela separa os lábios, suga o ar para dentro, desço a boca sobre sua pele e perco o controle.

Gemo satisfeito em sentir seu gosto no meu palato, a devoro com toda a fome que sinto pelo tempo separados, sem ao menos ouvir sua voz, recebendo notícias esporádicas, vazias, sem nenhuma indicação de que um dia a teria para mim novamente.

Suas mãos voam para meus cabelos quando joga a cabeça para trás e ambos nos entregamos ao instinto, ao visceral, a essa pegada louca que só acontece quando nos tocamos. É viciante, impetuoso e quase enlouquecedor, mas eu não sei mais viver sem isso, viver sem ela.



Estamos esparramados na cama, cansados, suados, sem coragem de nos levantar para um banho, mas igualmente satisfeitos depois de matar a saudade do nosso desejo, da maneira como demonstramos essa loucura que guardamos dentro de nós.

Viro de lado e dobro um braço apoiando minha cabeça, tenho um vislumbre do seu corpo parcialmente nu, brilhoso com a fraca luz do abajur, a cabeça virada para fora, os cabelos bagunçados e espalhados pelo travesseiro.

— Para de me olhar, peão. Não há a menor possibilidade de rolar alguma coisa nas próximas horas.

— Nadinha? Tem certeza? — provoco e deslizo a ponta do indicador pela sua espinha.

Vejo a pele ouriçar e se alastrar pelas costas, ela se contorce com um gemido contido e não consigo segurar um riso. Sei que ela estaria pronta antes que eu alcançasse o vão das suas pernas, mas ela precisa descansar.

— Vou preparar a banheira para você, precisa relaxar.

— *Tô* bem relaxada aqui — ela resmunga e vira o rosto para o meu lado.

— Temos que voltar para Santino amanhã cedo. — Beijo sua bochecha e tiro alguns fios que atrapalham a visão do seu rosto por completo.

— Não sei o que vou fazer.

— Por enquanto, teremos que esperar. Comprei uma casa na cidade, enquanto aguardava as investigações que Edmundo deu continuidade, com as provas necessárias para livrar sua barra, entrei em contato com Emir e cobre um favor.

— De onde você o conhece? — Ela vira o corpo e fica de lado.

— O *arabiano*? Ah, uma longa história, chata e entediante.

— *Arabiano*?

— Um apelido que ele odeia.

Seus olhos, como sempre tão expressivos, parecem tensos, algo a incomoda e faço ideia do que seja.

— Achei que você tinha partido para os Estados Unidos. — Sua voz sai baixa e ela brinca com os dedos na beirada do lençol.

— Quase fui, mas meu melhor amigo e o seu me fizeram abrir os olhos.

— Como?

— Digamos que foi muita cachaça, opiniões divergentes e talvez um soco bem-intencionado.

— Você vai ter que falar bem mais que isso, peão.

— Vou? — Beijo sua boca, rápido. — Vou. Mas agora você vai tomar um banho quente e relaxante.

Levanto-me da cama e marcho para o banheiro, tem coisas que são meio vergonhosas para contar, principalmente quando eu estava fazendo o papel de idiota e teimoso.

“Entrei no bar feito touro bravo, antes de pensar em juntar minhas tralhas no alojamento, fui direto para o Pau Dentro, só precisava afundar minha dor em uma garrafa de água ardente e esquecer aquela onça.

— Sem passagem pra hoje. Só daqui a dois dias. — Maldonado se aproxima, encerrando uma chamada.

Já estou no balcão do bar com a garrafa em punho e sirvo a primeira dose. Solto um grunhido desgostoso, transbordo o copo e praguejo ao soltar a garrafa no tampão de madeira.

— *Vambora pra* Palomino.

— Mas aqui é mais perto para o aeroporto.

— Não quero ficar nesta maldita cidade nem mais um minuto.

— Pelo visto, ainda vai terminar a garrafa e isso levará um certo tempo. — Maldonado sinaliza para o balcão.

Sirvo o outro copo e empurro na sua direção, mesmo a contragosto ele aceita a bebida, brinda comigo quando encho o segundo copo e viramos de uma vez.

A quentura é bem-vinda, se mistura ao fervor que aquece meu peito, parece derreter tudo por dentro e só anseio para que meus sentidos comecem a ficar entorpecidos logo.

Quando chegamos ao meio do objetivo de secar a garrafa viro o corpo para o salão que não estava tão cheio como de costume, as pessoas pareciam meio desanimadas ou era eu que já não via tanta graça em nada que envolvesse Santino, Águas Claras ou aquela maldita loira.

Paro meu olhar em uma mesa no lado oposto do salão, uma mulher de chapéu, os cabelos claros, reluzindo e brilhando devido à luz ambiente, empertigo o corpo e dou um passo adiante.

— Ow... ow... ow, peão. Aonde pensa que vai?

— Vou pegar a minha *chaiene*, amigo. — Aponto em direção da mesa.

— Acho melhor você aquietar seu facho nessa banquetta. — Ele espalma a mão no meu peito e eu lhe acerto um tapa, afastando o contato.

— Me deixa — resmungo.

— Lucio. Você está alto e com raiva, não é uma boa combinação.

— É só uma boceta, meu amigo. Mais uma vez, só uma boceta. — Rio com escárnio.

— Não, ela não é. Não sei o que aconteceu dentro daquela mansão para te revoltar tanto, mas eu vi sua determinação enquanto a esperava na pousada. Você a ama e só está machucado.

— Isso passa... — Abano a mão, com os movimentos afetados pelo álcool.

A *disgraça* da bebida afeta meus movimentos, mas não consegue desligar minha mente. Por que ainda dói tanto aqui dentro? Por que não consigo esquecer aquela desalmada que me usou?

— Acho melhor irmos para o alojamento.

— Não! — Faço um sinal expansivo com a mão em negativa. — Eu vou beber, vou escolher minha *chaiene*, me fartar e sair desta maldita cidade. — Tento soar o mais determinado que posso.

— Para com isso, Lucio. — Ele toca meu ombro e eu espalmo as duas mãos no peito dele, o empurrando.

— Vai ser do jeito difícil então, amigo.

— Que je...

Apaguei.

Ouçoo vozes ao fundo, testo os olhos, mas a claridade cega minha visão e lateja dentro do meu cérebro. Levo as duas mãos à cabeça, reclamando em voz baixa, grossa e enrolada.

Sinto como se tivesse mastigado couro, minha boca com gosto de solado, tento levantar e ouço um riso baixo e reconhecível, Maldonado.

— Você parece péssimo.

— Obrigado. O que houve ontem?

— Bebeu, fez graça e eu te desmaiei.

Abro os olhos e deixo o incômodo de lado, seu sorriso prepotente me deixa ainda mais irritado, não sei de onde ele tirou que me agredir seria

uma boa ideia.

— Vai precisar de um gelo aí. — Olho para o lado e vejo Edmundo parado junto à porta.

— O que ele *tá* fazendo aqui? — Apoio as duas mãos na cabeça e encaro o chão.

— Ele veio dizer o que realmente está acontecendo. Sua loira não aprontou contigo, o pai é que aprontou com ela.

— O quê? — Levanto de repente e sinto uma tontura me atingir, fecho os olhos e respiro um par de vezes. — Explica isso, prego.

— Você nunca vai parar de me chamar assim?

— Não. Desembucha.

— Muito bem...

Assim que termino de ouvir toda a história, caminho porta afora, corro, mesmo sob protestos dos dois, chego até a porta dos fundos do casarão, paro por um segundo, apoiando as palmas nas coxas e respiro fundo.

— Não posso mais beber daquele jeito.

— Concordo.

Olho para cima e vejo a senhora, dona Dolores, parada rente à porta com uma feição de poucos amigos, não que alguma vez tenha sido diferente, mas no momento parece querer me escalar vivo.

— Onde ela está?

— Já foi.

— Para onde?

— Não sei. Nem ela sabia, mas prometeu mandar notícias em algum momento.

— *Diacho!* — Levo as mãos até a cabeça, inconformado.

— Deveria ter me ouvido. Aliás, deveria ter ouvido *ela*.

— Eu fui um idiota.

— Concordo.

Sem motivos para continuar ali, retorno o caminho cabisbaixo, meu coração agora com o peso da culpa, poderia ter feito tudo diferente, poderia

estar ao lado dela e ajudar a achar uma solução, mas fiz a escolha mais fácil.

Atacar para não ser ferido, jogar nas suas costas t as inseguranças que carrego por todos os anos, desde que perdi minha primeira garota.

— O que podemos fazer para ajudá-la?

— Posso continuar investigando, tentar reunir provas que isente a Babi, o contador do pai dela é o mesmo que o meu. Talvez consiga algo. O problema é a polícia federal, se tivesse algum contato lá dentro.

— Isso, eu posso conseguir.

— Você? — ambos questionam, desacreditados.

— Preciso fazer uma ligação.

Marcho direto para o quarto com Edmundo e Maldonado a meu encalço, se tem alguém que pode me ajudar agora é ele, não conheço ninguém mais bem relacionado e que tem contato em tudo quanto é canto.

— Alô. — Sua voz continua imponente e temerosa.

— Arabiano, preciso te cobrar aquele favor.

— Graças a você, minha esposa me chama assim até hoje.

— Sorte a sua que ainda tem ela — respondo, com gracejo.

— Do que precisa, Lucio?”

Na manhã seguinte, seguimos para Santino, Edmundo voltou ontem mesmo e organizou uma pequena recepção para a loira na minha casa. Ele se mostrou um amigo leal e fiel, o fato de estar enrabichado pela amiga da minha loira ajudou a diminuir minha cisma em relação a ele.

Não serão meses fáceis, ainda não sei o que vai acontecer comigo e com a loira, o futuro é incerto, muita água ainda vai rolar nessa confusão toda, mas só de tê-la ao meu lado, poder acordar e dormir vendo seu rosto, já sinto que meu mundo está no eixo.

Onde ela estiver, desde que seja sob meus olhos e ao alcance das minhas mãos, ficaremos bem, não importa o que aconteça.



Capítulo 25

*“Coçar e brigar é só começar,
pra ganhar tem que apostar,
pra mentir é só a mentira inventar,
e basta só uma olhada, pro peão aqui se apaixonar:
— Edson Amorim.*

Babi

Entro na arena erguida um dia antes aos arredores de Santino, ao meu lado, como vem se mantendo desde que voltei, está meu peão. Todo traído de preto, com seu chapéu branco, lindo de morrer e completamente meu.

Quando retornamos para Santino, ele nos levou direto para sua casa na cidade, grande e espaçosa, me lembro que o antigo dono era amigo do meu pai, mas resolveu morar de vez na capital e mantinha o lugar fechado.

Ao entrar, me deparei com Ceci, Dolores, Edmundo e Maldonado, algumas bexigas espalhadas e uma torta de morango sobre a mesa. O choro foi livre, abracei cada um deles emocionada e grata, poucas pessoas, é verdade, mas são os mais verdadeiros.

Lucio e eu passamos duas semanas praticamente em lua de mel, só éramos interrompidos por Maldonado, que se manteve presente para desagrado do peão; Ceci que me visitava e Edmundo com notícias sobre os processos.

Ainda não declaramos, aquelas três palavrinhas mágicas, parece que o momento nunca acontece, eu espero dele e talvez ele espere de mim. Meu futuro ainda é incerto com toda essa confusão, acho que por isso nos mantemos, mutuamente à margem dos acontecimentos.

Vivendo um dia de cada vez, sem criar grandes expectativas.

Há uma semana, Edmundo nos procurou, fez um levantamento das perdas do torneio, peões prejudicados, tropeiros revoltados com todos os esquemas e organizadores que não sabiam como resolver a suspensão do evento.

Lucio tomou frente da situação e junto à comissão, honesta, organizadora, preparou uma noite de rodeio beneficente em Santino. Barracas para quermesse, transporte de tropas e competidores, tudo por conta dele.

Foi muito generoso da sua parte, os gastos não foram baixos, tenho certeza, mas ele disse que era o mínimo que poderia fazer para reparar os erros cometidos.

Argumentei que quando tudo se resolvesse com a fazenda e o governo liberasse meus bens, devolveria cada centavo, já que a culpa era do meu pai.

Ele respondeu que estávamos juntos nessa e que jamais deixaria as pessoas pensarem mal de mim.

— Boa noite, Santino! — Lucio cumprimenta, quando o locutor lhe entrega o microfone. — Hoje é uma noite muito especial, vamos montar em prol da arrecadação. Muitas pessoas foram prejudicadas com a interrupção do torneio e o objetivo é dar um fim digno à competição e premiar quem merece.

As pessoas aplaudem, solto minha mão do seu contato, ele me olha de soslaio e sorrio, erguendo as mãos e bato as palmas.

— Esta noite também tem um outro objetivo, pessoal, devo confessar. — Ele vira o tronco na minha direção. — A rainha deste torneio roubou algo meu e já que eu não o terei de volta, só consigo pensar em uma forma de viver ao seu lado, pelo tempo que permitir.

Meus olhos se abrem tanto, o coração palpitando descompassado, levo as duas mãos até a boca e tento omitir meu choque. O peão impetuoso e *galinha*^[56], desce um joelho na terra, seus olhos fixos nos meus, todo o carinho e amor transbordando da sua íris.

— *Tu* levou meu coração contigo e eu não quero ele de volta, loira. Aceita ser minha pelo tempo que *tu* quiser e prometo lhe ser fiel, leal, te amar do nosso jeito e te fazer sorrir sempre que possível. — Ele solta o microfone no chão ao seu lado e tira do bolso da camisa uma pequena caixinha preta.

Ao abrir o objeto, vejo um par de anéis, dourados, aproximo um passo e olho de perto, ambos têm um pequeno vão com uma ponta saliente e enrugam as sobrancelhas, curiosa.

— Vai responder, loira? — Volto a encará-lo e lembro que não disse nada desde que ele começou o discurso.

— Eu não sei, peão. Você nem disse as três palavrinhas mágicas. — Abro um sorriso debochado.

— É mesmo? — Ele fica de pé, em alerta. — E que *diacho* eu não disse ainda *pra* te convencer que eu te amo, dona onça?

Solto uma gargalha, arrisco um olhar para a arquibancada, que está em suspense, aguardando minha resposta.

— Eu te amo serve, mas eu ficaria mais feliz com “você quem manda”.

— *Diacho* de mulher! — Ele avança e pega minha mão. — Vai casar comigo e pronto! — Ele tira o anel da caixa e enfia no meu dedo com pressa.

Com a outra mão, ele me entrega o anel dele e estende a mão direita para que eu faça o mesmo. Aproveito para examinar o modelo da aliança e antes de segurar sua mão, jogo a cabeça para trás e rio.

— Uma ferradura?

— *Tô* amarrado, dona onça. Não tem jeito. — Ele dá de ombros e um sorriso tímido aparece em seus lábios.

— Se é assim, eu aceito seu pedido, peão. — Seguro sua mão e coloco o objeto com delicadeza em seu dedo anelar. — E só para constar... eu também te amo, peão.

Lucio me alça pela cintura, eu prendo as pernas à sua volta e ele nos gira, enquanto sua boca devora a minha diante da multidão que explode em gritos, palmas e assovios.

Não importa o que aconteceu no passado, mesmo com um futuro incerto, eu *tô* presa na pegada desse *cowboy* e não existe possibilidade de desistir.



Depois do pedido mais incomum que já soube, Lucio foi para o brete, eu subi para o palanque, algumas pessoas pediram fotos comigo, achei tão bacana a forma que fui acolhida por esta cidade, algo que nunca considerei, mas eles me respeitaram, apesar de todos os bochichos sobre meu pai.

Ceci está a meu lado, Edmundo com o braço transpassado em sua cintura, ainda nem acredito que esses dois se ajeitaram. Nunca pensei que fosse possível, mas olhe para mim, estou rendida por um peão bronco e chucro.

O amor é algo imprevisível, às vezes ele é óbvio e direto, às vezes ele teima e insiste e às vezes... ele só acontece.

— É agora — Ceci comenta e segura minhas mãos.

Sinto um tremor nas pernas, o nervosismo resolveu tomar conta dos meus sentidos, a última vez em que vi Lucio em cima desse touro, ele se acidentou e só não foi pior porque Deus não quis.

Bipolar, o touro promissor da tropa do norte, foi liberado pelo dono para competir no rodeio devido à credibilidade que Lucio carrega.

Questionei qual era a importância disso e o peão foi petulante o suficiente para dizer que isso era por ele. Tinha que montar o animal mais uma vez e tentar vencê-lo no duelo.

Tivemos uma pequena discussão que terminou conosco vestidos embaixo do chuveiro ligado. Até agora não sei explicar como isso aconteceu, mas as roupas molhadas que dificultaram nosso acesso ao corpo um do outro foram provas contundentes do ocorrido.

— Vamos lá, peão — sussurro.

Vejo Lucio montar no boi que reluta dentro do brete, Maldonado segura o corpo de Lucio pelo colete de segurança, quando o animal se acalma passam a corda, o peão a esfrega e prepara a amarração.

— Não quero ver. — Fecho os olhos e solto um gritinho.

— Abre o olho, Babi. Você não quer perder isso.

Ouçó a voz de Edmundo e tenho que dar o braço a torcer. Realmente não quero perder o momento, apesar de estar apavorada com um possível acidente.

Abro os olhos quando a porteira é escancarada e o animal enfurecido pula para dentro da arena.

Tum... dum...

O corpo do Lucio se equilibra com os giros, move para frente e para trás a cada salto, acompanhando o movimento frenético do animal.

Tum... dum...

Prendo a respiração quando o Bipolar inverte o sentido, o corpo de Lucio curva demais e fecho um só olho, esperando por sua queda, mas não acontece.

Tum... dum...

Solto o ar com força, minha garganta seca arranha quando o ar entra e sai de forma afoita. O animal salta mais duas vezes para a esquerda.

Tum... dum...

Mais um salto para frente e a sirene toca, meu coração que parecia bater devagar entra em frenesi. Abaixo o corpo e passo pela grade do palanque.

— Aonde você vai, garota? — Ceci segura meu braço.

— Desta vez, eu vou atrás do meu beijo. — Sorrio animada e aguardo.

O animal é contido pelos salva-vidas, Lucio está de costas e se levanta devagar com as mãos para o alto, comemorando sua vitória e eu salto na arena.

O público parece aplaudir ainda mais, corro até o meio do redondel, pego seu chapéu que voou da cabeça quando pulou do touro, visto e continuo caminhando.

A alguns passos de distância, o peão vira na minha direção e se surpreende ao me ver diante dos seus olhos. Corto nossa distância, seguro sua camisa e o puxo de encontro à minha boca.

Suas mãos seguram meu corpo junto ao seu e me esbaldo na boca do peão que conquistou meu coração.

A única coisa que posso esperar desse futuro incerto é que onde ele estiver, eu estarei feliz. Lucio completou a metade que nem eu sabia que faltava na minha vida, me instiga a querer ganhar o mundo, mesmo que não saiba por onde.

No fim das contas, acho que amor é isso. Ter alguém ao seu lado que sempre vai extrair o melhor de você, às vezes dá confusão, mas a recompensa é muito boa para deixar passar.



Epílogo

*“As mulheres dizem que sou carinhoso e que tenho uma boa pegada,
e que minha marcha é forte e sobe a serra sem derrapada,
mas acho que é porque, vou devagar até o ponto G,
depois dou uma acelerada, e se a parceira for boa pinta,
vou da primeira a quinta, durante toda a madrugada.”*

— Edson Amorim

Lucio

Cinco anos se passaram desde que a dona onça aceitou meu pedido de casamento, naquele rodeio beneficente, e eu me considero o homem mais sortudo do mundo, desde então.

Contrariando todas as expectativas, a moça metida à besta encontrou seu propósito, enfrentou todos os problemas financeiros na época, as investigações seguiram por quase dois anos, até liberarem o que lhe cabia dos bens.

Quase perdeu o que restou da fazenda, devido às dívidas fiscais, sonegação de impostos, mas seus estudos e empenho a permitiram se reerguer. Na época, saldei parte das dívidas, aleguei ser um presente de casamento, mas quem disse que a teimosa aceitou?

Ela vem quitando o montante por todo esse tempo, não por uma questão de orgulho, mas por ser capaz. Barbara se tornou uma fazendeira melhor do que seu pai fora e tem mantido os negócios com lucro, os empregados satisfeitos e minha vida mais completa.

— Papai! — Ouço o grito estridente da minha pequena vaqueira e saio do estábulo ao seu encontro.

Um minúsculo ser de cabelos loiros, compridos e cacheados corre pelo caminho que leva até aqui, os olhos expressivos da mãe, mas a boca e o nariz são meus, ela sorri abertamente, como sempre fizera desde bebê.

— Aí está você, pequena vaqueira.

— Sou uma peoa, papai! — ela protesta, quando está próxima o suficiente.

— Sua mãe não gosta muito dessa ideia. — Abro os braços e alço seu corpo magricelo quando me alcança.

Beijo sua bochecha, repetidas vezes, até ela protestar e empurrar meu rosto para longe limpando o lugar. Arredia igual a mãe, mas ama quando eu a aperto e lhe faço chamego.

— A mamãe disse que se eu estudar bastante, posso ser o que eu quiser. — O mesmo tom altivo da minha esposa.

— E eu acho que você pode mesmo ser o que quiser, mas montar em touro é perigoso, meu amor.

— Eu treino igual você, papai. Quero ganhar um PBA. — Caminho para dentro do estábulo com ela nos braços.

— É PBR, querida, e a competição com touro é só para homens.

— Isso não é justo.

— Concordo, mas não há muito o que se fazer. — Acaricio sua cabeça. — Vai me ajudar a cuidar das vacas?

— Vou.

— Elisa! — Ambos nos viramos quando ouvimos a voz infantil. — Cadê você?

— É o Jonas! — Ela salta no lugar e sai correndo em direção ao chamado.

— Perdi a ajudante — falo para mim mesmo e tomo rumo do trabalho.

Mais tarde, depois de verificar os pastos e ajudar com o trato dos animais, fui incumbido pela minha filha a dar aula de montaria para ela e Jonas, filho de Edmundo e Cecília.

Eles têm a mesma idade, com diferença de um mês, cresceram juntos, são melhores amigos e onde um está, você encontra o outro.

Consegui convencê-los a treinar no cavalo e esquecerem por ora o tambor de treino. Barbara quase tem um treco cada vez que encontra nossa filha montada nele, já perdi a conta de quantos galos ela fez na cabeça, pois escapa sozinha e vai montar.

— Dolores vai usar palha de aço para tirar o encardido da nossa filha — Barbara anuncia, assim que entro no quarto.

Ela está linda como sempre fora, usa um vestido casual de estampas floridas, os cabelos úmidos do banho e seu cheiro peculiar incendiando o ambiente.

Seu rosto não é o mais amistoso, mas quem se importa? Adoro esse temperamento difícil dela, aguça ainda mais meu desejo de domá-la e fazê-la gemer no meu pau.

Passamos metade do tempo nos provocando, acho que por isso nossa filha tem crescido tão afiada. Exemplo não lhe falta para ser

provocadora.

Fecho a distância entre nós e circundo sua cintura com as minhas mãos, puxo seu corpo para o meu e seus braços apoiam no meu ombro. Ela chega a abrir a boca para protestar, estou sujo e cheiro a gado, mas não lhe dou chance e cubro sua boca com a minha.

Um beijo faminto e cheio de significados, seu corpo amolece em torno do meu, seu possível protesto esquecido e a vontade de nos perdermos um no outro se torna o objetivo real.

— Eu...

— Vamos tomar um banho, loira.

— Já tomei. — Sua voz é baixa e afetada.

— Mas eu vou te sujar todo agora, então você terá que tomar outro.
— Levo a boca até próximo da sua orelha e mordo o lóbulo.

— Então, não tem muito que eu possa fazer, peão.

Seu tom dissimulado atinge um ponto específico entre as minhas bolas e solto um grunhido ao pegá-la no colo e caminhar direto para o banheiro.

Sempre que pergunto a ela por que se apaixonou por mim, ela responde a mesma coisa: “não foi por você, foi na sua pegada”, uma provocação clara, mas no fundo, a verdade é que essa pegada só acontece porque é com ela.

Fomos feitos um para o outro, moldados no desejo, na provocação e na petulância, o que torna nossa vida perfeita e sem qualquer monotonia.

Fim

Agradecimentos

Em tempos difíceis, só consigo pensar na benção divina que sou agraciada todos os dias por manter a saúde e bem-estar da minha família, assim como a minha.

Há quatro anos eu sonhei, almejei e trabalhei duro para viver de algo que se tornou minha paixão.

A trajetória não é fácil, os desafios estão presentes a cada passo, mas sou felizarda de contar com as leitoras que acompanham meu sonho de perto.

A todo meio literário deixo meu agradecimento, vocês alçam meus sonhos e tornam meu coração imensamente satisfeito.

Gratidão.

Sobre a Autora



Agatha Santos, casada, sem filhos, umbandista na alma e no coração. É natural de Taubaté, interior de São Paulo.

Formada em Administração de Empresas, ex-gerente administrativa no ramo de varejo de combustíveis e atualmente trabalha como escritora.

Sempre gostou de leitura, mas sua paixão se enraizou com a Série Cinquenta Tons. É uma devoradora de romances eróticos e há algum tempo descobriu o encantamento pela escrita.

Suas obras trazem uma temática leve e regada de comédia, hoje conta com mais de 15 títulos publicados, todos disponíveis na Amazon.

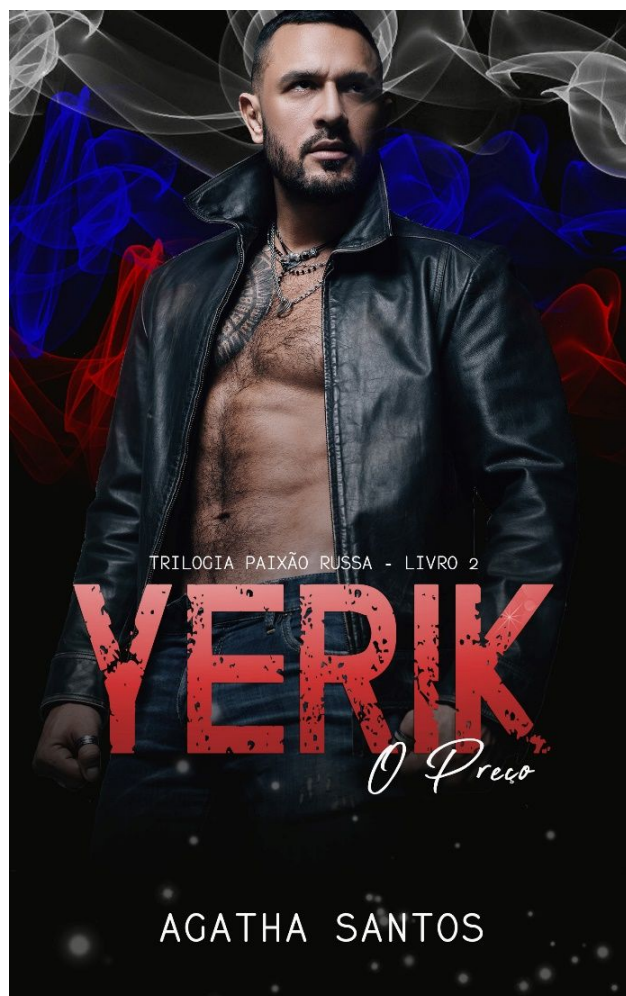
A frase que leva para a vida: “Se você sonha, você pode fazer.”

Me siga nas redes sociais!

Instagram: [Agatha Santos \(@agathasantosautora\)](https://www.instagram.com/agathasantosautora)

Facebook: [Agatha Santos | Facebook](https://www.facebook.com/agathasantos)

Outras Obras



Yerik: O Preço:

<https://amzn.to/30YyRn0>

Sinopse: Como traçar planos para a vida, quando ela só lhe atribui o peso do passado? De que forma você enxerga esperança onde o preço dos seus atos custou alto demais?

Um homem marcado pelo preço das suas escolhas.

Yerik conseguiu reerguer a vida e tornar-se um empresário de sucesso em Moscou. Reinaugurou o bar que herdou do pai e o transformou no Clube Lenusya, uma boate badalada e com entretenimento adulto.

Seu passado é complicado, filho de cafetão, abandonado pela mãe, seguiu o caminho errado até perceber que isso influenciava seu irmão mais novo, Mickail.

Nunca foi adepto a relacionamentos, ultimamente sua vida é pautada em viver para o clube e se divertir vez ou outra com uma das dançarinas. Em um desses momentos tórridos, ele conhece Katrina, que caiu de paraquedas em sua vida, um engano cometido por ele desperta a ira da mulher e isso não poderia ser mais encantador a seus olhos.

Impetuosa, sensual e atrevida, Katrina contradiz tudo que uma russa dentro dos padrões deveria ser. Aos 23 anos, está no momento certo para pensar em casamento, algo muito comum na Rússia, mas inaceitável nos seus objetivos.

O fato de sempre se colocar à mercê do perigo, leva Katrina direto para os braços de Yerik. Uma relação tortuosa começa da forma mais contraditória, quase irreal, mas perfeita em sua mente perturbada.

Na vida, tudo tem um preço, chame de cobrança divina, vontade do destino, mas o que tem começo, precisa de fim e, eles não faziam ideia do quanto suas escolhas os levariam de encontro ao acerto de contas.



Pai& Solteiro& Chefe& Fofó:

<https://amzn.to/2KZ7Jj6>

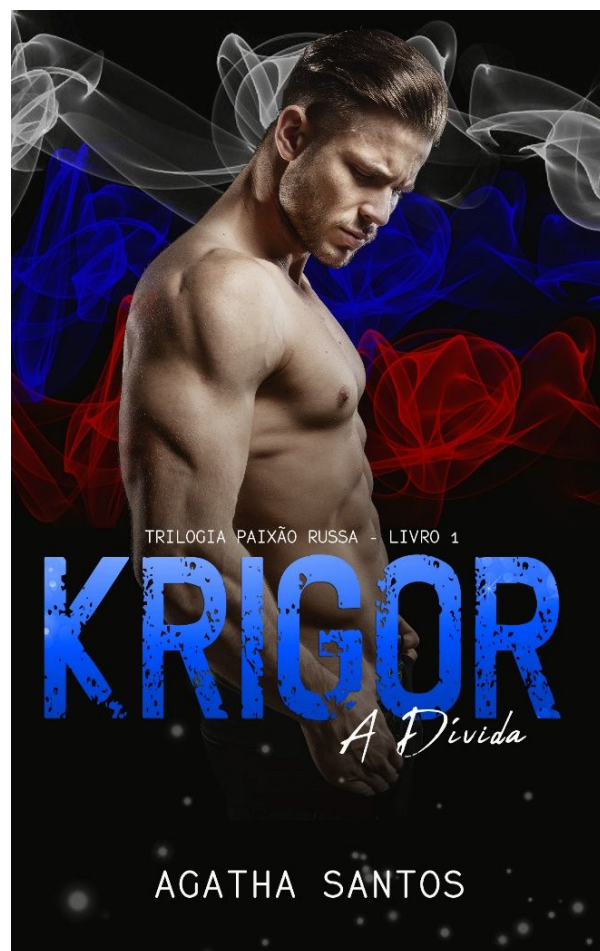
Sinopse: Túlio é um homem com valores familiares bem arraigados, que tem duas paixões em sua vida: o trabalho e seu filho, Thales.

Convencido de que sua missão é cuidar do seu pequeno garoto, Túlio divide sua rotina entre comandar a PROPAGUE, ao lado do seu amigo desde a faculdade, Álvaro, e criar seu filho da melhor forma para que ele cresça feliz e saudável.

Um envolvimento amoroso está fora de questão, isso interferiria no relacionamento com Thales e ele jamais permitiria que o pequeno fosse colocado em segundo plano.

Quando Isadora, uma publicitária linha dura e muito competente é contratada para suprir a alta demanda que a agência se comprometeu, a vida do pai zeloso se torna conturbada.

Sua rotina como pai sofre um imprevisto, a vida de solteiro está uma vergonha de tão monótona, a empresa exigindo muito dele e nesse turbilhão, ele só consegue pensar em como conquistar a morena que lhe encantou.



TRILOGIA PAIXÃO RUSSA - LIVRO 1

KRIGOR

A Dívida

AGATHA SANTOS

Krivor: A Dívida

<https://amzn.to/39M5tEh>

Sinopse: Como traçar planos para a vida, quando ela só lhe atribui obrigações? De que forma você enxerga esperança onde o preço dos seus atos custou alto demais?

Krivor nunca se apegou a ninguém. Impetuoso e destemido, cumpria o carma de lidar com as consequências de suas ações imprudentes no passado, no entanto, o olhar desafiador de Sacha tirou seu sossego.

Há alguns anos, Sacha aceitou seu destino de viver para trabalhar, uma rotina cansativa, monótona e entediante, mas necessária, para ajudar sua família que dependia exclusivamente de seu ganho.

A vida lhe impôs essa condição e resignada, simplesmente aceitou, até ventos perturbadores soprarem a presença de um lutador inconveniente para agitar sua rotina.

O temperamento parecido fez ambos se desafiarem desde o começo e, uma ação imprudente, coloca em risco a garota por quem Krivor se encantou e ambos tem o destino completamente mudado.

No mar de acontecimentos, ele tentando protegê-la e ela querendo desvendar todo seu mistério, chegarão a um pesado dilema: algumas dívidas são pagas em valores que dinheiro algum pode comprar, no entanto, é bom estar ciente do quanto está disposto a perder.



Se Entregando ao Amor + Uma Quadrilha em Vegas (Box e Conto):

<https://amzn.to/2xKML12>

EXPLOSIVA & ARROGANTE – LIVRO 1

Vega Velasquez, uma mulher linda, forte, inteligente e decidida, que sempre soube o que quis da vida, que é tornar-se a CEO na empresa do seu pai.

Antônio Machado, CEO, lindo, sexy, gostoso e muito arrogante. Ele sempre gostou de ter controle de suas emoções e não se deixava levar por uma vida de aventuras.

O encontro deles não começou bem.

Podem duas pessoas com personalidades tão fortes, se permitirem viver um grande amor?

OBSTINADO & ATREVIDA – LIVRO 2

No auge dos seus vinte e oito anos, Aldria Garcia jamais imaginou viver as confusões que a cercam. Dona de uma boca muito atrevida, uma personalidade marcante e um corpo avantajado, ela se vê confusa e atrapalhada, quando o grande amor de sua vida resolve que a quer de volta.

Um homem obstinado e de opinião determinante, Júlio Gouvêa, após sete anos longe da mulher de seus sonhos, resolve que é o momento de resgatar o amor perdido.

Entre confusões e mal-entendidos, eles constroem sua história à base de muitas risadas, algumas incertezas e uma boa dose de erotismo.

PETULANTE & INSENSÍVEL – LIVRO 3

Caio Alencar Barreto, ex-Oficial da Marinha Brasileira, um homem de caráter e opinião concisa.

Dono de uma firma de segurança e braço direito de Antonio Machado, ele leva sua vida de forma direta, sozinha e sem perspectivas para ter um relacionamento.

Amanda é apaixonada por dança e nutre um grande amor por Caio, desde adolescente.

Ela sempre fez questão de provocá-lo com sua boca petulante e seu jeito menina-mulher, mas não imaginava que seu grande amor poderia se revelar totalmente avesso aos seus sentimentos.

Quando o desejo grita em ambos, os conflitos começam.

DOCE & LIBERTINO – LIVRO 4

Um homem convicto de sua vida desregrada, Olavo Gouvêa tem tudo que almeja aos seus pés. Mulheres, dinheiro, poder e a promessa de assumir a cadeira do império dos Gouvêa.

Tudo cai por terra quando sua família o pressiona para mudar seus hábitos nada discretos.

Sua única saída é convencer a pessoa que ele mais magoou, devido a sua vida promiscua, a ajudá-lo com a pressão familiar.

Lola, a menina do interior que conseguiu a duras penas conquistar seu espaço no mercado de trabalho, se encontra linda, forte e determinada em perseverar na vida. Só há um porém: ela não consegue esquecer seu amor descabido por Olavo.

Em um pedido nada convencional ela vê a oportunidade de mostrar ao cafajeste do ex o que ele perdeu. Mas ela será capaz de fazer isso sem envolver seus sentimentos e coração?

Com muitas confusões, negações e doses cavalares de humor, venha conferir o último livro da série Se Entregando ao Amor.

BÔNUS - UMA QUADRILHA EM VEGAS

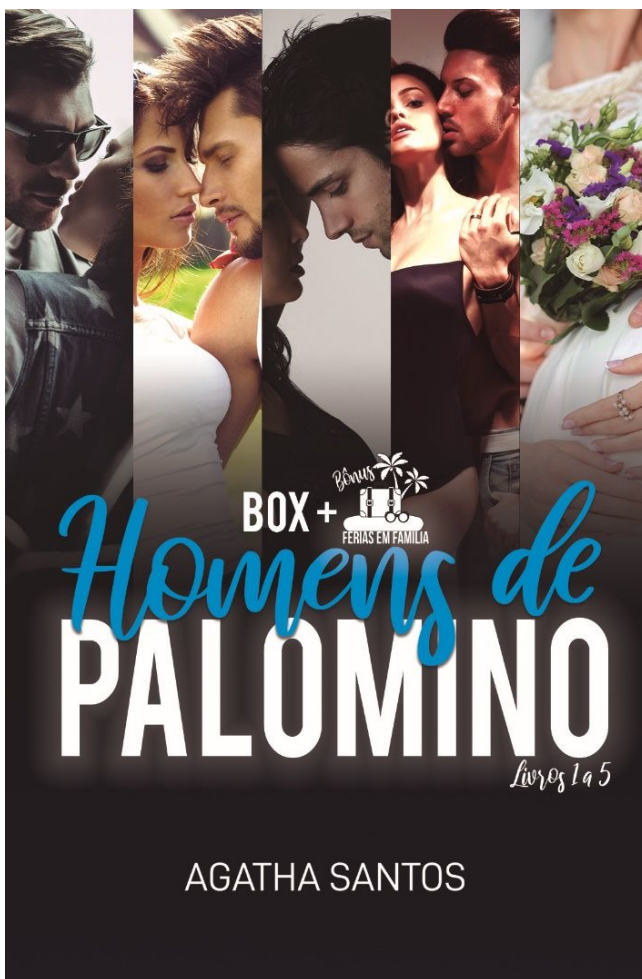
Cinco anos se passaram e a vida não poderia estar mais perfeita para todos aqueles casais. Ou será que não?

Casa, filhos, maridos dominantes e esposas tão temperamentais, fez cada uma deles questionar o quanto ainda mereciam aproveitar a vida.

Numa decisão impulsiva, Vega; Aldria; Amanda; Lola e Lucca, embarcam para Vegas a fim de respirarem um pouco e sair da rotina de suas vidas.

Quando a vida começa a cobrar o preço das responsabilidades, eles arrumam um jeito de bagunçar tudo e fazer os maridos ficarem loucos e desesperados.

Se a entrega ao amor foi verdadeira, agora é chegado o momento de ver o quanto é resistente.



Homens de Palomino:

<https://amzn.to/393PNx0>

Sinopse: Esta obra compõe os cinco livros da série Homens de Palomino e conta com um bônus da família Queiroz anos depois.

Detestável Para Mim - livro 1

Perfeito Para Mim - livro 2

Criado Para Mim - livro 3

Eterno Para Mim - livro 4

Devotado Para Mim - livro 5

BÔNUS

A vida em Palomino não poderia estar mais perfeita. Os cobiçados Queiroz continuavam casados, procriando e felizes com a nova família formada.

Em se tratando das filhas de dona Lélia, nem tudo eram flores, havia momentos, vários deles, que prefeririam estar a quilômetros de distância dos maridos, ora por motivos sérios, ora por puro charme e provocação.

Quando um dos casais programa uma viagem de férias para a família, tudo poderia ser perfeito, da forma que planejaram por meses, mas privacidade é algo não muito respeitado entre o bando, assim como os segredos.

Bem-vindos às férias em família dos Queiroz, mesmo que a contragosto de um ou outro.

[1] O mesmo que "Pode uma coisa dessas?"

[2] Local de contenção ou imobilização de animais com objetivo de alguma prática de manejo.

[3] **Professional Bull Riders** - é uma empresa norte-americana que promove competições internacionais de montaria em touros (rodeio). Com sede em Pueblo, no Colorado, nos Estados Unidos, foi fundada em 1992 e atualmente conta com aproximadamente 1000 caubóis dos Estados Unidos, Canadá, Brasil, Austrália e México, sendo considerado o circuito de rodeio mais rico e importante do mundo.

[4] O mesmo que ter um chique; passar mal; desmaiar; ou ficar nervoso ao extremo. É uma sensação exagerada em um momento de estresse extremo.

[5] Palavra expressada como uma forma de irritação, repreensão, ou até mesmo como expressão de tristeza, no mesmo intuito de "avé" ou de "que droga".

[6] Mulher gostosa.

- [7] *O mesmo que cara, rosto, face.*
- [8] *Vestimenta padrão de um peão: um chapéu, uma camisa bem-acabada, bota e fivela.*
- [9] *Admiração ou surpresa extrema.*
- [10] *O mesmo que tirar onda, fazer troça, zombar, ridicularizar, fazer piada de.*
- [11] *O mesmo que pessoa chata, insuportável, vacilão, que não é boa pessoa.*
- [12] *Animal bom de briga, que geralmente leva o peão a boas notas.*
- [13] *O mesmo que criança, garoto.*
- [14] *Gíria para homem, rapaz.*
- [15] *Festanção, agito.*
- [16] *Temporal de Amor – Leonardo.*
- [17] *O mesmo que mulher bonita.*
- [18] *Diabo.*
- [19] *O mesmo que trabalhar.*
- [20] *Usado no lugar de filho da puta.*
- [21] *Pessoa inquieta, agitada, desassossegada.*
- [22] *Cair no chão ou em algum lugar.*
- [23] *Indicação de pouco.*
- [24] *Grupo de cavalos e touros alugados para os rodeios*
- [25] *O mesmo que “de você”.*
- [26] *Tomado de amor; apaixonado, enamorado.*
- [27] *Mulher interessada nos competidores.*
- [28] *Dar trabalho, incomodar.*
- [29] *Aquele que usa o chapéu ao contrário.*
- [30] *Cowgirl bonita, ajeitada.*
- [31] *Pessoa ou animal agitado demais.*
- [32] *O mesmo que ascender o desejo.*
- [33] *Anel de noivado.*
- [34] *Calça de couro com franjas usada pelo peão durante a montaria por cima da calça jeans.*
- [35] *Arquibancada lotada.*
- [36] *Usado para referir a uma pessoa chata, insuportável, vacilão, que não é boa pessoa.*
- [37] **Boi pulador.**
- [38] *Albert Einstein, cientista. No caso, Edmundo faz chacota com a sua percepção óbvia.*

[39]. Citação a Albert Einstein

- [40] *Dono das Tropas.*
- [41] *Romaria - Renato Teixeira.*
- [42] *Copinho de cabaça usado para tomar cachaça.*
- [43] *São principalmente os artistas do sertanejo universitário que usam o termo modão para retratar a música feita por artistas dos anos 1980 e 1990 dentro do cenário sertanejo.*
- [44] *1. Apertar com arrocho. 2. [Figurado] apertar muito.*
- [45] *Animal que não pula na montaria.*
- [46] *Esta expressão quer dizer que a pessoa vai ficar muito brava.*
- [47] *Só Tem Eu - Zé Felipe.*
- [48] *Bijé grosso.*
- [49] *É uma expressão usada para indicar uma pessoa que tem uma voz tão estridente e desafinada, que chega a ser desagradável e irritante.*
- [50] *Nuvem de Lágrimas — Chitãozinho & Xororó.*
- [51] *Investe em Mim — Jonas Esticado.*
- [52] *O mesmo que emburrado.*
- [53] *Olá em Turco.*
- [54] *Termo usado para árabe. (dialeto do personagem)*
- [55] *Animal bom para rodeio, que pula.*
- [56] **O mesmo que safado.**

Table of Contents

[Sinopse](#)

[Dedicatória](#)

[Nota da Autora](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Lucio](#)

[Capítulo 2](#)

[Babi](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Lucio](#)

[Capítulo 5](#)

[Babi](#)

[Capítulo 6](#)

[Babi](#)

[Capítulo 7](#)

[Lucio](#)

[Capítulo 8](#)

[Babi](#)

[Capítulo 9](#)

[Lucio](#)

[Capítulo 10](#)

[Lucio](#)

[Capítulo 11](#)

[Babi](#)

[Capítulo 12](#)

[Babi](#)

[Capítulo 13](#)

[Lucio](#)

[Capítulo 14](#)

[Babi](#)

[Capítulo 15](#)

[Lucio](#)

[Capítulo 16](#)

[Babi](#)

[Capítulo 17](#)

[Babi](#)

[Capítulo 18](#)

[Babi](#)

[Capítulo 19](#)

[Lucio](#)

[Capítulo 20](#)

[Babi](#)

[Capítulo 21](#)

[Babi](#)

[Capítulo 22](#)

[Lucio](#)

[Capítulo 23](#)

[Babi](#)

[Capítulo 24](#)

[Lucio](#)

[Capítulo 25](#)

[Babi](#)

[Epílogo](#)

[Lucio](#)

[Fim](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

[Outras Obras](#)